

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**RÔMULO MACARI DA SILVA**

**AGROFLORESTAS:**

**Reaproximando Homem e Natureza por uma ética do habitar**

**CURITIBA**

**2012**

**RÔMULO MACARI DA SILVA**

**AGROFLORESTAS:**

**Reaproximando Homem e Natureza por uma ética do habitar**

Dissertação entregue como requisito parcial para a obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento-PPGMADE da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Orientador Prof. Dr. Alfio Brandenburg  
Co-orientador Prof. Dr. José Edmilson de Souza Lima

**CURITIBA**

**2012**





## AGRADECIMENTOS

A Deus e a toda Natureza, Mãe Divina, pelo Céu azul, o Sol, a Lua e as Estrelas  
Ao Eterno Professor que me ensina a aliar o amor à disciplina: caminho de ser quem eu sou  
À floresta e seus seres, mistérios das sendas verdejantes que quero aprender a trilhar  
A meus pais, e os pais de meus pais, meus sempre exemplos de luta na dignidade e no amor  
A meu amor de todo sempre, Priscila, luz no meu destino  
A meu pequeno presente, Benjamin, amor e verdade  
A minha sogra, Vovó Cida, pela confiança e paciência  
A meu irmão e companheiro, da união é que nasce a força  
A toda a família, amigos e irmandade, esteios da minha vida  
Ao ser brasileiro deste povo que me encanta  
A COOPERAFLORFLORESTA e seus professores desta grande lição, caminho de agroflorestar  
Ao Projeto Agroflorestar, coordenado pela Cooperafloresta e patrocinado pelo Programa Petrobras Ambiental, em cujo âmbito de ações este trabalho foi desenvolvido  
Ao projeto Agroflorestas da EMBRAPA, pelos aprendizados permitidos por uma convivência, mesmo que curta, com tantos pesquisadores  
Ao MADE pelo abrigo e possibilidade ímpar de debates, a todos os colegas e professores,  
Ao professor José Luiz Ceveira pela força em momentos decisivos  
Ao professor Dimas Floriani por ver o que eu ainda não via  
Ao professor José Edmilson por abrir caminhos aqui nesta América-Latina e em especial ao Professor Alfio Brandenburg pela paciência e correção.

“É o caminho de volta pra casa. É isso. Tô voltando pra casa. Reconciliação. O ponto de chegada é o que menos importa. Nunca nada vai chegar ao fim...em lugar nenhum, então é caminhar sempre.”  
(Pedro, Agrofloreteiro da COOPERAFLORRESTA.)

### O Caminho do Campo

Do portão do Jardim do Castelo estende-se até as planícies úmidas do Ehnried. Sobre o muro, as velhas tílias do Jardim acompanham-no com o olhar, estenda ele, pelo tempo da Páscoa, seu claro traço entre as sementeiras que nascem e as campinas que despertam, ou desapareça, pelo Natal, atrás da primeira colina, sob turbilhões de neve. Próximo da cruz do campo, dobra em busca da floresta. Saúda, de passagem, à sua orla, o alto carvalho que abriga um banco esquadrado na madeira crua. Nele repousava, às vezes, este ou aquele texto dos grandes pensadores, que um jovem desajeitado procurava decifrar. Quando os enigmas se acotovelavam e nenhuma saída se anunciava, o caminho do campo oferecia boa ajuda: silenciosamente acompanha nossos passos pela sinuosa vereda, através da amplidão da terra agreste.

O pensamento sempre de novo às voltas com os mesmos textos ou com seus próprios problemas, retorna à vereda que o caminho estira através da campina. Sob os pés, ele permanece tão próximo daquele que pensa quanto do camponês que de madrugada caminha para a ceifa...”

(HEIDEGGER, 1949)

## RESUMO

O presente trabalho, a partir de uma perspectiva que compreende uma diversidade de saberes, vê emergir a Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo/SP e Adrianópolis PR/ e o seu modelo agroflorestal como alternativa ao modelo do agronegócio, mas também enquanto racionalidade capaz de encetar outras abordagens ao conhecimento da natureza e do próprio homem. Com a ajuda das ciências humanas buscamos, através do diálogo, compreender as transformações vividas pelos agricultores a partir do contato com o saber agroflorestal, bem como suas novas estratégias de conhecimento baseadas em uma “nova” visão de mundo. Nossas concepções metodológicas revitalizadas pela pesquisa de campo, que se efetivou enquanto observação participante e entrevistas semi-estruturadas, pretenderam, do conflito com o reduativismo matemático típico do cânone científico moderno, nos lançar em busca de aberturas possíveis para a compreensão de uma outra relação homem- natureza que não a calcada no modelo hegemônico capitalista. Como resultados da pesquisa encontramos as bases para uma nova forma de habitar na e com a Terra, baseada numa percepção acurada relacionada a princípios como: respeito pela Natureza, reciprocidade, a inserção do humano no ecossistema, a cooperação de todas as formas de vida e o constante aprimoramento operado pelo “trabalho da Natureza”, ambos os pólos mediados por uma relação de “amor e carinho” que vem permitindo a construção de um caminho de descoberta e aprimoramento. A este modo de pensar, ver e fazer chamamos de “ética do Habitar”.

**PALAVRAS CHAVE:** Diversidade de saberes, Agrofloresta, visões de mundo, relação homem- natureza, ética.

## ABSTRACT

The present work, from a perspective that encompasses a diversity of knowledges, sees the emergence of the Association of Agroforestry Farmers of Barra do Turvo/SP and Adrianópolis PR/ and its agroforestry model as an alternative to the model of agribusiness, but also as a rationality able to engage other approaches to knowledge of nature and of man himself. With the help of the human sciences we seek, through the dialog, to the understanding of the transformations experienced by farmers from their contact with agroforestry knowledge, as well about their new strategies based on a "new" world vision. Our methodological conceptions revitalized by field research, that arose while participant observation and semi-structured interviews, wanted to, from the conflict with the mathematical reductionism typical to the canon of modern science, launch us in the search of possible openings for the understanding of another man- nature relationship that not the sidewalked in hegemonic capitalism. As the search results we find the foundations for a new way of living in and with the land, based on an accurate perception related to principles such as: respect for nature, the cooperation of all forms of life, reciprocity, the constant improvements operated by the "work of Nature" and the insertion of the human in the ecosystem, both poles mediated by a relation of "love and affection" that allows the construction of a path of discovery and elaboration. This way of thinking, seeing and living we called the inhabiting ethics.

**KEYWORDS:**Diversity of knowledges, Agroforest, World Vision, man-nature relationship, ethics.



## SUMÁRIO

<b>EPIGRAFE.....</b>	<b>06</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>07</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>08</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DO PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>20</b>
2.1 UMA METODOLOGIA POSSÍVEL.....	28
2.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	31
<b>3 A REGIÃO E A COOPERAFLORFLORESTA NO CONTEXTO DA OCUPAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>37</b>
3.1 O QUE É DESENVOLVIMENTO?.....	37
3.2 BREVE HISTÓRICO DA REGIÃO.....	46
3.3 A COOPERAFLORFLORESTA.....	54
3.3.1 AGROFLORESTA NA PRÁTICA: A EXPERIÊNCIA DA COOPERAFLORFLORESTA.....	61
<b>4 CAMPONESES: VISÕES DE MUNDO E RELAÇÕES SOCIAIS.....</b>	<b>70</b>
4.1 CONCRETIZANDO UM SER AUTÊNTICO.....	89
<b>5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>97</b>
5.1 ESCLARECIMENTOS.....	97
5.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>105</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho não poderia deixar de iniciar fazendo referência ao próprio histórico de sua construção bem como às intenções que o motivaram. Fruto da turma 01 de mestrado do Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR (MADE-UFPR) traz em si um pouco da discussão permitida pelo programa na modesta visão de um estudante de filosofia que ama a Natureza e seu país. Não que nos tenhamos alçado a interdisciplinaridade ou a transdisciplinaridade, tais discussões no entanto, refletindo sobre os limites do paradigma atual, iluminam um horizonte e nos instigam a caminhar.

Vale lembrar que no primeiro ano do mestrado os módulos de aulas foram realizados juntamente a turma 09 do doutorado, experiência extremamente significativa pela oportunidade de debates e trabalhos que foram realizados em grupo. Tais módulos versavam tanto sobre as bases das “ciências naturais” como das humanidades, muitas vezes explorando as tensões e conflitos que permeiam a busca por uma integração entre esses polos.

Todo o processo de construção do projeto de dissertação foi amparado por um grupo com temática semelhante, intitulada: “Crise Alimentar e Agroecologia”. Grupo que por sua vez nos ligava a turma 08 de doutorado que coletivamente havia construído referenciais teóricos que embasavam tal temática, este referencial teórico está exposto no texto: “TECENDO UMA GLOBALIZAÇÃO ALTERNATIVA: EXPERIÊNCIAS DA REDE ECOVIDA NA CONSTRUÇÃO DE ALTERNATIVIDADES SOCIOAMBIENTAIS PARA O ENFRENTAMENTO DA QUESTÃO ALIMENTAR” . Tal processo foi muito importante pela possibilidade de trocas entre as áreas, tanto dos mestrandos (agronomia, biologia, direito, educação ambiental, filosofia, nutrição e turismo) como dos doutorandos e professores.

As discussões nos levaram, ainda que tal não fosse obrigatório, a escolhermos um campo comum para as pesquisas, principalmente pelas

possibilidades de complementaridade e discussões de um grupo multidisciplinar trabalhando em uma mesma área.

Como parte dos doutorandos já estava trabalhando com a Associação dos Produtores Agroflorestais de Barra do Turvo/SP e Adrianópolis/PR (COOPERAFLORESTA), que pela conjunção entre movimento social, comunidades tradicionais e radicalidade no processo produtivo se faz campo fértil para os trabalhos, decidimos propor à equipe técnica da associação e a alguns agricultores a realização do nosso trabalho de pesquisa.

Tendo iniciado seu trabalho em 1996, a COOPERAFLORESTA, localizada na divisa entre Paraná e São Paulo, municípios de Barra do Turvo(SP) e Adrianópolis(PR), é uma associação de agricultores que congrega mais de 100 famílias, sendo grande parte delas quilombolas. Tais famílias estão organizadas em grupos que elegem seus representantes e se relacionam através de um conselho deliberativo, constituindo uma rede. Seu sistema de produção agroflorestal hoje se constitui numa referência a nível nacional, integrando espécies nativas e exóticas florestais com cultivos anuais, gerando uma alta produtividade e permitindo a regeneração de uma série de serviços ecossistêmicos.

Tal associação se constitui como um dos núcleos da Rede ECOVIDA de produtores agroecológicos. Essa rede, que fornece um selo de certificação de produto ecológico, implantou, de forma pioneira no sul do país, um sistema de **certificação participativa** aonde os próprios agricultores realizam em seus grupos a auditoria para a aquisição e certificação pelo selo. Este processo é bastante significativo por promover o estreitamento de laços econômicos, sociais e culturais, além de promover a autogestão de importantes recursos da agricultura agroecológica.

No início do trabalho de campo, como porta de entrada na região, participei, junto com os doutorandos Julian e Almir, de um mutirão na casa do atual presidente da COOPERAFLORESTA conhecido como Pedro baiano que é também um dos agricultores fundadores da associação. Nessa ocasião foi

marcada a reunião para apresentação da proposta dos mestrandos do MADE. É importante mencionarmos desde já que nossa **pesquisa de campo** esteve circunscrita aos agricultores/agrofloresteiros da COOPERAFORESTA. Ainda que na abordagem histórica trabalhemos a região como um todo, nosso trabalho se foca na reelaboração da visão de mundo, das relações sociais e das práticas produtivas realizada por esses associados.

O grupo da turma 01 então, expôs suas expectativas e mostrou-se aberto para oferecer uma contrapartida pelos eventuais desconfortos que pode gerar uma série de pesquisas na mesma região. Essa contrapartida acabou sendo realizada na forma de aplicação de um questionário para todos os associados da Cooperafloresta. Tal questionário, na verdade um plano de manejo simplificado, era uma demanda de atualização da Rede Ecovida.

O processo de sua aplicação foi fundamental para um primeiro reconhecimento da região. Assim no fim do ano de 2010 pudemos percorrer em cinco viagens quase todos os bairros aonde se localizam os grupos e sub-grupos da COOPERAFORESTA, levantando nossas primeiras percepções acerca do funcionamento da associação bem como uma primeira compreensão da visão dos “agrofloresteiros” sobre a sua própria atividade. Isso foi possível não somente pelas informações levantadas pelo questionário como: as principais culturas e os principais tratamentos culturais, dados sobre o manejo animal, comercialização e consumo da família, mas também pela conversa informal com os agricultores que se mostraram receptivos e dispostos a mostrar seu trabalho.

Constatamos no entanto que haviam diversos outros grupos de pesquisadores iniciando trabalhos na região, o que fez com que através dos doutorandos começássemos a formar um grande grupo de pesquisa, ou ao menos as primeiras pontes para tal. Essa organização levou a uma primeira grande reunião, realizada na casa do agricultor e presidente da associação Pedro baiano, também participante da reunião, que contou com a presença do técnico e fundador da Cooperafloresta Nelson, de pesquisadores do ICMBio, da Embrapa, Fundação Florestal-SP, funcionários da Reserva da Jacupiranga além de alunos e

professores do MADE- UFPR, UFPR – Litoral e Departamento de solos.

O desejo dos pesquisadores de ajuda mútua e coordenação entre as pesquisas, além da boa vontade para tal, ainda que colabore para uma gestão democrática dos conflitos não os dirime. Concepções teóricas arraigadas e talvez inseparáveis no modo de se fazer e conceber a “ciência” manifestam-se quase que subliminarmente nos processos de construção mais ou menos coletivos (incluindo a mim próprio). Longe de ser um empecilho no entanto, tal campo se configura numa possibilidade ímpar de debates e tentativas de soluções.

Dentre as maiores preocupações de todos os pesquisadores estava a de um acúmulo de atividades de pesquisa vir a se sobrepôr, gerando uma saturação por parte dos agricultores que já frequentemente tem de se ausentar de suas atividades para os encontros promovidos pela associação bem como para recepcionar uma gama crescente de visitantes. Vale lembrar que o sistema agroflorestal<sup>1</sup> implantado pela Cooperafloresta, baseado nas concepções de Ernst Götsch<sup>2</sup>, tem se tornado uma referência a nível nacional.

Esse fato levou o grupo a procurar socializar o máximo possível todos os

---

1 Tal sistema agroflorestal, chamado também de sistema agroflorestal sucessional biodiverso, caracteriza-se, como exposto no nome, pela inserção do sistema produtivo no processo de sucessão (regeneração) natural, aproveitando a biodiversidade local como promotora da vida rumo a estágios mais avançados do ecossistema, capazes de produzir em maior abundância e portanto suportar uma maior quantidade e qualidade de vida. Uma exposição de parte de suas práticas será realizada no capítulo 3(3.3.1), sendo que nossa proposta é abordá-lo inicialmente a partir de seus princípios sócio -históricos e culturais-filosóficos. <http://www.agrofloresta.net/educacao-agroflorestal/sistema-agroflorestal-sucessional-biodiverso/> Acesso em: 01/03/2012

2 Ernst Götsch é suíço radicado no Brasil. Trabalhou muitos anos na Europa em laboratórios de biotecnologia. Ele conta que ao pesquisar sobre melhoramento genético de espécies forrageiras, que tinham que ser adaptadas a uma maior resistência a doenças e parasitas acabou por se perguntar: “Será que não conseguiríamos mais procurando modos e formas de cultivar as nossas plantas que lhes oferecessem condições para que se desenvolvessem bem em vez de tentar criar genótipos que suportem os maus-tratos a que as submetemos?” É ainda em 1978, na Suíça e na Alemanha que começará a implantar agroecossistemas semelhantes aos naturais na busca de suprir as necessidades humanas. Quando em visita a Costa Rica terá os primeiros contatos com um tipo de sistema agroflorestal já milenar, realizado por diversos grupos indígenas, integrando plantas anuais, cultivos perenes e florestais. A intuição e percepção aguçadas farão de Ernst não só um divulgador mas um propulsor de métodos agroflorestais que estão em constante transformação. Vale lembrar que ele esteve na COOPERAFLORESTA por duas vezes prestando assessoria, sendo a última delas no início do ano de 2011. Ver site:<http://www.sitiocoop.com/doc/entrevistas/ernst-gotsch/> acesso em: 02/02/2012

dados levantados em campo para evitar que questões já respondidas fossem novamente feitas aos agricultores e técnicos. Neste momento o grupo dos mestrandos chegou a iniciar um planejamento coletivo de pesquisa, inclusive propondo a elaboração de um marco teórico básico comum, tendo algumas reuniões sido realizadas neste sentido. Em conversa com os professores, analisando também compromissos pessoais dos pesquisadores, chegou-se a conclusão de que não haveria tempo para os ajustes que seriam necessários para um maior imbricamento dos projetos, isso não impediu no entanto que houvesse uma influência decisiva na delimitação dos temas de pesquisa que cada um viria a abordar.

Assim, também a ideia de que as pesquisas dos mestrandos do MADE fosse sobreposta aos agricultores cujas áreas de agrofloresta fossem selecionadas pela EMBRAPA<sup>3</sup> ou pelo projeto AGROFLORESTAR<sup>4</sup> não foi concretizada, uma vez que os critérios para seleção dos grupos e famílias não eram os mesmos. Tais fatos no entanto não impediram que houvesse uma constante troca de informações bem como o apoio logístico para as viagens a campo, muitas vezes realizadas em conjunto, sendo que há uma boa possibilidade de trocas futuras entre os resultados das pesquisas.

Vale ressaltar que dentro do projeto Agroflorestras da EMBRAPA há uma área de pesquisa sobre conhecimento, antigamente denominada de “transferência de tecnologia”. A evidente interface com alguns projetos do MADE, nos levou também a algumas reuniões sendo que além das trocas entre os pesquisadores já ocorridas ficam boas possibilidades de conversas futuras.

O acúmulo de atividades de pesquisa na região, sobretudo no âmbito da

---

3 O projeto da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) é denominado AGROFLORESTAS e visa um grande levantamento das características que compõem os Sistemas Agroflorestais(SAF`S) da COOPERAFLORRESTA, desde tipos de solo, sua fauna e flora, estado de conservação até as práticas de manejo e comercialização. Além disso pretende replicar tais sistemas em outras regiões, notadamente assentamentos do Movimento dos Sem-Terra em Morretes, litoral do Paraná.

4 O projeto AGROFLORESTAR é financiado pela PETROBRAS e foi aprovado pela própria COOPERAFLORRESTA em parceria com o ICMBio. Com um ano de atividades desenvolvidas pretende, dentre outras metas, analisar os SAF`S e elaborar um Marco pedagógico para uma escolinha Agroflorestal (já realizado) que trabalha sobretudo com os jovens associados.

Cooperafloresta, trouxe algumas dificuldades extras principalmente para os trabalhos das áreas humanas uma vez que demandam um convívio mais próximo com as pessoas para que se possam transpor as barreiras iniciais. As tentativas de superar esses impasses nos levaram a aproveitar momentos em que estávamos em intervalos ou momentos de descanso (no período de aplicação dos questionários por exemplo) para realizarmos conversas informais que começavam a revelar as perspectivas e anseios dos agricultores. Como caminho definitivo no entanto para o contato escolhemos os mutirões.

Os mutirões são momentos muito importantes em todos os grupos da COOPERAFLORESTA. Alguns desses grupos, principalmente os que estão dentro das comunidades quilombolas<sup>5</sup>, já utilizavam essa prática como meio de suprir a carência de mão de obra, mas principalmente como reflexo do processo de integração social, uma vez que a própria terra era um bem coletivo. Porém muitas dessas comunidades estavam abandonando essa prática, sendo que muitos trabalhadores estavam saindo das propriedades para trabalhar. Então, no início da formatação do estatuto da Associação, os membros do conselho<sup>6</sup> definiram o mutirão como um dos pilares do processo de integração da cooperativa. A participação de um membro da família é uma obrigação estatutária e o não cumprimento, sem justificativa, implica em suspensão da comercialização.

Tais mutirões além do trabalho nas agroflorestas (mutirões agroflorestais) são também um momento aonde os representantes do grupo trazem as novidades, os multiplicadores passam novas informações, há troca de sementes, mudas e conhecimentos (mutirões de capacitação), além de discussões e planejamentos do grupo. Frente a uma sociedade que tende muito fortemente ao isolamento e ao individualismo, tal processo se torna ainda mais significativo pois nos dá um indício acerca do modo como esses sujeitos compreendem e

---

5 Cerca de sessenta por cento (60%) dos grupos associados são compostos por quilombolas, é importante ressaltar no entanto que não é a totalidade das comunidades quilombolas que se associam a COOPERAFLORESTA e sim os indivíduos interessados.

6 O conselho de representantes é formado por um representante de cada grupo, que é responsável por trazer as demandas do seu grupo como também por repassar aos demais as decisões do conselho, são eleitos por votação em seus grupos

constroem suas relações sociais a partir de um coletivo. Assim nesses momentos conhecemos várias pessoas do grupo e o mais importante, não desviamos os agricultores de suas atividades programadas, uma vez que nossa presença, ainda que sentida, torna-se mais diluída.

Como já esboçado acima, ao longo do processo de pesquisa torna-se, a cada passo, mais perceptível o peso de nossa formação na maneira como tendemos a interpretar um dado fenômeno, mesmo que refletindo em busca da interdisciplinaridade. A bagagem da filosofia e mais precisamente das correntes que mais me influenciaram fazem tender a uma busca pela unificação entre os processos materiais (trabalho e cotidiano) e o conhecimento e a cultura adquiridos e elaborados sobre o mundo, tanto no seu aspecto social como em seu aspecto natural. É um pressuposto básico deste trabalho que a relação humana com aquilo que chamamos de real está mediada por tais construções (epistemológicas, sociais e culturais, sem desconsiderar aqui os sentidos) sendo esta relação aquilo que chamaremos de realidade.

Partindo desta base como promotora da diversidade humana, encetamos como problema fundamental deste trabalho a busca por formas concretamente realizadas de compreender e agir no e com o mundo que possam contrapor a postura hegemônica da civilização ocidental que se manifesta no processo de acumulação capitalista, na exploração desenfreada dos recursos naturais e na destruição dos povos e culturas autóctones; processos esses muitas vezes ocultados pelo caráter ideológico do método científico que pretende irremediavelmente levar o progresso e o desenvolvimento para o “mundo” e que coloniza também nosso pensamento e nosso imaginário.

Instigados assim a buscar outras formas de relação que possam propor alternativas ao modelo dominante e reconhecendo-nos enquanto parte de uma população quase sempre excluída dos processos de tomada de decisão em nossa sociedade, lançamos algumas questões:

- Qual o pano de fundo histórico-social-cultural das populações em questão e como ele se relaciona com o novo modo de trabalhar



(agroflorestal)?

- Que visões de mundo estão implícitas (ou explícitas) na prática agroflorestal?

A partir destas questões buscamos através do diálogo compreender as transformações vividas pelos agricultores a partir do contato com o saber agroflorestal, bem como suas novas estratégias de conhecimento baseadas em uma “nova” visão de mundo. Para tal levaremos em consideração o saber historicamente herdado bem como individualmente mobilizado por tais agricultores antes de seu contato com a agrofloresta que funcionaram como pontos de ancoragem para a elaboração de uma nova visão de mundo. Visão de mundo esta que integra, hoje, também os saberes dos técnicos re-elaborados ou não.

Advertidos pelo que Paulo Freire<sup>7</sup> chama de equívoco gnoseológico entre as ideias de extensão (ato de estender, ou transferir algo a alguém que se torna um mero receptáculo do conhecimento) e comunicação (ato que não pode prescindir do diálogo e por isso torna o saber adquirido genuíno) atentamos para a transformação pessoal vivida por esses agricultores apontando para as consequentes reconfigurações sociais.

Já desde as primeiras visitas começamos a perceber como a força desta nova visão de mundo tem se demonstrado num processo de descoberta e reelaboração das identidades dos agrofloresteiros. Supomos que o aumento da autoestima, a dignidade e a esperança com relação ao futuro, adquiridos a partir de uma compreensão acerca da Natureza e do seu propósito e trabalho dentro dela, tem capacitado tais indivíduos para um exercício mais pleno de si mesmos, ampliando seus horizontes e permitindo que se apropriem e elaborem um corpo de conhecimentos ecologicamente entretecidos. Na fala de um dos agricultores participantes da pesquisa: “Como é bom uma pessoa poder trabalhar naquilo que gosta, ver produzir um alimento que vai alimentar seu filho com saúde e ainda ver melhorar a terra, não é uma coisa isso, eu acho que dá um sentimento de

---

<sup>7</sup> FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

dignidade na gente”

Devemos ainda ressaltar que, apesar da profunda identificação do pesquisador para com os agricultores que conheceu- o que deporia contra o tão preconizado afastamento do “objeto de pesquisa”- pretendemos transpor o subjetivismo e o ideologismo ao indicarmos nossos pressupostos metodológicos constantemente alimentados pela própria pesquisa em questão.

Novamente refletindo sobre o peso de nossa (de) formação percebemos um distanciamento importante entre a construção de uma pesquisa filosófica e uma pesquisa sociológica. Ainda que a pesquisa filosófica num âmbito pedagógico possa nos levar ao escrutínio de um sistema filosófico com o qual não concordamos, a progressiva aquisição de autonomia tende a nos levar a exposição e justificação de nossas ideias, alicerçadas pelos autores que nos instruíram e inspiraram. Assim na pesquisa filosófica método e conteúdo se encerram mutuamente; afirmação esta que de nenhum modo está isenta de contradições pois se não podemos falar de um objeto em si, ou de uma realidade para além do sujeito do conhecimento, tampouco podemos supor uma determinação puramente subjetiva da realidade; de todo modo a problemática da filosofia pretende investigar a possibilidade de conhecimento sem no entanto particularizar esse conhecimento.

Já a pesquisa sociológica precisa primeiramente definir um escopo metodológico<sup>8</sup> que pretende justificar ou permitir a exposição de um dado social que está para além do pesquisador mas que ele quer exprimir, dado que irá então re-alimentar a formação teórico-metodológica. Esse dado social por sua vez não pode ser objetivamente comparado aos fenômenos estudados pelas ciências da natureza. Sua complexidade reside em querermos cotejar, nos aproximar, de outros sujeitos que compartilham de condições muito próximas das nossas para conhecer e interferir no mundo, ainda que os instrumentos que dispomos para tal

---

8 Para um detalhamento do “método” etnográfico ver **PEIRANO**, Mariza. A favor da Etnografia. Brasília, 1992. Versão digital. Pensamos no entanto que o tempo que passamos em campo não cumpre as exigências para um trabalho etnográfico, ficam as contribuições, ao menos como horizonte, da pesquisa participante e da busca pela imersão no contexto do outro.

sejam diferentes.

As coincidências que conformam o presente trabalho apresentam desafios que esperamos transformar em potencialidades. O primeiro é o de um aluno de filosofia pretender realizar um trabalho que recorre a sociologia, o segundo é o de os sujeitos dessa análise exprimirem tanto em seu trabalho como em suas vidas cotidianas valores muito similares aos preconizados pelos métodos escolhidos para a realização da pesquisa (diálogo de saberes e ecologia de saberes), qual sejam, a busca por um diálogo fecundo e horizontal entre os saberes localmente construídos e os saberes técnicos, mas também encontro entre vida e conhecimento, identidades e saberes, a abertura para o novo e o respeito para com todas as formas de vida (SOUSA SANTOS, 2010; LEFF, 2007). Tais coincidências conformam uma singular condição de inter-subjetividade, logo, nossa exposição não pretende analisar os sujeitos da pesquisa mas com eles estabelecer um diálogo formalizado pela constante busca de expressar conceitualmente suas visões de mundo e ao mesmo tempo realizar nossa trama conceitual, não a partir de uma lógica de divisão do trabalho mas numa busca constante por igualdade.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DO PROBLEMA DE PESQUISA

As discussões a respeito da Natureza e do ambiente nunca foram totalmente estranhas ao percurso sinuoso do múltiplo e complexo conhecimento humano. É ainda recente no entanto a emergência da chamada questão ambiental - historicamente situada no ocaso do paradigma científico ocidental, que parece tocar seus limites diante da possibilidade de uma catástrofe antropogênica da vida- que convoca as disciplinas estabelecidas a um novo olhar sobre seus fenômenos e objetos de conhecimento mas principalmente sobre nossas próprias formas de olhar.

Nesse novo olhar as ciências são chamadas a uma abertura epistemológica, a um confronto com sua historicidade e com seus fundamentos. Destituídas da objetividade absoluta a que lograram se alçar, podem novamente dialogar com os saberes tradicionalmente constituídos, que há séculos sofrem um processo de deslegitimação que Boaventura Sousa Santos chama de *epistemicídio* (SANTOS,2010) .

Tal processo de deslegitimação é concomitante a implantação e disseminação do modelo colonial europeu sobre todo o globo. Nesse processo culturas milenares, ao mesmo tempo em que vão sendo classificadas como atrasadas, dentro de uma escala evolutiva que vê a Europa como grande expoente do moderno, vão também se convertendo em objeto ou, talvez melhor dizendo, mão de obra para a nascente empresa capitalista.

As hoje seculares nações que compõem o riquíssimo mosaico chamado de América- Latina nascem como matéria-prima de um desenvolvimento que não o seu, invisibilizadas pelo que Dussel (2010, p.390) chama de Ocultamento do Ser Colonial. Esse ocultamento que como nos mostra, é tão afim a consciência solipsista<sup>9</sup> típica da modernidade que pretende fundar o mundo a partir de si, e que então facilmente reduz o mundo a um “objeto para mim”, justificando os

---

<sup>9</sup> O solipsismo aqui se refere ao método cartesiano e a relutância em aceitar a própria existência do mundo externo, cuja única forma de conhecimento seguro será reputada como o método da matemática.

“entraves” do processo como males necessário a consecução do progresso.

Desse modo vivemos a séculos sobre um processo naturalizado de espoliação e exploração que gera e aprofunda a desigualdade social e depois a mantém em suas consequências a partir da lógica da divisão do trabalho.

Tal processo, constantemente explicitado pela crítica, saltou ante meus olhos quando numa das viagens a campo para a entrevista dos referidos questionários, um agricultor, morador de uma comunidade quilombola, conversando comigo após a realização da atividade exclamou: “ Então é isso, vocês pensam e nós fazemos”. A simplicidade de tal assertiva nos remete a uma grande e profunda crítica quanto ao processo de produção do conhecimento que nos leva a lançar algumas questões:

- A quem se destina o conhecimento cada vez mais profusamente elaborado nas academias?
- Estariam os pesquisadores e cientistas comprometidos com a superação das barreiras sociais, ou o próprio conhecimento e seus códigos vem se configurando como uma barreira?

E muitas vezes quão confortavelmente aceitamos nossa posição, ainda que lançando mão de uma retórica crítica.

Ressaltamos o artigo de Anibal Quijano, “Colonialidade do Poder e Classificação Social”<sup>10</sup> aonde ressalta ao menos três eixos centrais para o processo de dominação: gênero, raça e relações de trabalho. A crítica às análises marxistas foca-se principalmente no fato de estas se resumirem as relações de trabalho ignorando processos culturais que pretendem naturalizar relações étnicas e de gênero socialmente construídas. Tais processos permeando a teia social acabam por se manifestar dentro do próprio processo de produção do conhecimento gerando o que o autor chama de colonialidade do saber.

Numa pequena incursão a história da filosofia pegamos o exemplo gritante do livro “**Política**” de Aristóteles aonde o cidadão livre é classificado entre os

---

10 QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In, SOUSA SANTOS, B. & MENESES, M. P. Orgs. **Epistemologias do Sul**. Cortez Editora, São Paulo-2010.

homens, adultos, filhos de pai e mãe cidadãos e dono de escravos, os quais executam os trabalhos ditos braçais para satisfazerem as necessidades básicas de seus senhores. Cumpridas tais exigências o homem pode se considerar livre e dedicar-se assim ao cultivo do espírito bem como a direção das instituições e cidades.

Longe de com isso querer indicar a origem da divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, queremos apontar a sua antiguidade bem como mostrar que o importante referencial representado por Aristóteles serviu historicamente como legitimação para uma dada concepção acerca do trabalho e do conhecimento que afirma a liberdade de um sobre a escravidão do outro, sendo que as concepções liberalistas do séc. XVIII ainda ecoavam essa lógica ao “constatar” a inépcia do trabalhador para pensar sobre as questões políticas. Ainda assim, como nos mostra Quijano, tais posições sociais não são jamais extáticas e sim resultantes de um contínuo conflito.

A concepção de que a liberdade só pode ser atingida mediante a satisfação de minhas necessidades por outrem, além de tornar o outro objeto de meus projetos e aspirações acaba por criar uma instância de medição que amortece os conflitos e por que não a dor, não a dor do trabalhador obviamente, que está convertido em ferramenta, mas sim a do patrão a quem importa os frutos do trabalho e só com vistas a estes olha para a Natureza e os outros homens. O diálogo sem palavras travado na lida diária capaz de tão frutuosamente nos instruir, vai progressivamente sendo tomado pela máquina, pela técnica. Depositários de uma longa história nossos instrumentos absolutizam nossas relações cegando-nos para o que está além daquilo que consideramos como nossas necessidades imediatas.

Em nenhuma outra civilização o ser humano concebeu a si mesmo como isolado da natureza, como portador de uma ordem que haveria de submeter o mundo a si:

O mundo aparece agora como um objeto sobre o qual o pensar que calcula dirige seus ataques, e a estes nada mais deve resistir. A natureza torna-se um único reservatório gigante, uma fonte

de energia para a técnica e a indústria modernas (Heidegger, 1980, p. 141 apud UNGER, 2006 p.160).

Partindo dessa perspectiva crítica o presente trabalho pretende aproximar dois polos que por vezes aparecem dissociados, des-enraizados, talvez extirpados um do outro, mas que ao observador atento revelam-se como tão profundamente imbricados que por vezes torna-se difícil, para o pensar, a sua separação. Falamos das formas como o homem compreende o mundo e como isto está imbricado na realidade do seu ser, da sabedoria que acumula e da maneira como tais composições manifestam-se na concretude da vida diária, naquilo em que constantemente nos tornamos, que são nossas histórias, nossas situações e também nosso próprio ambiente. Estamos assim interessados numa proposta que ao re-significar o trabalho o compreenda numa perspectiva integradora, como união de pensar e fazer identificando o ser humano com a forma como vive com e transforma o mundo. O ser humano é assim dentro e fora de si; a essa passagem/integração entre o que pensamos e o como fazemos e existimos chamamos de ética<sup>11</sup>.

Normalmente as pesquisas realizadas sobre agroflorestas estão interessadas em padrões técnicos, na capacidade de recuperar a fertilidade do solo ou nos níveis de produção por exemplo. Tais interesses, para nós, serão apenas indiretamente abordados, uma vez que pretendemos compreender como a prática agroflorestal demanda uma outra forma de ver a própria natureza (que inclui o homem) bem como a atividade agrícola e como isso repercute nas esferas social, cultural e individual; como nos diz um dos grandes mentores da agrofloresta, Ernst Götsch:

...O nascimento de cada ser vivo, a sua força de crescer, de frutificar, de criar o próximo a seguir, de completar o processo de amadurecimento, tendo no final a morte, ou melhor dizendo, a transformação em outras formas de vida - tudo isso faz parte do metabolismo do macroorganismo

---

11 Note-se aqui que a concepção de ética que propomos não é a de uma discussão, mesmo que crítica, acerca de nossos valores, mas sim a de como esses valores se relacionam com nossas práticas. Poderiam nos objetar: Mas como esses valores são elaborados? Compreendemos que a instância que dá ensejo a formação desses valores é a instância da vida, no caso do humano, entendida já como unidade de seu ser biológico e cultural. Desde já nossos atos são sempre éticos por que é inerente ao humano significar seu ser.

Mãe Terra. A sucessão de gerações e a sucessão natural das espécies é o pulso da vida, o veículo em que a vida atravessa o espaço e o tempo. A partir dessa sabedoria, podemos adivinhar o modo de trabalhar e as ferramentas para uma futura agricultura - cultura -que não se tornará mais uma exploração e mineração, como são as práticas dominantes da agricultura moderna.... (GÖTSCH, 1997)<sup>12</sup>.

Sem nos esquivarmos das inúmeras polêmicas acerca da “natureza da cultura”, estamos diante da necessidade de re-estabelecer as conexões entre homem e natureza, diante das profundas águas que podem revelar nosso próprio ser. Cada vez mais tornamo-nos conscientes das inúmeras relações que nos ligam aos ecossistemas que permitem nossa própria existência. Embora sempre presentes tais relações ofuscaram-se sob o brilho crescente da racionalidade instrumental que “conquistou” o mundo moderno, mecanizando-o e mercantilizando-o.

Lembramos aqui de LEFF, quando em seu “Ecologia, Capital e Cultura”(2009, p. 102) afirma:

As sociedades pré-capitalistas mostram já dois tipos claramente diferenciáveis de racionalidade produtiva: uma que tende a assegurar a reprodução sociocultural a partir das condições de equilíbrio do ecossistema; outra que tende a maximizar os benefícios comerciais, o intercâmbio econômico e a produção de excedentes. Num caso, a estrutura funcional do ecossistema condiciona a divisão do trabalho, a organização produtiva e as formações simbólicas de uma formação social. No outro, as práticas sociais e produtivas vão-se subordinando à produção capitalista, impondo-se as leis de mercado sobre as condições ecológicas da reprodução social.

Assumimos tal distinção como especialmente instigante ao nos propor uma reflexão, primeiramente sobre o desdobramento operado pelas sociedades capitalistas (sendo a tendência para tal percebida já em sociedades pré-capitalistas)sobre o seu meio, sobrepujando determinações ecossistêmicas a partir de relações comerciais com um entorno mais abrangente, extraindo

---

<sup>12</sup> Cabe aqui ressaltarmos uma das importantes referências apontadas por Ernst Götsch como tendo influenciado seu pensamento. Falamos de Viktor Schaubergger. Schaubergger foi um livre pensador que desenvolveu suas teorias a partir de uma observação penetrante, muitas vezes a revela das concepções científicas dominantes. Seu livro **Our Senseless Toil – The source of the world crises** aponta a ciência moderna e seus métodos como grande culpada pela situação, que ainda nos anos vinte previa que iríamos passar.



excedentes e acumulando capital , e depois quando nos aponta as constantes referências de certas sociedades tradicionais ao seu entorno, estando focadas em recursos endógenos para a satisfação das necessidades dos indivíduos e para a reprodução social.

Para o autor em questão a cultura age como mediadora entre as questões econômicas e ecológicas, sendo no entanto irreduzível a qualquer um dos polos. A ruptura entre a ordem simbólica, ou seja a linguagem, e a natureza, não deve ser sanada, uma vez que ela é o próprio signo da condição humana. Ambas as partes agindo dentro de seus próprios limites : a ordem simbólica, porque o pensamento que se dirige ao objeto pertence a ela: é, portanto, um desdobramento entre o real e seu conceito (realidade); o real, no entanto, se mantém irreduzível, ao passo que impõem limites às escolhas e composições elaboradas pela cultura(LEFF, 2006).

Ainda, o autor nos afirma que a relação entre o pensamento criativo e o potencial do real, esse puro ser por si, não pode se dar dentro de um esquema monista; segundo nos diz: “[...]só o dualismo deixa ser ao ser e libera o pensamento[...]”(LEFF, 2006 p.109). Para o autor a diferença e ruptura implantadas pelo pensamento criativo, ordem simbólica (linguagem), é que imprimem a realidade a marca do não necessário, daquilo que foge ao pré-concebido.

Podemos dizer que tal posição remonta ao fato de que muitas posições monistas pretenderam fixar-se de antemão enquanto realistas ou idealistas. Independente de suas escolhas, entretanto, alçavam sua posição ao âmbito das coisas mesmas fixando a estas seus próprios parâmetros, enquanto Leff propõe uma irreduzibilidade entre o real e o pensar o real(realidade). Mas porquê não podemos conceber uma unidade para além das posições relativas aos sujeitos?

E se concebermos uma unidade que comporta em si a pluralidade de sentidos, que em sua inesgotabilidade de possibilidades permite o conhecimento enquanto o expressar da realidade que é sempre uma com o próprio sujeito, elementos possíveis, mas nunca suficientes para abarcar o real. Leff (2006 p.108)

afirma que se mantivermos o todo enquanto categoria: “... não há liberdade e vida recriada pela ordem simbólica”. Mas não há recriação e ainda assim nos seus arranjos, na sua composição de sons e tempos, a música se faz em possibilidades infinitas.

Pensamos ainda assim estar de acordo com o autor quando nos diz:

A obra de um povo se produz como sua forma particular de ser em seu mundo, de dizer seu mundo e de criá-lo ao dizê-lo, mas essa “criação” de sua verdade como identidade não prescinde nem se abstrai do real. Sua identidade, seu *estilo étnico* nasce desse encontro do real de sua natureza- do seu ambiente, do seu entorno ecológico- com suas formas de significação como construção de seus territórios de vida (LEFF, 2004).

A proposta agroecológica, dentro da qual enquadra-se como importante expoente a prática agroflorestal, pode ser entendida como uma crítica à tecnificação que se sobrepôs a todos os âmbitos da vida. A valorização da experimentação e principalmente da intuição, não mensurável por métodos científicos, que faz as experiências sempre únicas, podem ser entendidas como uma busca por harmonização com a Natureza, mediante a qual se busca um estilo de vida que manifeste a sua própria identidade. Tal processo é visto por alguns como um entrave a disseminação e a institucionalização da agricultura ecológica, na verdade como cerne da questão essa proposta é o que mantém a agricultura alternativa em sua posição transformadora e de contestação.

A discussão de Martin Heidegger (1994) acerca da técnica e da modernidade é especialmente interessante nesse ponto, pois nos mostra que mais do que restringir o uso da técnica ou usá-la profilaticamente o que está em jogo é o fato de o *pensar que calcula* estar determinando a totalidade da vida humana, impedindo que o humano se reconheça naquilo que lhe é mais próprio: o pensar que indaga o mistério do mundo, que vê mais além e mais aquém que a técnica, o *pensar meditativo*. Heidegger (1949) propõe então que saibamos dizer sim e não aos objetos da técnica, sim pela necessidade de seu uso, mas sem que com isso prendamo-nos a eles, ou nos escravizemos, o que nos tornaria apêndices da técnica; tal postura frente as coisas é o que chama de *serenidade*. Podemos dizer

que tal discussão guarda certa semelhança aos conceitos de racionalidade instrumental e racionalidade comunicativa tal como desenvolvidos por Habermas.

O que nos chama a atenção em ambas as propostas é que se por um lado promovem uma crítica radical da técnica por outro pretendem demarcar seu escopo para com ela conviver. A situação de um mundo tecnificado e ordenado pela técnica habitado por seres humanos livres, compondo instituições democráticas aparece no século XXI como um paradoxo insolúvel. Ou aceitamos a técnica com as consequências de sobredeterminação das relações culturais, sociais econômicas e ambientais, ou assumimos o desafio de transformação dessa técnica, admitindo nossa dependência com relação a ela, mas propondo um caminho de transformação de nossas concepções que gerem outras formas de produção de conhecimento e conseqüentemente novas relações entre o homem e o homem e o homem e seu ambiente.

Dentro da perspectiva integradora dessas novas concepções, que visam transcender mas não descartar o âmbito disciplinar do conhecimento, o homem não pode mais ser compreendido isolado de seu meio, sanar o solo e os ecossistemas é recuperar nossa própria integridade. A prática da Agrofloresta aparece assim como um campo de muitas possibilidades, uma vez que promove e intensifica, para ambos os lados, a relação entre o homem e a natureza, representada aqui pela tendência florestal de todos os ecossistemas brasileiros. Compreender como “novas”<sup>13</sup> formas de ver a natureza e o próprio homem fomentam novas práticas, assim como o ensino de novas práticas pode fomentar outras compreensões será o nosso esforço. Bem como refletir sobre a relação entre essas práticas e os saberes tradicionais, compreendendo até que ponto tais comunidades estão se apropriando realmente desses conhecimentos, tornando-os legítimos e escapando a um processo de tecnificação. Pensamos, novamente com Enrique Leff (2009, p.100) que:

---

13 A discussão sobre a novidade destas formas de compreender, se elas surgem a partir de novos conhecimentos oriundos das modernidades ou se são o resgate de visões ancestrais, acompanhará toda a reflexão deste trabalho.

Daí a importância de investigar a organização social e produtiva das culturas tradicionais, das comunidades primitivas e das **sociedades camponesas**, para conhecer e revalorizar o processo histórico de assimilação cultural dos processos ecossistêmicos e das transformações que sofreu o meio, assim como os traços culturais fundamentais que constituem a identidade étnica de uma comunidade. Isto permite descobrir a racionalidade de suas práticas de uso dos recursos...(grifo nosso)

Problematizamos desde já a tendência oriunda do método científico (indutivo) de buscar a partir dos estudos de caso formatar uma meta teoria capaz de fornecer leis gerais. Apesar de este ser um problema quase que concomitante ao surgimento das ciências sociais, ainda assim perguntamos: qual o status do pesquisador que pretende analisar um outro? Que possibilidades para tal?

Aceitamos como resposta crítica a este questionamento a possibilidade do estabelecimento de um diálogo horizontal baseado no respeito e na escuta. Logo nossa busca por uma discussão conceitual acerca das ideias da agrofloresta pretende orientar-se pelos mesmos princípios preconizados pela própria ideia de agrofloresta colocando-nos lado a lado com os sujeitos da pesquisa.

Agroflorestar a pesquisa universitária é não sujeitá-la aos princípios mercadológicos e instrumentais que inspiram a produção científica atual, acreditando que é da abertura consciente e intuitiva (no sentido de perceptiva) para com o ser que podem surgir ou ressurgir sentidos fundamentais que indiquem caminhos possíveis para a vida.

## 2.1 UMA METODOLOGIA POSSÍVEL

Como afirmamos acima, todo trabalho que se pretende científico precisa para tal explicitar sua metodologia, ou os caminhos escolhidos para se alcançar/construir o conhecimento. Essa é uma premissa básica da ciência moderna que pretende, ao **justificar** o conhecimento, superar uma visão ingênua, um modo irrefletido de conhecer.

O paradigma científico, no entanto, através da afirmação de seus critérios para a validação do conhecimento como os únicos plenamente justificados, invisibiliza os saberes construídos e acumulados por outros povos e civilizações, que ao serem citados trazem os predicados de mágicos, arcaicos, supersticiosos, no mínimo pré-científicos.

Muitas vezes objeto de análise das “ciências humanas”, incluso aqui certas antropologias, as cosmologias e ritos de outras sociedades, são a partir daquelas, “trazidos a luz”, como se seu sentido psicológico ou social pudesse ser desvelado a partir de uma análise racional, racionalizadora. Tal situação relaciona-se a crença de que a Europa, ou parte da Europa, teriam a missão de redimir todos os povos; sendo que das pouquíssimas referências feitas pelos filósofos europeus a outras sociedades e culturas a grande maioria dirige-se a elas como estágios inferiores, ou anteriores de desenvolvimento.

Ainda assim os conhecimentos oriundos de outras civilizações, mesmo que extraídos de seu contexto, são amplamente utilizados pela racionalidade instrumental típica do “ocidente”. Isso, contudo, ocorre a partir do recorte de seus princípios ativos por uma metodologia que é via de regra: empirista-materialista e pragmática.

Como exemplo poderíamos considerar uma planta, usada na medicina de um dado povo – ritualisticamente segundo determinados preceitos- para curar certas doenças, que tendo uma de suas substâncias isolada e transformada em comprimido preste-se a curar um cidadão de uma metrópole do séc. XXI. Como nos diz a agrofloresteira Dolíria ao ensinar os remédios que utiliza para gripe:

As folhas da laranjeira você usa no começo que é para amadurecer a gripe, já as folhas da mixirca são para cortar a febre. Mas folhas da mixirica e da laranjeira que você for usar, não tira elas inteira, tora a ponta delas, cozinha de 3 a 5 pontas daí...em cada planta daquela que você for tirar a folha você fala: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo que aquilo ali, não é o remédio que vai passa a gripe é Deus que manda a cura...por meio das plantas que Deus deixou né.....que o nosso Deus é o médico dos médicos então não adianta nada ter o remédio e não pensar em Deus primeiro né...que não vai fazer proveito, tudo que manda é a pessoa crer né...

Tais exemplos corroboram o ponto de vista de que o conhecimento pode extrapolar seu contexto, mas são as formas como dele nos apropriamos e os interesses envolvidos em sua utilização que determinarão o quadro de suas relações com um “todo” social, biológico, ecológico e espiritual.

A visão cientificista tende a uma fragmentação excessiva, tanto de seus conceitos (na formação do que chama de objeto do conhecimento) como de seus produtos. Tal fato relaciona-se com a rejeição da busca por um sentido interno, alijando-nos de nossa posição que não pode ser resumida ao matematicamente mensurável, o que corta os nexos mais profundos de origem e pertencimento dos seres a uma teia de relações que os forma. Assim não está em jogo apenas uma busca pelos pontos de intersecção entre as disciplinas científicas e seus escopos metodológicos, mas sim a busca por uma abordagem do mundo que assuma o homem desde uma perspectiva mais ampla e integral.

Atentamos no entanto para os alertas quanto ao vazio em que muitas vezes descambam teorias por demais totalizantes ou certas compreensões do que seria o holismo. Não se trata aqui de um saber do todo, se trata de compreender a tecedura a partir da tecedura; a universalidade do conceito é relativizada enquanto a particularidade dos sujeitos é universalizada sob a constatação da igualdade de suas posições dentro de um **dado** que nos ultrapassa a todos. Não é porque vemos o mundo (objetificado) desde cima que podemos sobre ele nos pronunciar, é porque “estamos” inseridos em múltiplos níveis de relações (ambientais, econômicas, culturais, sociais) por meio das quais invariavelmente tocamos uns aos outros.

Pretendemos assim romper com a dicotomia: tradicional / moderno, que classifica este como o âmbito da razão livre que a tudo indaga e tudo funda a partir de si e aquele como o campo do dogma, do guardião e das verdades formulares, como o quer Giddens (1997). Muitas sociedades tradicionais comportam a deferência, o respeito e a autoridade associadas a figura de um guardião, mas os estudos etnográficos tendem a nos mostrar a ascensão a estes postos a partir de um aprendizado que comporta muitas vezes, o questionamento,

o indagar, a dissolução do apreendido, a imersão em contextos estranhos (na outriedade, por assim dizer) e por fim o aparecimento do novo, ou mesmo uma conexão com a fonte mítica do conhecimento e da vida. Talvez aqui pudéssemos falar, junto com Heidegger, em autenticidade ou enraizamento do ser (HEIDEGGER, 2004).

Em muitas culturas indígenas é extremamente difícil falarmos em um posto que subsista sem alguém que reconhecido por sua capacidade (efetividade) e destreza o ocupe. A ausência da escrita barra um processo de institucionalização, logo não se separa o conhecimento daquele que o professa, assim a possibilidade de uma dimensão puramente instrumental do conhecimento, enquanto técnica, é extremamente reduzida.

O conhecimento portanto deixa de se pautar pela dicotomia tradicional/moderno e passa a ser visto como atitude de inquirição, de prova de sua efetividade e de busca por uma experiência inclusiva que não aceita a definição de seu escopo antes de ser realizada. Ainda que todo saber esteja vinculado a uma situação antropológica, social, biológica e espiritual tal fato não nos permite, de fora, relativizá-lo ou classificá-lo numa escala de valores, objetivos ou subjetivos. Como forma de abordagem a um outro *corpus* de conhecimentos aceitamos somente o diálogo uma vez que ambos são estágios de um processo de descobertas e transformações.

A ciência pretendeu cortar os vínculos que unem o conhecimento a um todo complexo que é a existência humana, transcorrida e transcorrendo em uma dimensão temporal baseada num lugar. A fragmentação dos objetos de conhecimento incide sobre o homem fragmentando-o, impedindo que se identifique num corpo ecológico ou social, composto agora por pedaços unidos pela contingência de uma tentativa de se auto-determinar.

## 2.2. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA E COLETA DE DADOS

É importante ressaltarmos, antes de abordarmos os procedimentos de

pesquisa, que tal proposta pretendeu ser realizada a partir de uma metodologia fenomenológica. Pensamos que a fenomenologia ao preconizar uma volta ao “mundo da vida” e um abandono dos pré-conceitos, para uma aproximação do ser mesmo dos sujeitos e do mundo, pode nos permitir novamente enxergar os elos que atam não somente os campos do saber/conhecimento, mas também conhecimento e vida.

Partindo assim do histórico de minha própria existência<sup>14</sup>, bem como da própria trajetória dos pensamentos que procurei expôr, pretendo evidenciar um laço intersubjetivo entre o agricultor- pesquisador e os agricultores-pesquisadores. Por laço intersubjetivo compreendo que certas referências, ideias e valores são compartilhados, sendo que a busca por apreender a maneira como compreendem o seu mundo, desde já incide na maneira como procurei eu também compreender. Ou seja é no próprio caminho do aparecimento das questões, num diálogo que pretende-se enquanto construção intersubjetiva, que irão aflorar os conhecimentos significativos.

Ao mesmo tempo em que não podemos simplesmente colecionar dados coletados sem pronunciarmo-nos sobre eles, recusamos a pretensão de subordinar um conhecimento culturalmente constituído a categorias de análise que visem a racionalizá-lo. Nossa crítica às noções de desenvolvimento e de ciência modernamente constituídas pretendem numa meta-reflexão incidir numa metodologia que não reproduza (o que acontece muitas vezes inconscientemente) tais noções. Daí que a reflexão sobre um modelo alternativo de vida não pretenda reconduzir a argumentação a um nível acadêmico e sim que possamos lançar mão de outros níveis de realidade que assentados em outras práticas produtivas ofereçam mais do que reflexões teóricas, mas sim um confronto direto com nosso ser no mundo, a “Artesania das Práticas” (SOUSA SANTOS, 2010. p 545; HEIDEGGER, 2004). Ainda que tal trabalho seja acadêmico, reconhecemos seu valor, assim como da própria linguagem, enquanto aquilo que indica para algo que

---

<sup>14</sup> Tangenciando a experiência de campo, minha própria experiência de vida morando há seis anos na área rural, há três praticando agrofloresta, é parte fundamental de minha perspectiva e visão de mundo.



está além e que é maior que si, e ao mesmo tempo infinitamente mais próximo daqueles que porventura possam lê-lo.

A pesquisa de campo foi refinada a partir da aplicação dos primeiros questionários (sendo que na ocasião apliquei dez questionários que correspondiam ao plano de manejo simplificado) surgindo daí a “escolha” dos agricultores que vieram a responder as entrevistas mais detalhadas e junto aos quais seriam realizadas as vivências. Essas entrevistas, semi-estruturadas, visavam permitir ao agricultor, ao contar a história de sua relação com a agrofloresta e a associação, expressar o modo como entende e enxerga o mundo, como se apropria do conhecimento em questão e como realiza o seu trabalho; esse trabalho mais detalhado envolveu três agricultores.

Os três agricultores escolhidos para a pesquisa estão entre os mais antigos da associação e agem também como agentes multiplicadores. Além disso buscamos junto aos agricultores mais velhos relatos históricos que pudessem enriquecer e particularizar a pesquisa bibliográfica. Novamente lembrando do grupo de pesquisa dos mestrados do MADE, nossas trocas foram fundamentais pois permitiram o acesso a muitos dados levantados pelos pesquisadores.

As vivências realizadas pelos grupos (mutirões) foram momentos privilegiados de interação, sendo que participei de quatro mutirões, três deles foram de trabalho nas agroflorestas e um de capacitação, duas vezes pernoitando na casa dos agricultores. Tal vivência resultou num conhecimento maior das pessoas e do trabalho propriamente dito. Estes procedimentos foram amparados pela metodologia da observação participante, acreditando que é somente na convivência diária que podemos visualizar a inter-relação entre os aspectos materiais e imateriais de um complexo cultural, bem como compreender aquilo que não está dito.

A parte teórica da dissertação foi realizada a partir de uma pesquisa bibliográfica, recuperando fontes históricas secundárias produzidas pelo grupo de trabalho Clóvis Moura e pelo ITESP que realizaram relatórios para o reconhecimento das comunidades quilombolas da região (laudos antropológicos),

dados que muitas vezes vieram à tona nas conversas com os agricultores. Nosso tempo e pretensão no entanto nos desviaram de uma coleta de história oral, ficando a evidência de fortes e importantes relatos a serem levantados.

Quanto a compreensão acerca do conhecimento no âmbito da agrofloresta, procederemos a uma exposição de seus principais referenciais, no caso da Cooperafloresta notadamente as obras de Ernst Götsch, principalmente no que diz respeito a seus aspectos filosóficos. Fundamental será também a entrevista com um dos técnicos que trabalham na associação, Nelson, que junto com Oswaldinho, iniciou os primeiros sistemas junto com os agricultores Sezefredo e Pedro.

O confronto entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo teve como objetivo principal relacionar a situação atualmente vivida pelas comunidades- apreendida tanto a partir das fontes históricas e sociológicas da pesquisa como a partir das visitas a campo com os técnicos e agricultores- com as transformações estimuladas e permitidas pela conversão ao sistema agroflorestral visando compreender a assimilação desse processo na prática, quiçá permitindo um novo modo de construção do conhecimento, montando um panorama desta prática agrícola alternativa e das transformações dela decorrentes na região da Barra do Turvo.

Como já procurei demonstrar, em momento algum o pano de fundo da filosofia, ainda que imperfeitamente aderido a minha personalidade, deixou de estar presente em minhas reflexões. Reitero a posição de Boaventura de Sousa Santos (2010 p.16) de que a filosofia, mesmo enquanto forma de conhecimento ocidental, foi epistemologicamente marginalizada, ainda que tivesse pretensão de universalidade. De todo modo o romantismo e o idealismo, contemporâneos ainda que tardiamente do século das luzes, a fenomenologia, o humanismo, o existencialismo e até a teoria crítica ecoam mesmo que por razões diversas um brado contra a dominação crescente do proceder cientificista, que parece dominar a natureza e assim o próprio homem. Tais pensadores ousaram lutar contra a especialização e a técnica e mantiveram abertas as portas, ainda que de forma

seminal, para uma outra abordagem da Natureza, do homem e da vida.

Não sem motivos citamos aqui a obra do pensador austríaco Rudolf Steiner(1861-1925). Em grande parte alicerçada pelo pensamento de autores como Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), Friedrich Schiller(1759-1805) e Friedrich Schelling (1775-1854), sem no entanto estar contida nestas, a obra de Steiner, criador da sociedade Antroposófica, se desdobrou em inúmeras vertentes, entre elas: concepções pedagógicas, médicas, artísticas e, aqui mais relevantes para nós, agrícolas, no que chamaria de Agricultura Biodinâmica (1924). Além da relevância para o movimento agroecológico como um todo abrimos este parêntese para denotar a relação entre Steiner e o seu contemporâneo e conterrâneo já citado neste trabalho Viktor Schauberger (1885-1958). Aproximamos, além do contato que tiveram em vida, a originalidade de suas obras, bem como a marginalidade a que foram relegados pela academia, sendo que ambos buscavam, de formas diferentes, uma ciência mais espiritualizada e mais conforme aos princípios da Natureza que então reconheciam.

Pensamos que o fato de Schauberger ser uma importante fonte de inspiração para Ernst Gotsch vale a menção que traça uma linha de influência, ainda que não determinante, e liga a agrofloresta as origens da agricultura biodinâmica, que por sua vez reconhecia, por um lado, a sabedoria da agricultura camponesa capaz de manter a fertilidade do solo por séculos e por outro, a influência de visões filosófico-espiritualistas acerca do homem e da natureza

Ao longo da pesquisa, enquanto termos como ser e autenticidade começavam a se fazer presentes na minha compreensão acerca da vida desses agricultores, acabei por travar contato com dois textos, ainda inéditos para mim, de Martin Heidegger. Eram eles Construir, Habitar, Pensar(1951) e O Caminho do Campo (1949), ambos escritos após o término da Segunda Grande Guerra. A poesia de sua escrita, que quer lembrar ao homem seu pertencimento à Terra e ao Céu, faz explícita nossa nostalgia de um passado ou de um futuro remotos, cada vez mais preteridos pelo imediatismo de nossos dias, mas que ainda assim ecoam profundamente em nossa alma que armada de poesia e encantamento

encontra um caminho para lutar.

Nosso trabalho pretende assim dar ensejo a uma reflexão filosófica desde uma perspectiva latino-americana re-elaborando a herança filosófica ocidental a partir de saberes local e ecologicamente constituídos, expressando suas possibilidades e demandas e promovendo o diálogo.

### **3. A REGIÃO E A COPERA FLORESTA, NO CONTEXTO DA OCUPAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO**

#### **3.1. O QUE É DESENVOLVIMENTO?**

Pretendemos com este breve capítulo contextualizar o presente trabalho no seu tempo e lugar bem como indicar a direção em que pretende apontar, que é a de junto com as comunidades tradicionais, povos indígenas e muitos movimentos sociais que compõem o tesouro brasileiro, viabilizar uma crítica a noção hegemônica de desenvolvimento, bem como apontar caminhos que vem sendo construídos.

A modernidade se caracteriza por milênios de história condensados num ferramental técnico, especialmente ampliado e desenvolvido pela “era da razão”, que promoveu um recorte matemático racionalista de nosso universo, sobre-determinando nossas relações múltiplas e complexas com o ambiente, cada vez mais mediatizadas e invadidas pelo estreito recorte que delas fazemos. Como se destituídos de sua dimensão histórica e ontológica (relação com o ser) vemos o humano domesticado e capturado por um ciclo vicioso de consumo e conformismo com o inevitável.

Mais do que nossos conhecimentos laboriosamente concatenados em supermáquinas, capazes de realizar milhões de cálculos em poucos minutos, pretendemos rasgar o véu de nosso pretense conhecimento para encontrar o universo que vibra em cada ser vivo e em cada humano com suas sensações, emoções e pensamentos. A integridade da vida conclamada a lutar por sua autenticidade, ascende em nós a demanda pelo sentido, sejam aqueles que querem construí-lo, sejam aqueles que o buscam, ansiamos por sentido, entendido como uma necessidade vital de coesão interna como seres que são corpo e mente.

Mais do que simplesmente comer temos de viver com o mundo. Contrastam em nossa atualidade o arrojo técnico e a penúria do conhecimento do homem sobre si mesmo, a ausência de sentidos internos para a coesão social e para os

projetos civilizatórios. O sistema econômico e social nos amarra pela fome e pela violência, vivemos um encolhimento progressivo do espaço público assombrados por uma sensação de insegurança enquanto para o estado um presidiário continua a custar imensamente mais caro do que um estudante<sup>15</sup>.

Nossa época, primeira na criação de ferramentas, que são sempre extensões de nosso ser para mediar nossas relações com a natureza, chegou a tal ponto de artificialização do ambiente que de meios nossas ferramentas se tornaram fins. A cidade moderna pretende fornecer tudo o que precisamos, concluindo a cisão homem – natureza, natureza agora somente lembrada quando se faz presente na força dos ventos e das chuvas que impedidos de seguir seus cursos, paralisam a vida diária.

“A crise ambiental- o colapso ecológico, o aquecimento global, a entropização da vida- são a revanche do real diante da objetivação forçada da natureza...” (LEFF, 2007).

Conseqüentemente, este mesmo modelo civilizatório calcado na separação e na dominação da natureza, capaz de dar ao homem o poder de destruir a vida em proporções inimagináveis e que nos ata tão fortemente por laços de necessidade, é o mesmo modelo que, dizíamos, prescinde de nossa compreensão e anuência e por isso é tão pobre em sentido.

Relegou-se a coesão das sociedades, a união dos homens e dos povos, ao caráter econômico de suas trocas, às formas mensuráveis de sua existência. Acompanhada pela taxaço de todas as coisas que agora tem um preço, veio a perda do respeito pela vida em si. Assim países como o Brasil vivem contrastes que dão uma aparência esquizofrênica<sup>16</sup> à nossa sociedade: a faustuosidade de uns convive com a marginalidade de crianças relegadas a um mundo de violência, abusos e drogadição, retratado diariamente nos jornais e na televisão, suficiente

---

15 Ver site:<http://oglobo.globo.com/educacao/brasil-gasta-com-presos-quase-triplo-do-custo-por-aluno-3283167> Acesso em: 21/12/2011

16 A esquizofrenia não aparece aqui apenas como força de linguagem. Sua definição enquanto inadequação do mundo pensado, do mundo sentido e do mundo vivido, o estilhaçamento da personalidade pelas exigências contraditórias da vida dividida por esferas antagônicas e as necessidades de escapes e de paraísos artificiais são relatos, ainda que dramáticos, da nossa sociedade.

apenas para nos lembrar de nossas tensões e contradições internas, suavizadas no próximo comercial de cerveja, ou na próxima novela.

As cidades de arranha-céus que nos empilham, e empurram, sempre para mais longe, todas as formas de vida, contudo, também não serão eternas. Vemos revelada a transitoriedade da cidade em sua espantosa concretude; assistimos diariamente aos limites do crescimento, crescimento este propalado aos quatro ventos como antídoto de todas as mazelas. Megalópoles como São Paulo veem-se paralisadas pelos engarrafamentos e enchentes, sufocadas por um ciclo vicioso aonde o custo benefício de perder/ganhar a vida é cada vez mais duvidoso.

Podemos falar aqui no que Heidegger (2004) chama de crise habitacional, não de uma simples falta de moradias, mas de um desenraizamento do homem enquanto ser que tem no habitar sua essência. Habitar para Heidegger é demorar-se junto as coisas, é resguardá-las e cultivá-las para que sejam o que são: reunião integradora do que chama de *quadratura*.

A terra é o sustento de todo gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra concentra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na flora e na fauna. Dizendo terra, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro.

O céu é o percurso em abóbadas do sol, o curso em transformações da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações dos anos e suas viradas, luz e crepúsculo do dia, escuridão e claridade da noite, a suavidade e o rigor dos climas, rasgo de nuvens e profundidade azul do éter. Dizendo céu, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro.

Os deuses são os mensageiros que acenam a divindade. Do domínio sagrado desses manifesta-se o Deus em sua atualidade ou se retrai em sua dissimulação. Se dermos nome aos deuses, já incluímos os outros três, mas não consideramos a simplicidade dos quatro.

Os mortais são os homens. Chamam-se mortais porque podem morrer. Morrer diz: ser capaz da morte *como* morte. Somente o homem morre e, na verdade, somente ele morre continuamente, ao menos enquanto permanecer sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses. Nomeando os mortais, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro.

Chamamos de *quadratura* essa simplicidade...(HEIDEGGER, 2004)

Pensar na direção do habitar é o caminho para construirmos na direção de habitar. Habitar é o processo integrador entre nossa compreensão do mundo, que é permitir que este mundo se manifeste em seu ser, para que então nossa obra

seja também manifestação desse ser. Essa simplicidade de ser com o mundo e não de existir sobre o mundo está expressa no cotidiano de nossas populações que tem nos ecossistemas naturais a base de sua sobrevivência. Habitando lugares que por vezes parecem inóspitos, suas construções, utensílios e modos de vida materializam necessidade- técnica, criatividade- liberdade, ressoando o Céu e a Terra em pequenos gestos por que o humano é parte de um todo.

Esse choque entre valores é parte da busca por novos caminhos que nos orientem, mesmo assumindo uma realidade social que nos apresenta desafios de outras ordens de grandeza. Passamos atualmente por um governo inaudito, símbolo de muitas conquistas, uma vez que um operário chegou a presidência da república. A opção por um governo de cunho social não se traduz no entanto por questionar o modelo de desenvolvimento e progresso calcados ainda no crescimento econômico (ver o recente discurso da Presidente Dilma Rousseff 03/10/2011). A mais recente crise que abalou mercados de grandes potências e que foi taxada por nosso ilustre presidente de uma “marolinha”, pretendeu ser superada pelo aumento do consumo. Chamadas nos grandes meios de comunicação incentivavam o povo a não acreditar na crise e a comprar, ainda embalados pela ideia de que o crescimento do PIB eleva a renda de todas as camadas da sociedade.

Nesse íterim anúncios da descoberta de uma gigantesca jazida petrolífera sob o leito oceânico vinham comunicar a entrada do Brasil no reino dos grandes. Acaloradas discussões sobre o “pré-sal” movimentaram políticos de todas as esferas, nunca para pensar, questionar ou repensar seu uso, mas sim para definir a repartição dos lucros de sua exploração. A questão ambiental assimilada no discurso da sustentabilidade (desenvolvimento sustentável) parece não oferecer resistência, uma vez que o próprio pré-sal já foi relacionado a preservação ambiental. Questões como limites para o crescimento, descarbonização da economia, sequer são lembradas. Ao longo da realização deste trabalho, em pouco tempo assistimos já a três vazamentos de petróleo na costa brasileira.

Lembramos aqui das perguntas feitas por Boaventura Sousa Santos (2010,



p. 519):

Devemos assumir como um facto inevitável que os problemas causados pelo capitalismo só poderão ser resolvidos por mais capitalismo, que a economia da reciprocidade não é uma alternativa credível à economia do egoísmo, e que a natureza não merece outra racionalidade que não seja a irracionalidade com que é tratada pelo capitalismo?

Longe de questionar as lógicas geradoras da desigualdade que parecem imbricadas numa dada concepção de desenvolvimento, peritos em economia festejam a alta (flutuação!?) no preço de gêneros alimentícios (Crise Alimentar), hoje “comodities”, amplamente produzidos no Brasil, que representará um aumento das divisas na balança comercial, “sem suspeitar” que alimentos mais caros significam milhões de pessoas tendo suas “rações” diárias reduzidas. Do mesmo modo quando os preços abaxam demais tal processo favorece a já histórica concentração fundiária, e assim concentração de renda, uma vez que inviabiliza a permanência dos camponeses que não possuem os recursos necessários para acompanhar a crescente demanda por insumos. Processo esse que a cada nova invenção tecnológica, desde a revolução verde, vem acompanhado da saída dos camponeses da terra, convertidos em reserva de mercado nas periferias das grandes cidades.

Dados divulgados pelo governo<sup>17</sup> no início de 2011 mostram a criação de 2,5 milhões de empregos com carteira assinada nos últimos dois anos. O único setor que teve o seu número de empregos diminuído foi o do agronegócio, mostrando que o processo de urbanização e êxodo rural ainda estão longe de se estabilizarem.

Incríveis no entanto são as perdas consequências desse processo. Substituindo a riqueza de espécies típica de uma agricultura familiar temos o incremento de monoculturas a perder de vista, muitas vezes de alimentos que sequer são consumidos por nós. Concomitante a perda de diversidade biológica, ainda perdemos sujeitos, modos de vida, culturas. Há já algum tempo que nossas músicas sertanejas choram a saudade do campo e do mato e que os filhos

---

17 fonte:[http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201101181605\\_RED\\_79484122](http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201101181605_RED_79484122)  
acesso em 10/12/11

dos então agricultores passaram a co(a)ntar suas histórias por meio do RAP nas periferias das grandes cidades (GOÉS, 2005, p. 53)

Para além das denúncias da opressão e da desconstrução da dominação, nosso esforço é o de constituirmo-nos enquanto alternativas, é dar voz a outras buscas e com elas buscar. É a necessidade, por tanto tempo suprimida, de fazermos, pensarmos e sermos como somos, brasileiros, americanos, latinos, humanos. Darcy Ribeiro afirmou que nenhum tema esteve tão presente ao longo da história dos movimentos sociais no Brasil, nenhum motivo mais decisivo para os levantes populares, que a reivindicação de uma população camponesa para dispor livremente daquilo que produzia. Essa reivindicação pode ser compreendida a partir de uma ótica política, econômica, social, cultural ou moral. Em todos os casos no entanto ela aponta para uma demanda concreta de uma parcela considerável da população que não está contemplada no modelo de desenvolvimento adotado.

Muitas vezes vistos como sustentando uma posição ambígua socialmente, pois se por um lado os camponeses dificilmente reivindicam uma transformação político-estrutural do estado, por outro a própria afirmação de seu modo de ser: inicialmente na história do Brasil, por estarem à margem da estrutura escravista, latifundiária e voltada para a exportação, e mais recentemente por contrastarem com as relações capitalistas de trabalho, acaba por confrontar a estrutura social hegemônica (BRANDENBURG, 1998).

A abundância de terras cultiváveis e florestadas no Brasil Colônia, bem como as espécies indígenas altamente adaptadas, faziam da subsistência um problema fácil de ser resolvido. A avidez pelo lucro, porém, destruiu grandes pomares e florestas e quando a produção açucareira despontou como a atividade principal, solos milenares foram arruinados, e assim que se arruinava uma parcela partia-se para a seguinte deixando para trás um rastro de destruição; lenha para as caldeiras de um pretense desenvolvimento das nações europeias. Processo semelhante é relatado por Levi Strauss em primeira pessoa ainda no século XX:

“Ao redor de mim, a erosão arrasou a paisagem [...] Primeiro, o solo foi desmontado para ser cultivado, mas, depois de uns anos, a terra esgotou-se e foi lavada pelas chuvas [...] As plantações moveram-se então até novos campos, onde o solo ainda era virgem e fértil [...] Como um fogo que avança consumindo aquilo de que se alimenta, o relâmpago agrícola atravessou o estado de São Paulo no espaço de cem anos.” (LEVI-STRAUSS, 1974, apud LEFF, 2005 p. 33)

Pois como nos diz Porto-Gonçalves (in LEFF, 2005), para nós latinos, a modernidade do sistema mundo começa com os engenhos de açúcar movidos a chibata. É por situarmo-nos como o outro da modernidade europeia que podemos indicar onde sua proposta de emancipação universal se concretiza enquanto extermínio. A subsunção da ciência e da técnica à lógica do capital, desde suas origens, resulta em progresso e miséria dependendo da perspectiva, mas invariavelmente em degradação ambiental, desde que a despeito do esforço de inúmeros cientistas, as lógicas da natureza e dos ecossistemas ainda não foram incluídas na visão de mundo do capitalismo hegemônico.

Mas é também desse choque, que triunfantes sobre a lógica de dominação, surgem as propostas de trans-modernidade (DUSSEL, 2005), de diálogo de saberes (LEFF, 2006) e de uma ecologia de saberes (SOUSA SANTOS, 2010), triunfantes sobretudo por que não invertem a lógica dominante, superam-na ao acolhê-la.

Ghandi é, provavelmente, o pensador-ativista dos tempos modernos que mais consistentemente pensou e atuou em termos não-abissais. Tendo vivido e experienciado as exclusões radicais típicas do pensamento abissal, Ghandi não se desviou do seu propósito de construir uma nova forma de universalidade capaz de libertar tanto o opressor como a vítima. Como Ashis Nandy reafirma corretamente: “A visão ghandiana desafia a tentação de igualar o opressor na violência e de readquirir uma autoestima própria como competidor num mesmo sistema. É uma visão assente numa identificação com os oprimidos que exclui a fantasia da superioridade do estilo de vida do opressor, tão profundamente enraizada na consciência daqueles que reclamam falar em nome das vítimas da história” (1987:35).” (SOUSA SANTOS, 2010)

Extraída do livro “Epistemologias do Sul” (2010) a citação acima como que resume o intento que perpassa a obra dos diversos autores que compõem o livro.

Identificados com a perspectiva que Boaventura chama do Sul global tais autores visam descentralizar a produção do conhecimento, “devolvendo” a legitimidade de outros saberes que foram excluídos pelo cânone científico moderno.

Como bem dito por Ashis Nandy não se trata de adentrar no rol dos desenvolvidos para competir de igual para igual, de ascender de classe social, de dominados passar a dominadores, posição que, infelizmente, ainda sustenta ideologicamente grande parte de nossa nação. Se trata sim de rejeitar as denominações de sub-desenvolvidos, de países de terceiro mundo, que não significam outra coisa do que o desejo de ser como os países desenvolvidos, do que querer sua tecnologia e seu padrão de vida, o que se concretiza economicamente na teoria da dependência<sup>18</sup>. Compreender assim a crise de civilização que atravessa a humanidade nos leva a buscar nas entranhas de nossas populações tão únicas e tão humanas, as alternativas sempre existentes e sempre efetivas, que não desafiam a lógica unívoca e hegemônica, porque simplesmente reivindicam seu direito de ser.

Como procuramos demonstrar trata-se de promover o diálogo e a união na busca de sentidos que nos permitam superar as desigualdades sociais construindo pontes que nos religuem a natureza. Temos de compreender que a crise ambiental corresponde a uma forma histórica de se existir no mundo e que o Brasil posiciona-se de forma única perante esses questionamentos pois congrega modernidade, tradição e quiçá trans-modernidades. Daí a necessidade de discutirmos a noção de desenvolvimento, a proposição de horizontes ou utopias que nos animem e também orientem na descolonização de nosso ideário sem rechaçar as contribuições que se fizeram presentes ao longo do processo histórico de formação de nossa sociedade; A construção do conhecimento pode sobrescrever o real e as realidades ou dialogar com estes. Dialogar com a

---

18 “Este já não é o reino das maravilhas, onde a realidade derrotava a fábula e a imaginação era humilhada pelos troféus das conquistas, as jazidas de ouro e as montanhas de prata. Mas a região continua trabalhando como um serviçal. Continua existindo a serviço de necessidades alheias, como fonte e reserva de petróleo e ferro, cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que ganham, consumindo-os, muito mais do que a América Latina ganha produzindo-os.” GALEANO, Eduardo. *Veias Abertas da América Latina*. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1994.

realidade aqui assume o contorno de dialogarmos com a população a que nos remetemos (uma proposta de educação?), pois mudanças institucionais, mesmo no âmbito dos direitos, deveriam, a partir da ótica que pretendemos focar, advir como consequência de um processo de enraizamento do humano, de re-conexão entre nosso ser, pensar e fazer, ou seja de uma outra lógica que só pode nascer a partir de cada um.

Estranho ao pensar a história do Brasil (ou dos Brasis) e dos outros países da América Latina é o fato de que tempos e universos muito distintos se interpenetram. Quando se ensina nas escolas o “descobrimento” do Brasil e as guerras contra os índios esquece-se que na década de noventa centenas de índios foram massacrados. Que as “correrias” continuam a expulsar tribos inteiras de seus territórios para que madeireiras possam extrair o valioso mogno da Amazônia (na conturbada fronteira Acre - Peru), tribos que por vezes recusam qualquer contato com a civilização. Também em nossa época o gigantesco estado do Pará vê suas florestas sendo aniquiladas e castanhais em plena produção serem destruídos para que se “cultive” soja e se crie gado (na primeira redação desse texto ainda não tinha sido assassinado o casal de agricultores e defensores da floresta Zé Cláudio e Maria em maio/2011<sup>19</sup>).

Triste como a destruição de uma natureza tão bela, é a destruição de uma outra possibilidade de se estar no mundo, possibilidade esta que está calcada em visões de mundo que não as do progresso a todo custo. Mas que por serem as

---

19 Vale a pena indicar a entrevista com o procurador da República Felício Pontes Jr., concedida a revista ÉPOCA em 05/09/2011 da qual citamos um trecho:

Revista Época: E antes da Dorothy (refere-se a Irmã Dorothy assassinada em 2005 por defender planos de desenvolvimento sustentável para assentamentos na Amazônia) foram muitos outros....

Felício: ...Na última vez em que o Zé Cláudio esteve aqui, ele me mostrou uns sabonetes e um creme que fazia de castanha do Pará. Ele disse: "Olha, Felício, o cara do meu lado estava vendendo a árvore de castanha para os madeireiros. Aí eu perguntei para ele: 'Por quanto você vendeu a árvore?'. Não lembro mais o valor que ele disse, mas era em torno de uns R\$ 300. O Zé Cláudio disse então para ele: "R\$ 300 é o lucro que eu vou ter com a venda destes produtos. E isso aqui é só de uma árvore. Só que, daqui a pouco, no ano que vem, eu vou ter de novo esse lucro de R\$ 300 e você não vai ter mais como tirar esse dinheiro porque vendeu a árvore". Eram ideias extremamente perigosas. (acessado no site: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2011/09/um-procurador-contra-belo-monte.html> em 01/10/2011)

visões dos “Excluídos” continuam a não serem vistas. Resta-nos compreender que o Brasil é ainda um arcabouço de propostas culturais, híbridas sem dúvida, e que o ainda recente acirramento de nosso modelo de desenvolvimento nos dá pouco tempo para agir. Pensamos que a experiência da COOPERAFLORÉSTA, ainda recente, é um caminho a ser conhecido, na medida em que tem transformado a vida de várias pessoas que de excluídos de um processo de desenvolvimento podem ser vistos agora como promotores de uma alternativa de desenvolvimento. Os retrocessos com relação ao código florestal e a Proposta de Emenda a Constituição 215, que ataca a demarcação de terras indígenas e quilombolas, nos esclarecem sobre a fragilidade das conquistas de 1988, sobretudo porque o pretense estado democrático de direito não é capaz de opor resistência à técnica e ao capital.

Desenvolvimento para quem?

### 3.2 BREVE HISTÓRICO DA REGIÃO

É a partir desta crítica à noção hegemônica de desenvolvimento, que subtrai a certos grupos humanos não somente suas condições materiais de sobrevivência mas também a legitimidade de seus modos de ser e compreender, que começamos a nos aproximar das paragens de Barra do Turvo e Adrianópolis, municípios que fazem a divisa entre Paraná e São Paulo aonde realizamos nossa pesquisa. Localizados a meio do caminho entre as capitais dos dois estados, encravados no relevo acidentado da Serra do Mar no Vale do Rio Ribeira do Iguape, ou somente Vale do Ribeira, os dois pequenos municípios, assim como as cidadelas vizinhas como João Surá, Apiaí, Eldorado Paulista e outras um pouco mais afastadas como Doutor Ulysses, Castro, Bocaiuva do Sul e mesmo Guaraqueçaba, abrigam várias comunidades remanescentes de quilombos, que só recentemente vem tendo seus direitos e suas histórias reconhecidas. Compreender rapidamente um pouco da história dessa população que é um episódio da história do Brasil, faz parte do trabalho de reconhecer e valorizar sua

luta e sua resistência.

Cabe ressaltar que cerca de 60% da região do Vale do Ribeira é recoberta por matas nativas, constituindo-se no maior remanescente de mata atlântica do país, sendo 20% de seu território constituído por parques, estações ecológicas e áreas de proteção ambiental (APA)<sup>20</sup>. O histórico de ocupação das regiões próximas pelos portugueses e africanos escravizados remonta ainda ao século XVI quando das primeiras incursões no que viria a ser chamado de Planalto Paulista. A região no entanto era, desde a época pré-colombiana, habitada por tribos indígenas do tronco Tupi, notadamente os Carijós, que utilizavam o vale do rio, que “corta” a serra em direção ao mar, como rota para o litoral na estação do inverno, em que viviam da pesca. A amistosidade dos primeiros contatos com os colonizadores não impediu que acabassem sendo escravizados, com destaque para o período das “entradas sertanistas” 1628 a 1641. Para exemplificar a convivência entre brancos e índios reproduzimos a carta dos administradores de Xiririca, preocupados com sua presença já no início do séc. XIX, em 1809:

*“Participo a V. E. que os moradores daquela Freguezia vivem sobressaltados com a chegada dos Bugres os quais se tem aproximado á Ribeira e porque poderão chegar à Freguezia e seos cítios, desejo quando assim aconteça ter a providencia que V. E. ouver de dar a respeito delles”. (Ordenanças de Itanhaém, Iguape e Xiririca - Manuscritos – Ordem 287, Caixa 50/ASP in STUCCHI, 2005 p.106)*

A resposta definitiva veio da vice-presidência da província de São Paulo em 1835 permitindo que os indígenas existentes no local fossem “distribuídos” entre os habitantes de Iguape.

Devemos lembrar que a proximidade entre as regiões de Cananéia e Iguape (que compõem o complexo estuarino aonde deságua o Ribeira)- elos marítimos de ligação entre o interior e outros centros da então capitania de São Vicente- e a Cidade de São Vicente (primeira cidade fundada pelos portugueses no Brasil) faz desses locais o palco de alguns dos primeiros contatos entre portugueses e indígenas bem como das primeiras fontes de exploração na história

---

<sup>20</sup> A principal fonte (secundária) utilizada na reconstituição histórica da região foi: ANDRADE, T.; PEREIRA, C.A.; OLIVEIRA ANDRADE, M. R. de. (editores). NEGROS NO RIBEIRA -2 ed.- São Paulo: ITESP: Páginas & Letras- Editora Gráfica, 2000 (Cadernos do ITESP 3)

do Brasil. Data de 12.08.1531 a expedição de Martim Afonso de Souza que aportou em Cananéia em busca do que chamava de Costa do Ouro e da Prata. Foi também em Iguape em 1630 que construiu-se a primeira casa de fundição do Brasil, demonstrando o interesse despertado nos portugueses pelas riquezas da região. Nessa época será encontrado ouro nas regiões de Paranaguá, Santos e nas serras de Jaguaminbaba(1597), Jaraguá, Parnaíba e Sorocaba sendo construído o primeiro posto fiscal, hoje cidade de Registro (CARENO, 1995).

Os dados sobre os primeiros “quilombos”<sup>21</sup> da região são incertos. Um fato interessante entretanto é que, em várias dessas comunidades, a *toponímia*, bem como plantas e animais nativos, recebem nomes indígenas, assim como certos instrumentos de pesca(covo) e processamento de alimentos(tipiti) remontam a tecnologias indígenas. Tal fato se deve principalmente a dificuldade de acesso a região do Rio Pardo, guardada por cachoeiras, que se tornou refúgio para os índios perseguidos pelo bandeirantismo escravagista (ANDRADE,T.; PEREIRA; ANDRADE, M. R, 2000, p 61). O nome quilombo tem reconhecida origem africana, é importante percebermos no entanto que na região eles surgirão, muitas vezes, da união dos negros, fugidos ou livres, com essas populações indígenas; fato que constitui contribuição riquíssima para a formação dessas populações.

Podemos dizer que as primeiras incursões em território paulista visavam a descoberta de ouro e o apresamento de índios, ou negros da terra. Tal nomenclatura, que burlava a proibição da escravidão indígena, dificulta a distinção entre a escravidão indígena e a africana. Mais certo é que os primeiros escravos africanos foram trazidos para a capitania de São Vicente da Guiné no século XVII, em seguida da Costa de Angola e já no século XIX de Moçambique, sendo que após a Lei Eusébio de Queiroz (04/09/1850), com a proibição do tráfico, a ilegalidade facilitou a fuga quando do desembarque em regiões ermas (ANJOS,2006).

A atividade de mineração foi a grande responsável pelo considerável aporte

---

21 Sobre as discussões acerca do termo quilombo e seus usos ver: “Relatório do Grupo de Trabalho Clóvis Moura 2005-2010.



de mão de obra escrava na região, tal atividade, como é bem sabido, exigia grandes esforços sobrando pouco investimento para a produção agrícola. Os principais povoados formados “Ribeira” acima foram Xiririca (hoje com o sugestivo nome de Eldorado Paulista), Iporanga e Apiaí<sup>22</sup>.

A descoberta de ricas jazidas na região das Minas Gerais no início do XVIII atraiu grandes contingentes de todo o “país”, gerando o declínio da exploração mais dificultosa em outras áreas. Tal fato fez regredir a atividade econômica dessas regiões, ao passo em que aumentaram as atividades de subsistência, sobretudo a agricultura. A concomitante desestruturação de certos núcleos de exploração acabou por libertar vários escravos que se estabeleceram como camponeses livres.

Tal fato no entanto não nos deve impressionar, como nos atesta o trabalho: *Entre o Chuço e o Remo: agricultores e caiçaras no Vale do Ribeira 1800-1880* (Valentin, 2006), a maior parte dos camponeses livres, não portadora de escravos, endividava-se crescentemente com os donos de armazéns, que compravam a produção transportando-a em canoas e mulas, e depois vendiam os produtos essenciais aos agricultores. A análise dos inventários mostra que frequentemente o valor de sua dívida era superior ao de todas as suas posses ficando a família totalmente desestruturada. Não seria essa forma de “comércio”, que continuou a se alastrar pelo Brasil pós-1888, uma continuação da escravidão?

Também nesse texto o autor nos mostra um sensível aumento na proporção da população escrava ao longo do séc. XIX (21% em 1801 para 29% em 1836). Tal questão estaria ligada ao fato da chegada da família real ao Brasil (1808) que promoveu o incentivo dos cultivos alimentares, sendo implantada na região do vale do Ribeira a monocultura do arroz que além de demandar mais escravos permitiu que um grande número de agregados se constituísse enquanto pequenos

---

<sup>22</sup> A comunidade quilombola, Ivaporunduva, merece ser citada pois é das mais antigas havendo relatos de sua ocupação desde 1655, sendo em 1791 inaugurada a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, cujo trabalho dos carpinteiros foi pago com ouro dos escravos. Com o declínio da exploração aurífera o número de brancos vai diminuir drasticamente, ficando os ex-escravos como posseiros da terra constituindo-se como camponeses livres, fato fundamental para o delineamento da situação social desses grupos (ANDRADE, T.; PEREIRA; ANDRADE, M. R., 2000, p.68).

proprietários nas novas frentes de expansão. Tal fato está em contraste com os dados registrados na obra *Parceiros do Rio Bonito* de Antônio Cândido na qual se diz que o arroz:

“Em 1806 não constava dos ofícios dirigidos pelo Capitão-General Franca e Horta aos comandantes e capitães-mores, nos quais requisita todos os víveres do país, para a emergência da propalada vinda do Príncipe-regente e comitiva...”  
(CÂNDIDO, 1977, p51).

Esta mesma obra no entanto afirma que o cultivo do arroz asiático (*oriza sativa*) que estava sumido desde o século XVI vai reaparecer, primeiro com o incentivo do Marques de Pombal, fim do século XVIII, e se consolidar em meados do século XIX. O fato é importante para a região pois a monocultura do arroz deu um novo impulso, ainda que por pouco tempo, as atividades comerciais na região: “Em 1836, Iguape e Cananéia respondiam por quase 80% dos engenhos de arroz em toda a província de São Paulo”(DIEGUES, 2007). A produção de arroz era destinada principalmente para o Rio de Janeiro, sendo utilizada para o consumo interno (notadamente nos anos subsequentes a vinda da família real) mas também para a exportação, atividade que rendeu um período de relativa acumulação de riquezas na região. Tal riqueza é bom lembrar concentrou-se nas mãos dos proprietários de engenhos que beneficiavam o arroz, principalmente na região de Iguape, uma vez que os pequenos produtores mesmo as vezes contando com dois ou três cativos dependiam desses engenhos para comercializar a sua produção.

Já na terceira década do século XX no entanto tais engenhos teriam deixado de existir, permanecendo a cultura do arroz apenas enquanto atividade de subsistência. Um dos principais fatores apontados para o declínio da rizicultura na região teriam sido as divisas geradas pelo cultivo do café, que permitiriam a importação de arroz mais barato de outras regiões (VALENTIN, 2007).

Lembramos que no fim do século XVIII a atividade de mineração começava a fraquejar dando início a um novo ciclo agrícola que viria a ser puxado pelo café. Apesar do evidente declínio da exploração nas minas da região do Ribeira, ainda no fim do séc. XVII, essa subsistiu em menor escala (inclusive mineração de

chumbo, bismuto e antimônio) até o século XIX o que juntamente com o aumento do cultivo de arroz, justifica a chegada de escravos até essa época, ainda que em muito menor escala, em 1886 apenas 10% da população será escrava.

Tais fatos desmistificam a ideia de que tais populações teriam vivido em condição de isolamento durante longos períodos. Fato é que muitas localidades estavam em regiões de difícil acesso, o que não impedia que através de canoas e mulas um certo excedente da produção agrícola fosse comercializada, mesmo que permitindo apenas a aquisição de víveres, querosene e algum tecido. Frisamos o fato de que tal situação perdurou até recentemente; numa das idas a campo demos carona a um senhor que mora entre as duas pistas da BR-116, tendo a primeira delas sido construída na década de 1960. Lembrava de que na sua infância e juventude, antes da construção da BR, levavam um dia para ir até a Barra do Turvo (percurso de 30km) e outro para voltar, sendo que os suprimentos chegavam no pequeno centro a partir de Iporanga, de canoa. A estrada que leva da BR até a Barra do Turvo foi construída na década de 70, sendo o acesso anterior pela Estrada Velha da Ribeira.

Uma das peculiaridades da região foi a de terem muitos bairros, hoje considerados como remanescentes de quilombos, se formado desde o início por negros livres. Houve então a coexistência no tempo e no espaço de populações negras livres e escravas. Nota-se que grande parte dessas vilas desenvolveu-se nas margens dos rios que eram as pontes de ligação entre as comunidades. Grande parte dessas localidades no entanto eram tidas por áreas devolutas (na recente demarcação das diversas unidades de conservação isto ficou evidente), corroborando com a tese do vazio demográfico, que invisibiliza certas populações ao mesmo tempo em que considera seu território como reserva para o avanço da “civilização”.

Tal questão está ligada ao problema de *titulação* das terras. Além de uma deliberada obstaculização do poder público frente as populações mais pobres, também muitas vezes negros fugitivos não podiam declarar-se; surgem daí acordos aonde negros livres titulam terras que pertencem já a toda uma

comunidade. Este evidente laço de solidariedade que une tais comunidades é mais uma vez estreitado a partir de 1860 quando o Império passará a recrutar, as vezes violentamente, braços para o exército. Muitos bairros irão ajudar desertores a se esconderem dando origem a novas localidades, marcante na memória oral é o período da Guerra do Paraguai (1864-1870).

Por esses motivos os negros livres muitas vezes serão considerados como perigosos, sobretudo nas épocas das festas populares, quando proclamava-se um rei ou rainha do Congado que em várias ocasiões Brasil a fora comandaram revoltas e motins.

Lançando mão de sua união como principal recurso, tais populações atravessarão períodos conturbados, resistindo a ilegalidade, a pressão de grandes fazendeiros e ao abandono do estado. Pretendemos assim demonstrar, ainda que de forma sumária, os conflitos que permearam a formação dessa população, bem como sua forte ligação com a terra, assim como apontar a origem de sua invisibilidade.

É a partir da década de 1930 no século XX que a região passará então a sentir mais decisivamente a presença do estado, primeiramente pelo incentivo da cultura comercial da banana e já em 1950 por um curto ciclo de exploração do palmito Jussara (*Euterpe Edulis*), cujo estoque nativo era abundante. Tal ciclo encerrou-se com o grande aumento da demanda pelo produto concomitante com o seu escasseamento nas matas. No que diz respeito ao seu cultivo, era produzido em maiores quantidades no nordeste superando a região no tempo de produção e conseqüentemente no preço.

Também nesse período começarão os primeiros projetos para a criação de barragens que ameaçam fortemente os territórios em questão. Esse fato suscitará a criação de entidades representativas dos camponeses na região, sobretudo quanto a ocupação territorial negra que vê ameaçadas terras ancestrais que muitas vezes sequer eram reconhecidas. Podemos dizer que a ameaça de um grande “inimigo” externo acaba por fortalecer certos laços que muitas vezes sequer são percebidos, de tal forma naturalizados. Nota-se nesse processo a

presença marcante da Igreja Católica sobretudo com a disseminação dos ideais de coletividade e comunidade.

Também as unidades de conservação (UC`s) alterarão o cotidiano da região. Como já dissemos muitas áreas consideradas devolutas são comunidades quilombolas já centenárias que foram subsumidas aos domínios dos parques. São eles: Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira – PETAR, criado em 1958, Parque Estadual Carlos Botelho, 1982 (que reunia 4 reservas florestais da década de 1940), Parque Estadual de Jacupiranga<sup>23</sup>, 1969 e o Parque Estadual de Intervales, criado em 1995.

Assim vem a somar aos inúmeros conflitos gerados pela precária condição fundiária de muitas famílias que viviam em territórios transformados em parques - a partir de 2000, quando da implantação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC)- o fato de muitas atividades essenciais para a manutenção e reprodução dessas populações em sua relação com o ambiente se tornarem ilegais. Os órgãos de fiscalização, genericamente chamados de “florestal” ou “meio ambiente”, acabavam por tomar duras medidas repressivas que aumentaram ainda mais a tenção. A agricultura dentro das Áreas de Proteção Ambiental não é proibida, mas requer autorização dos órgãos competentes que exigem o certificado de titulação da propriedade, o que gera um grande impasse como já explicitamos. Ainda que tal discussão nos últimos anos tenha ganho um acentuado relevo nos meios acadêmicos, continua a nos impressionar a lacuna na percepção das autoridades que muitas vezes julgavam tais populações como perigosas ou nocivas ao meio ambiente sem se darem conta da sua convivência secular com o lugar que consideravam intocado.

Além do confronto com a situação legal também há uma clara ambiguidade nas ações do estado, que se em momentos estabelece limites para a grilagem e expropriação da terra, em outras ocasiões age em conformidade com o processo de expropriação. Não são raros os casos, e aqui podemos falar numa amplitude

---

<sup>23</sup> O Parque Estadual de Jacupiranga merece especial atenção por ter seu território sobreposto ao de diversas comunidades quilombolas ou não que hoje tem representantes na Cooperafloresta.

nacional e não apenas regional, em que a própria polícia escolta ações de despejo, fazendo ameaças, muitas vezes tendo seu coro engrossado por jagunços. O Relatório *do Grupo de Trabalho Clóvis Moura* (2010) reúne inúmeros casos aonde colheitas e casas são queimadas, pessoas ameaçadas e expulsas de suas terras.

Ainda que as comunidades quilombolas, pelo evidente vínculo histórico que teceu uma sociedade desigual e com um preconceito arraigado, enfrentem tais barreiras e empecilhos, podemos dizer que elas partilham, de modo mais ou menos intenso, a mesma situação que grande parte do campesinato brasileiro. Invisibilizado nas análises, estudos e planejamentos e por vezes visto como um entrave ao processo hegemônico de produção, colonialmente denominado como *plantation* e modernamente como agronegócio (BRANDENBURG, 1998).

### 3.3. A COOPERAFLORESTA

A Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo/SP e Adrianópolis/PR, COOPERAFLORESTA, viu surgir o primeiro germe de sua existência em 1996<sup>24</sup> quando da realização de um curso sobre agroflorestas pelo próprio Ernst Götsch. Tal curso intermediado pelo técnico agrícola que atuava na região, Oswaldinho, contou também com a presença de Nelson. Esses dois agrônomos serão a principal fonte do saber técnico para as famílias que viriam a se associar, sendo que ambos já estudavam agroecologia e agroflorestas há algum tempo.

É a situação dialógica que doravante se estabeleceria entre esses técnicos e alguns agricultores da região na construção de um modelo alternativo de produção, que, segundo pensamos, confere à experiência da

---

<sup>24</sup> Vale aqui mencionar o contexto pós constituição de 1988, que trouxe notáveis avanços oriundos das lutas sociais perpetradas por estas populações que agora veem-se legalmente amparadas e reconhecidas, ainda que tal amparo não se traduza numa política socialmente eficiente, o que é atestado pelas grandes disparidades sociais encontradas na região.

COOPERAFLORESTA o status de trans-moderna e de diálogo de saberes, uma vez que os próprios agricultores serão chamados a re-elaborar suas práticas tradicionais à luz de “novos” princípios. Também essa proposta lhes possibilitará novas formas de comercialização, inserindo-se então de modo diferenciado na sociedade.

A situação de grande parte dos agricultores da região, já historicamente justificada, agravava-se ainda mais com uma nova onda de concentração fundiária (década de 90), com a baixa nos preços dos produtos oriundos da revolução verde, com a falta de incentivos por parte do estado e ainda com a dificuldade no escoamento da produção, que repetindo a história, era entregue nas mãos de atravessadores gerando dívidas, insatisfação e êxodo.

Mesmo assim a transição exigida pelos modelos agroecológicos é um processo bastante delicado, que gera dúvidas e conseqüentemente resistência. Poucas famílias, notadamente duas, aceitaram iniciar áreas agroflorestais com mais afinco. Ambos os agricultores comentam a crise que viviam na época, um deles por perceber o acentuado e progressivo desgaste do solo, com as colheitas diminuindo ano a ano, o outro por ter de arcar com as despesas de implantação de um bananal e na hora da colheita perder grande parte dos frutos que não haviam sido comprados, ainda que por preço irrisório, pelo atravessador.

É assim que aceitam implantar as primeiras áreas. Ambas foram visitadas durante nossas idas a campo e valem a menção. Em uma se veem principalmente espécies florestais, algumas já adultas e outras ainda juvenis. Tal área era antes um chiqueiro abandonado aonde crescia apenas capim, uma área bastante degradada.

Vale ressaltar que esta parcela não teve um manejo intensivo visando alta produtividade após sua implantação, constituindo-se numa área em recuperação (intermediária), alimentando uma fauna diversificada, capaz de fornecer madeiras para construção, lenha, mas também protegendo o lençol freático, capturando carbono atmosférico e ainda aumentando a fertilidade do solo pela deposição de húmus e fixação de nitrogênio, podendo futuramente vir a ser utilizada para

plantios de luxo (como é comum falarem). Foi especialmente emocionante quando perguntarmos ao senhor responsável pela área, como se sentia, agora dentro da floresta que havia ajudado a crescer, ver seus olhos cheios de água ao dizer: “me sinto um outro homem”.

Já na outra área em questão participamos de um mutirão logo numa das primeiras visitas. Com vários pés de jaca, pupunha, palmito Jussara, erythrinas, hibiscos entre outras, tal área é frequentemente lembrada pelo dia em que chegando em casa o atual dono viu seu pai carpindo com a enxada que fazia um barulho irritante ao bater nas pedras, quando então sonhava com dias melhores. Tal mutirão consistiu primeiramente numa capina seletiva com facão quando foram cortadas as espécies destinadas a servirem como adubo verde, bem como galhos e árvores secos (espécies que haviam completado seu papel no ecossistema). Então com a maioria das árvores ainda em pé foram feitas covas para o plantio de duas variedades de bananas, taioba, mandioca, além de uma grande variedade de sementes com finalidade alimentar como: milho, vagem, abóbora, feijão, quiabo e etc...outras que serviriam como adubos verdes e plantas companheiras como: feijão guandu, mucuna preta e feijão de porco e outras com dupla função como o urucum. Nos dias subsequentes o agricultor cortou várias árvores que compunham esse sistema, deixando alguns troncos para regeneração e utilizando os palmitos para confecção de conservas e consumo da família; parte da madeira foi separada para o fogão a lenha e outra parte picada para que ficasse totalmente em contato com o solo no qual vai se decompor em nutrientes que fertilizarão as próximas culturas. Nas visitas que fizemos depois de dois meses, depois quatro e então seis meses foi espantoso ver o crescimento e a beleza das plantas que formavam então uma vegetação luxuriante atestando a força de um sistema que ao crescer renova a fertilidade da terra preparando já o próximo e mais complexo ciclo que sucederá.

Há dezesseis anos atrás não haviam garantias sobre o sucesso de tais áreas, logo o crescimento da associação foi lento. Depois de uma breve inflação de novos associados, principalmente devido a aportes de recursos pela



prefeitura(chegaram a 150 famílias no ano 2000), a associação chegou em 2003, quando já era uma referência regional e decidiu assumir o status de pessoa jurídica, com menos de 60 famílias associadas. De lá para cá, mais exigentes quanto aos quesitos<sup>25</sup> para a aceitação de novos associados, o crescimento tem sido mais orgânico e constante somando atualmente 110 famílias (322 pessoas), das quais 70% residem em comunidades (bairros, como denomina-se no local) que se reconheceram como remanescentes de quilombos.

Estas famílias manejam hoje, mais intensamente, uma área de 250 hectares de agroflorestas resultando numa média de 2,2 hectares por família. Além de 500 hectares de manejo extensivo e regeneração.

Segundo dados do Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais (DESER, 2008), a renda das famílias que antes de ingressarem na associação era de 4 salários mínimos anuais, cresceu, em cinco anos, 480%, isso se contarmos a produção para o auto-consumo na qual não estão contabilizados os ganhos com a saúde decorrentes de uma alimentação mais farta e mais saudável uma vez que oriunda do manejo agroflorestal.

Já antigos, devido a dinamicidade do processo, tais dados estão defasados uma vez que muitas mudas plantadas estão começando a produzir e muitas também estão aumentando a produção, dentre outros fatores por uma melhora da fertilidade do solo, o que é amplamente atestado pelos agricultores. Segundo dados da própria Cooperafloresta (2011)<sup>26</sup> já em 2009 75% das famílias haviam atingido rendas superiores a 15 salários mínimos anuais, mais cerca de quatro salários contabilizados como autoconsumo.

O acesso a agências de micro crédito foi fundamental para a possibilidade de investimentos nas propriedades, uma vez que esta população não se viu contemplada por programas de crédito para a agricultura das agências estatais. Mediados pela associação tais créditos foram utilizados para a aquisição de mudas, ferramentas e principalmente na implantação de um sistema de transporte

---

25 Recentemente foi definido que para a aceitação de novos membros na associação estes já devem estar, ao menos inicialmente, cultivando agroflorestas.

26 Documento de circulação interna.

de caixas por cabos aéreos nas propriedades, que em sua grande maioria situam-se em relevos bastante declivosos<sup>27</sup>. Tal sistema aliviou a pressão em um importante gargalo que é o escoamento da produção, muito custoso inclusive pelo desgaste físico dos agricultores, que muitas vezes tem de transportar as caixas carregadas com produtos, especialmente bananas, do alto das serras, seja no lombo de cavalos e jumentos seja nas próprias costas. Ainda que contem com dois caminhões próprios, frutos de parcerias com o Ministério da Integração Nacional e de projetos com a PETROBRAS, estes não alcançam o interior das propriedades. Além disso a distância entre as comunidades ainda encarece a comercialização que tem de viajar mais 144km para chegar até Curitiba, principal grande centro explorado pela Coopera.

Dentre a variedade dos produtos os que conferem renda mais expressiva são a vagem, as bananas, a goiabada e o mel. Comercializados principalmente para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do governo federal e para feiras de produtos ecológicos em Curitiba. Uma variedade muito maior de produtos é produzida em menor escala, tanto para a comercialização quanto para o auto consumo, raízes como a mandioca, o inhame, a taioba, também legumes, hortaliças, feijão, milho, abóboras, arroz além de uma infinidade de frutas nativas e exóticas compõem a dieta e promovem a saúde desses agricultores.

É importante ressaltarmos, como nos foi dito pelos técnicos, que desde o início da associação as ideias e os saberes dos agricultores foram levados em consideração, constituindo uma relação de diálogo com o saber técnico. Como nos diz Nelson:

“...no início a gente foi tomado talvez por um excesso de pensamento mágico. Todas as coisas se ajudam, e aí você põe mandioca põe isso e aquilo e põe tudo, mas mesmo quando você põe tudo é preciso que a terra esteja certa para mandioca, que tenha a fertilidade certa, que toda essa combinação precisa ser um pouco harmônica dentro do sistema, os tempos de plantio, a estação certa é fundamental pra acertar, e a gente plantou contra a estação. E por quê que a coisa acertou mais? Por que alguns agricultores entenderam bem a ideia e ainda que não praticando

---

27 Vale lembrar da sensação que se tem ao chegar na propriedade do presidente da Associação, aonde para alcançar sua casa temos de atravessar o rio Pardo por um cabo aéreo a uma altura de quase dez metros ao longo de mais de cinquenta metros de comprimento, tendo ele se tornado um “especialista” na construção desses sistemas.

completamente entenderam boa parte da concepção e foram juntando as coisas (*o saber técnico e o saber dos agricultores*) e a gente também apesar daquela empolgação e daquela ideia e vendo que alguns agricultores faziam ao contrário...alguns agricultores capinam e tiram toda a comida do pé da planta isso é nacional em todos os lugares, mas ao mesmo tempo a gente respeitou, talvez por princípios, ou nem tanto por princípios mas também por impotência técnica, mas também por impossibilidade de controlar todo o processo (risadas), eu poderia enfeitar, mas a verdade é que a coisa em si é incontrolável. “Milhares” de espécies, tudo junto, você tem que negociar com o agricultor ...que se apropria e vai fazendo, **na realidade houve uma grande junção de conhecimentos**. Ainda eles estavam lidando com técnicos que não conheciam de agricultura, então a gente fez muita besteira e os agricultores iam corrigindo...”.(grifo nosso)

Essa questão é especialmente relevante por que nos mostra que a realidade atual do sistema agroflorestal implantado pela Cooperafloresta é resultado de um “diálogo de saberes” que ao reunir importantes conhecimentos técnicos com a vocação florestal de um tipo de agricultura e talvez até de um povo e de uma cultura, permitiu a esses agricultores, ao reformularem suas práticas, co-criarem um modo de produção de baixa entrada de insumos capaz de gerar renda e sustentar suas famílias. É importante que compreendamos que o viés econômico do processo não pode ser destacado de um todo social complexo que manifesta-se em implicações culturais e políticas.

Prova disso é o seu modelo de organização a partir de um conselho que reúne representantes de todos os bairros. A fala que segue, extraída de um documento de circulação interna (Cooperafloresta, 2011), atesta uma importante e decisiva compreensão acerca do processo democrático que orienta a associação:

“A minha família sempre dizia para mim... você fica na mão da associação, não pode cortar aqui, não pode cortar lá...mas eu falo pro meu pai: se você vai num banco não tem um monte de regra? ...na agrofloresta e na associação você obedece uma regra no início e depois você cria outras regras...”(agricultor do grupo Areia Branca)

Legitimando seus processos de decisão tal situação é capaz de devolver a dignidade a uma população que via seu modo de vida sendo pouco a pouco estrangulado por uma proposta de progresso que não os contemplava. Especial

exemplo desse processo foi a narração de um dos agricultores, falando acerca de seus amigos que numa época de muitas chuvas, devido a desbarrancamentos ficaram quase ilhados em sua região:

Eu fiquei muito orgulhoso deles, eles foram pra rua com faixas protestar, quando a prefeitura chegou lá com um monte de cestas básicas eles falaram que não queriam: “Nós precisamos da estrada pra vender nossa produção não precisamos de esmola, nossa produção tá estragando”. Como diz aquela música do Luiz Gonzaga: seu doutô os nordestino tem muita gratidão, pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão mas doutô uma esmola a um homem qui é são ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão.

Ao mesmo tempo em que o conselho mobiliza o poder de tomada de decisão da associação como um todo, os 22 sub grupos reúnem os agricultores por bairros integrando-os por meio dos mutirões. Em alguns bairros ocorrem mutirões da comunidade num sentido amplo, que extrapola a associação, sendo que muitos associados participam de ambos. Por ocasião do preenchimento do plano de manejo todos os agricultores participantes reconheciam a importância desses mutirões, não apenas por que preenchem a lacuna de trabalhadores hábeis na lida com a agrofloresta (que tem importantes diferenças da agricultura de coivara praticada tradicionalmente na região), mas também por que caracterizam-se como importantes momentos de instrução e troca de experiências, agindo como laço de coesão social, construindo relações de reciprocidade mas também de solidariedade. Essa verdadeira rede tem sido fundamental para a difusão do conhecimento e até de sementes e mudas que vão sendo trocadas ampliando e diversificando o patrimônio cultural e genético dos agroecossistemas.

Falando cientificamente sobre agroflorestas a questão da espiritualidade poderia ser tranquilamente omitida, mas não quando falamos do âmbito da Cooperafloresta. Em quase todas as conversas com os agricultores sobre a história do sistema na região fica patente a força que desempenha na sua visão de mundo a fé e a religiosidade. Sendo a grande maioria cristã distribuída entre o catolicismo e algumas denominações protestantes, trazem frequentemente a compreensão do mundo enquanto criação divina, sendo a natureza sagrada, e

assim o seu aprendizado com ela, imitando seus processos e descobrindo sua função enquanto cuidadores: “...Outra importância é que a gente aprende a conviver...com a mulher, com os filhos, com os vizinhos e com as pessoas que vêm visitar a gente. A gente sozinho não faz nada...” (Agricultor do grupo Salto Grande). Esse “pano de fundo” religioso se constitui como a principal matriz cultural que compõem a visão de mundo desses agricultores bem como orienta suas relações sócio-ambientais.

Pretendemos com este pequeno texto demonstrar um pouco da história e da atual situação da Cooperafloresta e ao mesmo tempo esboçar a inter-relação entre os aspectos econômicos, técnicos e culturais que vem gerando esta profunda transformação.

### 3.3.1 Agrofloresta na prática: A experiência da COOPERAFLORESTA

Munidos da compreensão de que a transformação da visão de mundo é condição primordial para o desenvolvimento de um saber agroflorestal - principalmente no que diz respeito a compreensão da unidade da vida em seu processo de crescer e de ultrapassar a si mesma relegando as próximas gerações os frutos de um sistema mais equilibrado (amor)- passaremos agora a identificar algumas das práticas oriundas dessa compreensão. Esta descrição bastante breve das práticas básicas do sistema agroflorestal nos ajuda a compreender o processo e o ritmo do trabalho no cotidiano como expressão dos princípios que iremos abordar(cap.4).

Acreditamos que apesar da compreensão ser um movimento de liberdade interno e individual, certas experiências podem promover pontes para a reflexão. O trabalho mediante as técnicas em questão, se bem executado e bem observado traz amalgamado em si os princípios filosóficos da agrofloresta demonstrando a unidade entre teoria e prática.

Temos de ter em mente que a proposta agroflorestal tal como formulada por Ernst Götsch trabalha com níveis de complexidade muito maiores que as

propostas agroflorestais mais convencionais, que admitem o consórcio entre duas espécies vegetais no espaço ou no tempo ou entre árvores, pastagens e animais. Para Götsch o ecossistema local é o espelho para o qual devemos mirar, fundamental é ressaltarmos, de forma inclusiva.

Assim plantas exóticas de especial interesse podem ser incluídas no sistema agroflorestal, sua saúde no entanto depende que compreendamos seu lugar no sistema enquanto equivalente ecológico, ou seja em que nicho dentro do sistema essa planta exercerá o mesmo papel que desempenhava em seu ecossistema nativo.

Como exemplo dessa relação temos as seculares plantações de café nos Andes citadas por Leff (2009, p.46), que mesclavam entre 15 e 25 espécies de plantas, e que hoje vem sendo substituídas por monoculturas. Como planta arbustiva natural de sub-bosques o café se torna muito mais resistente a pragas quando cultivado em meia sombra. Além disso espécies com grande potencial de fixação de nitrogênio, desde o arbustivo feijão guandu (*Cajanus cajan*) até árvores como o ingá (*Inga sp.*) ou a erythrina (*Erythrina sp.*), repõem em importantes taxas nutrientes essenciais ao desenvolvimento das culturas principais.

É importante ressaltarmos antes da exposição das práticas principais que este modelo também chamado de sistema agroflorestal sucessional biodiverso<sup>28</sup>, apresenta alguns desafios quanto a uma produção agroindustrial ou mesmo para uma comercialização em escala:

Quanto mais diversas forem as populações biológicas de um ecossistema, mais complexo é o estabelecimento de processos agroindustriais que transformem sua produção primária, complicando a inovação e integração de um sistema tecnológico adequado para a sua transformação (LEFF, 2009 p.86)

Assim é comum que algumas espécies de destacado valor de uso e fácil aceitação no mercado sejam “eleitas” como carro-chefe da produção, o que não

---

28 <http://www.agrofloresta.net/educacao-agroflorestal/sistema-agroflorestal-sucessional-biodiverso/>  
Acesso em: 01/03/2012

impede que uma ampla variedade de espécies seja mantida, em menor escala, com vistas ao auto consumo, como adubadeira ou mesmo por seu valor próprio: “Por que aquela árvore que está ali, ela não está só melhorando o solo, o ar e a água que é essencial pra vida, ela está dividindo o ser dela com nós”(Agricultor grupo Salto Grande)

O favorecimento indiscriminado das espécies destinadas a comercialização, no entanto, podando outras árvores para ampliar a entrada de luz do Sol ou retirando matéria orgânica de outras áreas para ser utilizada como nutriente (comida da planta como falam) ou cobertura do solo pode gerar desequilíbrio, ou um menor aproveitamento do sistema sucessional. Assim é necessário achar o equilíbrio entre a demanda por produtos e a necessidade de (re)ciclagem interna de nutrientes. A respeito desse processo:

Quanto aos teores de macro e micro nutrientes necessários ao crescimento das plantas, tem-se: carbono, oxigênio e hidrogênio, cedidos pelo ar e pela água; nitrogênio, fósforo e potássio que são os macronutrientes primários, cedidos substancialmente pelo solo; cálcio, magnésio e enxofre que são os macronutrientes secundários, cedidos substancialmente pelo solo; boro, manganês, zinco, cobre, molibdênio e ferro, além de outros elementos em pequenas quantidades dissolvidos na sua camada superficial, que são os micronutrientes<sup>29</sup>.

A ciclagem desses nutrientes dentro da agrofloresta, por sua vez é promovida sobretudo pela utilização de plantas chamadas de adubadeiras pelo seu potencial em produção de biomassa, ou pela capacidade de fixar nitrogênio pela associação com bactérias que captam o nitrogênio atmosférico.

Aquilo que normalmente chamamos de solos pobres muitas vezes são solos que foram empobrecidos por cultivos inadequados, des-complexificando o ecossistema. Muitas das áreas da Cooperafloresta por exemplo se situam em terrenos que estavam compactados pelo pisoteio do gado e tomados pela *brachiaria (brachiaria decumbens)*. Nestas situações a acidificação dos solos impede a disponibilização dos nutrientes para as culturas mais exigentes. A

---

29 REIS, M.F. ; BIDONE, F.R.; GHELING, G.R. Produção de macro e micro nutrientes através da compostagem de resíduos orgânicos provenientes das podas urbanas codispostos com resíduos da CEASA e lodo de estação de tratamento de esgotos. XXV I I Congresso Internacional Americano de Engenharia Sanitária e Ambiental Acesso em: 10/03/2012

agricultura moderna “resolve” esses problemas através do uso de maquinário pesado, herbicidas e fertilizantes.

Gotsch (1994 p. 4) contudo relata uma de suas experiências, importante para a atual configuração dos sistemas agroflorestais, quando no sul da Bahia teve de trabalhar com solos extremamente degradados onde mesmo espécies pioneiras como a mandioca e o feijão-caupi não conseguiam crescer. Percebeu no entanto que mesmo nessa situação numerosas ervas e capins espontâneos medravam vigorosamente. A partir dessa constatação passa a capinar somente as plantas (espontâneas) que já haviam atingido a sua maturidade, ou terminado a sua função enquanto promotoras da vida. Logo as plantas cultivadas começaram a apresentar uma significativa melhora no seu crescimento. Essa prática se popularizou pelo nome de “capina seletiva” e é uma das mais importantes formas de manejo na implantação de uma agrofloresta.

A capina seletiva também colabora para o cumprimento de uma das lições básicas de todas as formas de produção agroecológicas que é a da necessidade que o solo fique permanentemente coberto, seja essa cobertura viva ou morta. Além de proteger o solo das intempéries como o calor excessivo, o carreamento de partículas pelo vento ou a lixiviação e erosão pelas chuvas, a cobertura do solo promove o constante aporte de biomassa que por sua vez alimenta inúmeras formas de vida que habitam o solo. A capina seletiva aproveita as espécies endógenas, altamente adaptadas as condições edáficas, para realizar esse processo:

Eu digo que não uso esterco, mas ali na minha agrofloresta tem um gado invisível que tá sempre deixando esterco pras minhas plantas...O importante é deixar o solo coberto, porque mesmo o plantio não dando certo se o solo tiver bem coberto pior não vai ficar (Agricultor grupo Córrego do Franco)

Essas operações diminuem ao mínimo o trabalho com a enxada, normalmente executado em mutirões, sendo que o facão é a ferramenta indispensável ao agrofloresteiro. Para que estas técnicas funcionem no entanto é essencial que percebamos o processo de sucessão natural de espécies, que se



realiza a partir de consórcios de plantas menos exigentes que preparam o “caminho” para plantas mais exigentes. Assim uma horta não pode permanecer indefinidamente uma horta, pois assim que essas espécies atinjam sua maturidade (colheita) o sistema passará a ser dominado pelas plantas do segundo consórcio.

O conhecimento local é requerido sobretudo nesse momento. Conhecer as espécies da região e saber em que momento elas aparecem no sistema é fundamental para que o agricultor saiba o momento certo de introduzir cada espécie. Esse fluxo da vida em seu processo de regeneração é a característica marcante de um sistema que caminha ininterruptamente para uma maior complexidade, ou nas palavras de Gotsch (1994, p.8): “Cada passo é uma tentativa de adentrar e ser carregado pelo fluxo da vida chamado de sucessão natural das espécies”<sup>30</sup>

Vários dos agricultores participantes da pesquisa, alguns com dez anos ou mais de experiência, hoje olham para suas primeiras agroflorestas e reconhecem várias lacunas. Problemas no espaçamento das espécies, extratos que ficaram vazios ou predominância de certas espécies. Ainda assim são unânimes em reconhecer a melhora do solo ao analisar e comparar sua qualidade “ontem” e hoje. Várias dessas parcelas estão sendo 'reformadas'.

No momento atual, já que muitos desses agricultores possuem amplas áreas em regeneração, que são no entanto “pouco” produtivas<sup>31</sup> (extensiva) a reforma dos sistemas tem consistido numa utilização mais intensiva, ou seja parcelas menores mas mais manejadas buscando-se uma concentração e um aumento da produtividade. Ainda que seja redundante, lembramos que o aumento da produtividade aqui não está vinculado a uma racionalidade produtivista, pelo contrário uma maior compreensão do papel de cada espécie e um maior cuidado na escolha dos seus lugares resulta em menos trabalho humano, já que cada ser executa sua própria função, bem como em uma maior produtividade já que a

---

30 Tradução nossa

31 Frisamos aqui a ideia de pouco produtivas por que embora tais áreas ofereçam poucos produtos para o comércio poderíamos citar inúmeros serviços que são prestados por elas.

executa mais perfeitamente.

No momento da reforma, em primeiro lugar, escolhe-se a área em que serão construídos os canteiros<sup>32</sup>, que passam por uma capina retirando todas as ervas e capins espontâneos e depois tem a terra afogada sem ser revirada. Depois de realizado esse processo as árvores já maduras, que completaram seu ciclo, são cortadas, sendo seus troncos picados em pedaços regulares de cerca de 0,5 metro de comprimento<sup>33</sup>. Esses troncos são colocados lado a lado (horizontalmente) em pleno contato com o solo formando uma fileira. Então uma nova fileira de troncos é formada paralela a essa deixando um pequeno espaço de no máximo 30 cm entre as duas linhas. Ambas as linhas de troncos são cobertas por uma espessa camada de folhas, galhos finos e capins.

No espaço que fica entre as duas fileiras de troncos serão plantadas as espécies alimentares como mandioca, milho, feijão, vagem, cebola, hortaliças, cana, banana além de uma grande variedade de árvores frutíferas, madeireiras ou adubadeiras. Já nas bordas externas serão plantadas espécies com grande capacidade de produção de biomassa como capim napier, capim guatemala, margaridão ou fumeiro bravo. O rápido crescimento dessas espécies alimentará o sistema até o crescimento das plantas anuais, bi-anuais e finalmente das árvores.

Chama a atenção nesse modelo a grande demanda por mão de obra quando da sua implantação. Contudo a densa cobertura do solo e o constante aporte de biomassa pelas espécies adubadeiras facilita muito o manejo posterior além de produzir resultados surpreendentes. Esses resultados se estendem, dependendo do plano que se tem para a área, por muitos anos, já que algumas espécies podem produzir safras consideráveis por mais de um século, como certos tipos de castanheiras, a erva-mate e a própria araucária. Mesmo para essas espécies de ciclos muito longos o vigor inicial do sistema é fundamental por

32 Essas ideias foram trazidas por Gotsch quando da sua última visita a Cooperafloresta no início de 2011, registramos assim o seu crédito.

33 O corte das árvores já maduras que poderia chocar os adeptos de um ecossistema intocado é descrito de forma interessante por um dos agricultores: "Porque para mim o certo é esse, não sei, é tipo assim as árvores crescem e captam energia, que nem o pulmão (inspira)...enche daí você derruba.....póooo(expira). Daí você suspira de novo, cada vez ficando mais rico. é onde entra a mão do ser humano para apressar este ciclo"(Agricultor, grupo Córrego do Franco)

que implica num crescimento elevado nos primeiros anos garantindo safras mais precoces.

Alguns dos testes mais decisivos para a proposta deste sistema agroflorestal ocorrem quando do “ataque” dos seres que normalmente são considerados como pragas. Ernst, neste ponto, faz questão de reafirmar o princípio de que a vida trabalha para sua constante otimização, logo temos de refrear o ímpeto de combater insetos e plantas que consideramos normalmente como daninhos. Longe disso na concepção agroflorestal estes são importantes professores que inspecionando o sistema vem a apontar suas falhas indicando espécies inaptas para cumprirem suas funções num dado momento do sistema. A formiga saúva por exemplo que causa inúmeros danos em plantios comerciais seria típica de uma área degradada pobre em matéria orgânica. Seu trabalho constante que consiste em cortar folhas e levá-las para debaixo da terra teria a função de criar “ilhas” de vegetação mais ricas responsáveis por repovoar a área como um todo. Ao invés de combatermos a saúva, busca-se ampliar a produção de biomassa na área através de plantios massivos de espécies forrageiras, logo a saúva “perde” sua função e ainda que permaneça será numa menor escala sem atrapalhar “nossas” plantas.

Alias, muito mais do que um recurso emergencial, o plantio adensado faz parte do aprendizado com a natureza. Quando observamos a formação de uma clareira na floresta rapidamente esta área é repovoada por inúmeras espécies e inúmeros indivíduos, sendo que nem todos completarão seu ciclo. Na fase juvenil no entanto vemos todos bastante vigorosos, sendo que os que não conseguem acompanhar o crescimento acabam por morrer, ou melhor transformam-se em outras formas de vidas. Muitas vezes não se dispõe da quantidade necessária de mudas e sementes para o plantio adensado que diz respeito não somente ao espaçamento das árvores adultas, mas de todos os extratos da vegetação nas diferentes fases do sistema, o que constitui uma dificuldade geralmente suprida pela regeneração de espécies espontâneas nativas.

Cabe aqui uma rápida menção às três principais fases do processo de

regeneração tais como propostas por Ernst (VAZ, sem data). O primeiro consórcio de espécies (sistemas de lignina), chamadas de pioneiras caracterizam-se pela alta relação carbono-nitrogênio. Responsáveis por iniciar a complexificação do sistema as espécies deste consórcio não alimentam grandes animais, atraindo no entanto aves e insetos que trazem e levam pólen e sementes. A segunda etapa ou consórcio intermediário que surge do aprimoramento das condições do solo operado pelo sistema de lignina, caracteriza-se pela menor relação carbono-nitrogênio, pela maior produção de alimentos e conseqüentemente uma fauna maior e mais complexa, os diversos ciclos que se sucedem no sistema intermediário acabarão por propiciar o surgimento do sistema de luxo ou sistema de abundância. Tal sistema se caracteriza pela mais estreita relação carbono-nitrogênio para aquela área e abriga espécies muito mais exigentes quanto a fertilidade do solo. Também nessa fase aparece a maior diversidade do sistema acompanhada pela maior produtividade de alimentos, como frutas, raízes, folhas e sementes abrigando mais animais e de maior porte.

A compreensão dessas fases nos leva a projetar o sistema, obviamente levando em consideração o estágio atual da área em que se vai trabalhar. Ao contrário da agricultura convencional que abre áreas novas e começa por plantar espécies mais exigentes, levando a um empobrecimento do solo, plantando então espécies mais rústicas e por fim abandonando a área, a agrofloresta pretende recuperar mesmo as áreas mais degradadas iniciando com as espécies mais rústicas, alimentando o solo, aumentando a diversidade e qualidade dos produtos, chegando então até as espécies mais exigentes. Começa-se sempre plantando espécies de todas as fases, sempre que se realiza uma colheita, representando o fim de um ciclo, o desbaste das plantas ceifadas alimentará o novo consórcio que ira doravante dominar:

As pesquisas indicam que a implantação de agroflorestas não diminui a produtividade relativa de cada espécie plantada. Uma experiência na Bolívia resultou em quatro a cinco por cento menos de arroz do que se fosse em monocultivo, mas três meses depois, colheu-se o mamão, mais

três meses, sem nenhum trabalho além de colher, obteve-se uma segunda colheita pequena de arroz, com um ano e dois meses veio a banana, depois a mandioca, com dois anos e pouco os primeiros cacauzeiros, e com quatro anos os primeiros resultados florestais, em frutíferas e madeiras.

Lembramos por fim que o aprimoramento do saber dos agricultores tem levado a sistemas mais elaborados, uma vez que, embora baseados nos mesmos princípios agregam os frutos de anos de experiência e observação. Ao mesmo tempo fomos surpreendidos pelas notícias(não pudemos conferir pessoalmente) de que uma das agroflorestas mais belas pertence a um jovem de quinze anos, aluno da escolinha agroflorestal que vem trabalhando, agora como agente multiplicador, comprovando que o tempo de experiência nem sempre é determinante.

Para encerrar este breve capítulo citamos uma frase de Ernst Götsch que teria sido anotada por um dos agricultores: “Quanto mais aprendo sobre as plantas mas receio tenho de usar o facão, pois sei que cada ser vive em seu lugar exatamente para fazer o melhor”.

#### 4. CAMPONESES: VISÕES DE MUNDO E RELAÇÕES SOCIAIS

Como acontece em vários pontos do Brasil, aonde encontramos relevo acidentado e remanescentes florestais há um bom indício de encontrarmos comunidades tradicionais. O relevo acidentado, por quê ou tais comunidades foram expulsas das áreas mais facilmente ocupáveis e recentemente mecanizáveis ou afluíram para essas áreas devido ao menor preço da terra; já os remanescentes florestais, por que é parte do ser do caboclo brasileiro o convívio com as matas, seja pelo pousio do sistema de coivara, seja pela extração do palmito ou até pela caça (LEFF.2009, p.34).

Recentemente quando da implantação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC, 2000), várias dessas comunidades se tornaram protagonistas de uma luta que chegou até elas. Chegou até elas por que o ritmo do crescimento, leia-se desflorestamento, passou a ameaçar os últimos remanescentes florestais, especialmente da mata atlântica (caso em questão), sobre a qual estão as mais antigas cidades brasileiras, e que incrivelmente ainda abriga uma das maiores diversidades do mundo. A criação dos parques nacionais e o conseqüente impedimento de sua habitação levou muitos a defenderem a relocação dessas comunidades. Difícil está de percebermos que tais comunidades convivem há séculos com tais ambientes e que a pressão sobre eles advém do progresso movido pelas cidades que agora querem proteger o mundo de si mesmas e que já não conseguem sequer supor uma convivência como tal.

Numa das visitas a campo escutamos o relato de uma senhora que lembrava do espanto que os acometeu, numa época em que uma grande empresa havia comprado a maior parte das terras historicamente pertencentes ao “quilombo”, quando então descobriram que suas casas e lavouras ficavam dentro do parque, logo não poderiam mais desenvolver suas atividades.

Estudos recentes no entanto tem inclusive considerado seu sistema agrícola tradicional<sup>34</sup> como um promotor da diversidade nas áreas florestais, uma

---

34 Ainda que genericamente nos refiramos a esse modelo de agricultura como agricultura de

vez que a agricultura voltada a subsistência demandava das matas a extração de remédios, fibras, lenha, madeira para construções, além de alimentos. Tal necessidade gerava um manejo seletivo, pois se utilizavam uma certa espécie era comum que permitissem a sua regeneração e estimulassem a sua propagação (LEONEL, 2000). Muitas dessas práticas e saberes que podem ser chamados de agroflorestais subsistiram desde as culturas indígenas, ainda que passando pelo violento processo de aculturação e hibridação sofrido pela população brasileira.

Neste capítulo pretendemos então descrever as relações sociais e ambientais que emergem da visão de mundo reelaborada pelos sujeitos da pesquisa. Há que se estar atento para o fato de que muito do que se tem escrito sobre a história dessas populações foca-se nas categorias de exploração, colonização e dominação; sendo que incorreríamos num grave erro se não reconhecêssemos esta “herança”. No entanto, como vários estudos vem ressaltando, é importante trazer para a discussão as estratégias que tais populações vem traçando, mesmo que não institucionalizadas, para manterem um certo nível de autonomia bem como seu estilo de vida, demonstrando também que as formulações culturais não são de modo nenhum estanques estando em permanente relação com processos histórico-sociais e mesmo ambientais.

Longe de estarem plenamente estabelecidas, tais populações veem-se ainda ameaçadas pelo acirramento do projeto de modernização e crescimento representado sobretudo pela intensificação das novidades oriundas da “Revolução Verde”. A revolução verde no Brasil pode ser entendida como: “Um programa de remoção dos obstáculos à entrada do capital no campo, de estímulo a modernização da agropecuária.” (MARTINS, 1986 p.94). Processo este levado a cabo sobretudo pelos governos militares entre 1964 e 1984, aliados então aos grandes capitalistas e também aos donos de terras, expulsando os camponeses do campo ou dificultando sua permanência.

---

coivara ou derruba e queima é importante notarmos que às noções práticas básicas compartilhadas por agricultores do mundo inteiro somam-se inúmeras especificidades locais, como plantas companheiras, presença de árvores no sistema, consórcio de cultivos, variedade de espécies, tempos de uso e pousio além do uso e manejo dos processos de regeneração natural, o que faz de cada região cultural única.

Como resposta a tais ameaças tem-se formatado, nos últimos anos, um diálogo entre essas populações e “outras modernidades possíveis” surgindo daí novas estratégias. Isso se realiza a partir do acesso a redes de informação mas também de comercialização que reúnem indivíduos relacionados a determinados temas e ideais. Dentre essas estratégias, as dos movimentos sociais que conjugam também as causas ambientais tem sido especialmente relevantes.

A emergência da questão ambiental e sua disseminação por amplos setores da sociedade, a fundamentação da agroecologia enquanto disciplina e a associação da figura do camponês com a preservação dos recursos naturais são alguns dos elementos que tem sensibilizado certas parcelas da população urbana a aderirem a um tipo de consumo diferenciado que funciona como fomento desses modos de vida e tem se constituído como uma importante rede social.

Brasileiros que são, o histórico desses agricultores, ainda que nem todos sejam quilombolas, está ligado ao histórico dos ciclos produtivos que se fizeram enquanto expressão de um modelo colonizador. Calcados na escravidão, na acumulação e escoamento do capital e no favorecimento das lavouras de *plantation* em detrimento de uma vasta população camponesa-que chegou a ser reputada como inexistente- tais ciclos impuseram situações sociais, culturais e políticas semelhantes, o que fez com que populações heterogêneas tivessem de enfrentar desafios comuns, gerando diferentes formas de (r)existir.

Os modos de produção das populações tradicionais que habitam o território brasileiro normalmente aparecem como fruto de diferentes níveis de hibridação entre tribos indígenas, africanos e colonos portugueses ou de outras etnias europeias. Quanto mais incipiente o grau da produção voltado para a comercialização de larga escala, tipicamente direcionada para o exterior e promotora de um desenvolvimento deformado, maior a harmonia entre os sistemas naturais e as formações sociais porque baseados num potencial produtivo dos ecossistemas naturais (LEFF.2009,p.35).

Os agricultores/agrofloresteiros em questão serão vistos a partir deste pano de fundo comum. Assim é importante notarmos que o momento em que começam



a implantar o sistema agroflorestal era um momento crítico, uma vez que o confronto com a ordem hegemônica, mais uma vez colocava limites claros ao seu modelo tradicional de desenvolvimento.

Para uma breve análise do seu modo de vida utilizaremos como referência a obra de Antônio Cândido, **Os Parceiros do Rio Bonito**. Tal pesquisa de campo, porquê desenvolvida no interior paulista num momento decisivo de confronto com a modernização, se aproxima da região desta pesquisa não apenas geograficamente mas também pelo momento vivido pelos agricultores no início da associação. Como afirmamos acima, no entanto, a proposição de outras modernidades possíveis tem dado aos agricultores da COOPERAFLORRESTA uma forma de resistir que cria barreiras a expansão capitalista.

Uma das similaridades com as populações descritas por Antônio Cândido é o fato de que, além das comunidades de história mais recente mesmo as hoje reconhecidas comunidades quilombolas, são chamadas de bairros, que segundo o autor são:

“...a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de uma ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas...”(CÂNDIDO, 1977).

Não se trata aqui de identificar os moradores atuais da região com o protótipo do caipira apresentado por Antônio Cândido, mas sim revelar traços culturais que atestam um passado similar, muitas vezes, não muito longínquo.

A importância do núcleo familiar e as transformações pelas quais tem passado permitem uma análise interessante do processo recentemente vivido por esses agricultores.

As comunidades quilombolas baseadas na agricultura de coivara, consistiam, no que diz respeito a ocupação do território, nos bairros. Pequenos núcleos um tanto rarefeitos consistindo em casas mais próximas umas das outras, frequentemente agrupando famílias formando pequenos centros ligados a fundamental característica de ajuda-mútua. Nas localidades maiores é aí que surgem as primeiras igrejas, pequenos comércios, campos de futebol e mais

recentemente telefones públicos. Lembrando que alguns bairros distam mais de 30km em relação ao centro de Barra do Turvo, núcleo mais próximo mesmo para os moradores do município de Adrianópolis, que estão próximos a divisa. Em algumas regiões brinca-se com o fato de certos agricultores morarem em regiões muito afastadas, sendo chamados de caipiras por sua condição de “isolamento”.

Tradicionalmente amplas áreas ao redor das casas consistiam em áreas de roça, estando ativas, com os cultivos propriamente ditos ou em pousio, havendo também com bastante frequência áreas de mata ainda não utilizadas intensivamente (para plantios de subsistência) tendo sido utilizadas no entanto para o corte de madeiras e extração de alimentos ou mesmo para caça. A amplitude dessas áreas permitiu que por longo tempo a reprodução dessas comunidades estivesse garantida na própria localidade sem o aumento do ritmo produtivo nas parcelas, o que garantia a recomposição da fertilidade do solo.

O conflito oriundo da “chegada” de novos atores sociais detentores de outros valores e objetivos com relação a região colocou em cheque a possibilidade dessas famílias (num sentido ampliado incluindo filhos, genros, noras e netos) de permanecerem e se expandirem no local. Os relatos sobre vendas baseadas em contratos duvidosos e mesmo sobre coerções físicas são relativamente comuns.

Num primeiro momento isso se manifesta na intensificação do ritmo produtivo em cada parcela, levando a um aumento do trabalho e a uma diminuição progressiva da produtividade. Quando no entanto se deparam com a necessidade de sair de casa e se manterem, os jovens não possuem os recursos necessários para adquirir novas terras, terra agora transformada, pelos valores da sociedade envolvente, em mercadoria. Tornou-se comum irem buscar trabalho fora das propriedades de suas famílias. Pudemos perceber que mesmo em áreas quilombolas já demarcadas a desilusão com a atividade agrícola continua a promover o êxodo das parcelas mais jovens da população.

Procuramos assim demonstrar que a expansão de um modelo civilizatório calcado na super-exploração de certos recursos desencadeará problemas que são exógenos ao sistema tradicional: O sistema de derrubada - queimada (coivara),

por exemplo, que é considerado sustentável quando permite um pousio arbóreo de longa duração (mais de 15 anos), com o crescimento da população começa a se tornar inviável uma vez que o fracionamento das parcelas de cultivo e sua divisão entre os membros da comunidade, impedidos de dispor de suas antigas parcelas, começam a impedir o pousio. O encurtamento do tempo de pousio por sua vez compromete radicalmente a fertilidade do solo diminuindo as colheitas, facilitando o crescimento de um tapete herbáceo que torna o trabalho mais custoso, tudo isso gerando um empobrecimento da população (MAZOYER & ROUDART, 2010). Além disso o crescente intercâmbio com as cidades altera profundamente o **ritmo** produtivo, assim como o ritmo de vida. Passam a surgir novas necessidades e a cultura do “mínimo vital” (CÂNDIDO, 1977) vai dando espaço a todo tipo de inovações vindas da cidade. Inovações essas carregadas de elementos simbólicos e ideológicos que tornam sempre mais sedutores os encantos da cidade e da modernidade rivalizando de forma aguda com a luta necessária para sua permanência no campo. Nas palavras de um agricultor:

... meu pai...capinava, juntava o cisco e queimava. Talvez numa época em que a terra tinha muito espaço, e isso aí até que funcionava, mas chegou um ponto em que isso só trazia pobreza, também. Trabalhava muito e judiava da terra, colhia pouco. Era da Bahia, mas fazia isso aqui no sítio. Faz 28 anos que estou aqui...Então você imagina, um terreno inclinado deste jeito, a gente capina, dá uma enxurrada, para onde é que vai..a nossa terra? Até a cana para produzir alguma tinha que botar esterco. Por isso que eu digo para você a diferença de enxergar o mundo que a agrofloresta me trouxe e ainda digo mais, eu por um período, um bom período de tempo eu sofri muito por causa de enxergar o mundo tão diferente. Sabe, era discriminação, gente falando absurdo tipo, você vai morrer de fome, eu ouvi muito estas coisas. Até o dia em que alguém me disse , “ah, você ta querendo voltar a ser índio?”  
(Agricultor grupo Córrego do Franco)

Assim o ideário agroflorestal acessado a partir do contato com saberes não hegemônicos vai confrontando as inovações do pacote trazido pela revolução verde, que temos de frisar nunca foi totalmente implantado na região, ao menos no nível dos agricultores camponeses. Ainda assim grande parte dos hoje agrofloresteiros fez uso em certas épocas de alguns tipos de veneno e adubos

químicos. Inúmeros relatos apontam as dificuldades desse período em que : “ a venda dos tomates para o atravessador dava só para pagar as caixas em que nós transportávamos”(Agricultor grupo Três Canais) ou “ Um dia eu chegando em casa vi meu pai trabalhando com a enxada que fazia “tim”, “tim”, “tim”, batendo já nas pedras, revirando a terra, e eu pensei: “Meu Deus, tem que ter um jeito diferente de fazer isso aí, assim não dá mais”(Agricultor grupo Córrego do Franco). Tal situação é exemplar quanto ao processo de exclusão gerado pela agricultura moderna que só se viabiliza pelo crescente investimento e importação de insumos. O forçoso aumento na produtividade traduz-se num barateamento dos produtos alimentícios, sufocando as pequenas propriedades impedindo a permanência na terra.

Nesse ponto podemos ver de forma clara como atua o processo de fragmentação das relações sociais tradicionais em prol de uma individualização crescente, sobretudo através do chamado mundo do trabalho, processo descrito na obra já citada de Antônio Cândido. Tal processo já naturalizado nas grandes cidades ainda impacta com o projeto de vida do agricultor camponês: “Eu não sei o que eles vão procurar na cidade, pra mim tudo lá é ilusão, eles são agricultor, deviam ficar aqui na Natureza” exclama um agrofloresteiro referindo-se aos filhos, sendo que de sete apenas um permanece trabalhando na agricultura.

Não podemos negar que mesmo o modelo agroflorestal adotado pela associação continua a “rivalizar” contra o êxodo e a busca por outros modos de vida. Mas é também notável o aumento da coesão familiar a partir do momento em que os membros da família passam a retirar grande parte de sua renda de suas propriedades, ao mesmo tempo em que se veem envolvidos num projeto coletivo. Isso é grandemente facilitado pela regeneração das parcelas, que ocorre concomitantemente ao seu uso, logo o período de pousio é substituído pela constante regeneração do sistema que propicia colheitas em cada uma de suas etapas, caminhando num sentido crescente, tanto no que diz respeito ao auto-consumo quanto à comercialização, o que permite um maior aproveitamento da terra.

Na conversão para esse projeto coletivo que começa no âmbito familiar tem sido bastante importante ao longo da história da Cooperafloresta o protagonismo desempenhado pelas mulheres. Em várias famílias foram elas que começaram a participar das primeiras reuniões iniciando os primeiros plantios em suas propriedades. Muitas vezes enfrentaram resistência por parte de maridos e filhos que as taxavam de loucas por fazerem essas “plantações bagunçadas, com tudo misturado”. As primeiras colheitas, o aumento de alimentos para a própria família e a garantia da comercialização dos produtos começaram a mudar a visão das famílias sobre a atividade. Estando este processo alicerçado numa convivência cada vez mais estreita com a crescente floresta, a relação com o lugar e com a Terra se torna um reenraizamento e a atenção que se voltava para fora agora se torna convergente.

Da sociabilidade fundada na família que toma suas decisões em conjunto e que agora pode voltar a fazer planos também para os filhos, o modelo agroflorestal passa a influir num âmbito mais amplo de socialização através dos mutirões.

A importância do mutirão (puxirão) é reconhecida sobretudo pelos moradores antigos, que viveram a época em que estes se constituíam enquanto laço social básico para a subsistência e reprodução de seu modo de vida. Tal prática é especialmente interessante por **atualizar** um sistema econômico baseado na reciprocidade. Em muitas comunidades, quilombolas ou não, tal prática vem se perdendo em detrimento de relações capitalistas aonde os agricultores vendem sua força de trabalho nas fazendas vizinhas ou nas cidades. Este fato está em relação com a pressão exercida sobre os pequenos agricultores que vem suas terras cercadas por plantios de pinus ou criadores de gado que não vivem na região. Os mutirões foram institucionalizados pela COOPERAFLORESTA no ano 2000, sendo que hoje ocupam um papel central no processo produtivo. Como já frisamos a territorialidade, mais ligada ao trabalho e menos a propriedade da terra, é fundamental para o estilo de vida dessas populações pois ao perderem seus lugares de vida tem sua capacidade de resistir

drasticamente diminuída, assim os trabalhos em mutirão tem sido fundamentais no processo de implantação de novas agroflorestas re-arranjando uma prática social tradicional. Pensamos junto com Martins (1986, p.102) que:

Nessa composição aparentemente conservadora, de apego ao “passado” e de resistência aparente à “nova” situação econômica, à realidade da empresa capitalista, é que estão sendo construídas as novas relações sociais.

Essas “novas” relações sociais desafiam a ética individualista predominante em nossa sociedade e optam por, conscientemente, renovar vínculos sociais que são uma conquista decisiva na medida em que permitem a construção de uma coletividade que resguarda interesses comuns e coloca barreiras a capitalização e mercantilização de suas formas de produzir a existência.

Como procuramos demonstrar é no momento em que a pressão exercida pelo capitalismo hegemônico desafia a possibilidade de permanecerem fiéis ao seu projeto de vida que esses camponeses passam, a partir da assimilação de um modelo produtivo alternativo que já traz em seu bojo o diálogo entre tradição e modernidade, a rearticular seus “modos de existir”. A questão é que isto não se pauta somente numa revalorização da tradição mas também na formação de alianças com saberes que desafiam as linhas abissais traçadas pelo cânone científico moderno (SOUSA SANTOS, 2010) e que portanto abrem “espaço” para a sua afirmação e valorização perante parcelas sempre maiores da sociedade.

Exemplo disso é a crescente demanda por produtos ecológicos bem como por experiências em áreas naturais, ou nas palavras de um dos agricultores:

“É importante que a pessoa que compra nosso produto na cidade saiba da onde ele vêm, as pessoas ficam curiosas quando a gente fala em Agrofloresta... Eu penso que não é só plantando que a gente faz agrofloresta, as pessoas podem levar isso pra toda a sua vida.”(Agricultor grupo Três Canais)

No que tange a visão de mundo das comunidades de Barra do Turvo, anterior ao acirramento promovido pela “modernização” da região, uma diferença

importante aparece ao compará-las com as comunidades estudadas por Antonio Cândido.

Os caipiras do interior paulista, frutos da miscigenação entre brancos e índias, que tiveram seu modo de viver e trabalhar estudado pelo autor em questão, demonstram uma acentuada mobilidade territorial; indicando um rápido esgotamento da terra bem como uma herança das bandeiras, viviam como que caminhando sertão adentro assim que “um recurso se exauria” .

Já nas comunidades de Barra do Turvo e região, onde ocorre a presença marcante de remanescentes de quilombos e de ampla miscigenação com brancos e índios, a sedentarização era bastante elevada. Os laudos antropológicos indicam que muitas dessas famílias habitavam a mesma região por mais de um século. Como já frisamos o uso comunal da terra<sup>35</sup> aliado a baixa densidade demográfica na região, permitindo longos períodos de pousio, contribuía para a formação de um sentimento de estima pela terra e pela mata, característico das populações camponesas.

Tal fato está em consonância com a fala de um dos técnicos quando indagado sobre a receptividade do sistema agroflorestal pelos agricultores da região:

“ Eles tinham tudo pra dizer que a gente era maluco, mas o que ajudou foi que no sistema de derrubada e queimada que eles praticavam, a fertilidade da terra já era recuperada pela floresta, por um período florestal, a porteiras fechadas”.

Essa ligação com a localidade é o germe fundamental para a noção de cuidado, tão cara as concepções ecológicas da agricultura.

Alguns dos moradores mais jovens começaram a trabalhar na atividade agrícola já no sistema mais “moderno,” usando adubos e alguns pesticidas ainda que em pequena escala. Os resultados insuficientes e os danos que iam se somando acabavam por acumular uma dívida moral: “a gente via que não dava

---

35 Como já frisamos no levantamento histórico a precária titulação das terras, as vezes oriunda da primeira “lei de terras”(1850), indica, num estudo mais aprofundado, que, quando existiam, os documentos se referiam a um representante que podia se declarar por ser livre, sendo que tais terras abrigavam verdadeiras comunidades.

mais, mas não sabia fazer diferente”.

Basta no entanto, retrocedermos uma geração para chegarmos ao sistema tradicional de coivara. Por isso, mesmo os jovens, já tinham um conhecimento bastante abrangente sobre as espécies florestais da região, um deles nos diz : “Parece que a agrofloresta já estava dentro da gente, só precisava lembrar e aprimorar” (grupo Três Canais). Frisamos essa questão para que se perceba o elemento de continuidade que há na transição para esse “novo” sistema.

É bem verdade no entanto que esses elementos de continuidade são mais facilmente percebidos por agricultores que já realizaram a transição e deixaram uma série de práticas que a agrofloresta reputa como nocivas e até antagônicas ao que se deseja, como é o caso do fogo por exemplo, que nunca é usado no sistema agroflorestal, já que é o símbolo máximo da simplificação do sistema; assim também como a ampla diversidade de espécies, a ausência ou diminuição drástica de revolvimentos do solo são características da agrofloresta que destoam do modelo tradicional.

Outro exemplo de continuidade contudo se dá no manejo de espécies florestais que se já era praticado agora se solidifica pois que essas progressivamente adentram as áreas produtivas. Em algumas áreas mais antigas, o observador mais destreinado tem dificuldades para enxergar onde começa e onde termina a agrofloresta. Prova disso são os levantamentos fitossociológicos realizados pelos grupos de pesquisa que apontam para uma alta percentagem de espécies nativas dentro das agroflorestas. Logo podemos frisar que momentos distintos do sistema tradicional (cultivo e pousio) agora se sobrepõe havendo uma inter-relação profunda entre produção e regeneração, somando-se a isso o fato de que muitas das espécies produtivas cultivadas são perenes produzindo por muitos anos. Tal processo é fundamental na medida em que se coaduna com o referido sentimento de estima pela terra permitindo e ampliando a estabilidade da família, inclusive supondo seu crescimento.

Se pensarmos o processo de conversão da agricultura tradicional para o cultivo agroflorestal como um processo educativo podemos dizer que não houve



uma sobreposição dos conhecimentos novos sobre o conhecimento tradicional, que constituiria o que Paulo Freire chama de uma educação bancária ou de extensão. Ao contrário o processo tem levado em conta, como chave para o sucesso da empreitada, a apreensão dos princípios agroflorestais pelos agricultores que de diferentes modos os incluem em suas práticas, daí termos enfocado os elementos de continuidade.

Esse processo, segundo os técnicos da associação, ainda que já fosse previsto por seus planejamentos, deu-se de maneira espontânea: “ pela incapacidade de controlar todo o processo”. Brinca-se com a ideia do “contaminar”(termo usado pelos próprios agricultores), dada a força que os primeiros contatos com essas ideias tem sobre certas pessoas. Podemos dizer que a clareza conceitual e prática trazida pelo saber agroflorestal acaba por formalizar um sentimento ancestral presente sobretudo na alma camponesa: viver na e com a Terra contribuindo para um continuo aumento da quantidade e qualidade de vida. O agricultor contaminado, imbuído da proposta agroflorestal, passa a implantar seu sistema de forma independente viabilizando diferentes respostas a diferentes desafios. A perda dos referenciais tradicionais de relação com a terra, como as orações pelas colheitas e a afinidade com os vegetais e animais, além de uma propensão intuitiva para com o meio que segundo Cândido eram destruídos pela cultura e pela técnica capitalistas, são ao menos parcialmente resguardados por uma esfera de autonomia engendrada pela associação e os valores, técnicas e princípios por ela propugnados.

Utilizado de forma autônoma por Ernst Götsch (1997, p.6) o conceito de sintropia é exemplar desse processo:

O princípio fundamental da vida neste planeta é a complexificação de resíduos entrópicos, primordialmente dos raios solares. Em cada lugar deste planeta a vida se organiza para otimizar o aproveitamento dos resíduos entrópicos. Muito do que observamos nos fenômenos geofísicos -como a rotação, os ventos, as correntes do mar, o movimento das placas tectônicas e o vulcanismo - nos indica que o próprio planeta, ativamente, otimiza os processos de vida. Isto nos leva à proximidade da sabedoria de povos antigos, como os celtas e outros, ou à tese do cientista moderno inglês Lovelock, que considera o planeta Terra um ser vivo, um

organismo<sup>36</sup>.

É comum ouvirmos a ideia de que após o contato com a agrofloresta ocorre um despertar, um “estado de iluminação espiritual” como nos diz Nelson, de modo que daí por diante seria impossível “retroceder” para outro modo de realizar a agricultura. Tal situação parece nos indicar algo muito profundo no ser do humano, que é sua relação fundamental com a vida, que ao refletir-se no indivíduo floresce em identidade, numa descoberta de si.

E o que eu penso é que o mundo não tá pronto ainda, ele está sendo feito a cada dia e agora a gente tá tendo a nossa oportunidade de também ajudar nessa, como é que eu vou chamar , ...nessa “fazeção” do mundo. E eu acho que é o fato de muita gente estar doente,...depressão é falta de saber disso! Sabe você ... não tem sentido...não .. porquê tem bactérias, tem coisas assim minúsculas que segundo o que dizem alguns, nem cérebro não tem e elas sabem qual que é a função delas e elas executam com perfeição. E agora nós com tudo isso de...e dizer que somos o topo da cadeia alimentar e tudo mais..., ficamos loucos, a gente destrói o mundo a nossa volta. Suicídio? Assim consciente mas é um suicídio! E esse trabalho (agroflorestas) te dá a possibilidade de vc compreender isso e de você fazer parte do todo e penso eu que inclusive, se curar desse vazio que as pessoas tem.(Agricultor grupo Córrego do Franco)

A descoberta de um sentido da vida enquanto promotora da vida e a inserção do sujeito humano no seu bojo promovem um sentimento de plenificação e unidade que ascendendo à consciência de si, enquanto parte, pautam uma atitude ética, no sentido em que ethos é primordialmente um habitar.

A lógica agroflorestal de promoção da vida desafia os manuais de agricultura que normalmente separam um momento produtivo (culturas principais)

<sup>36</sup> A título de comparação citamos um trecho de uma carta escrita por Viktor Schaubergger que demonstra a afinidade entre seus princípios e os de Ernst: Nature is not served by rigid laws, but by rhythmical, reciprocal processes. Nature uses none of the preconditions of the chemist or the physicist for the purposes of evolution. Nature excludes all fire on principle for purposes of growth; therefore all contemporary machines are unnatural and constructed according to false premises. Nature avails herself of the biodynamic form of motion through which the biological prerequisite for the emergence of life is provided. Its purpose is to ur-procreate higher' conditions of matter out of the originally inferior raw materials, which afford the evolutionally older, or the numerically greater rising generation, the possibility of a constant capacity to evolve, for without any growing and increasing reserves of energy there would be no evolution or development. (SCHAUBERGER, Viktor. Implosion, No.81, p.6, extract from letter to Mr. Kroger. In COATS, Callum. Living Energies. Cujá versão digital foi obtida no site :<http://bearcy.com/9/6viktor.pdf> acesso em:21/03/2012.

e um momento de pousio, destinado a recuperação do solo, substituído na “agricultura moderna” pelo constante aporte de adubos sintéticos além da intensa mecanização. Tal se dá por que o objetivo é inserir-se no próprio “sistema de sucessão” de espécies, utilizando para tal uma diversidade de plantas capazes de se desenvolver em diferentes condições e estágios do sistema. É uma das premissas do método de Götsch a ideia de que não existem solos ruins, o que existe são formas erradas de manejo, quando muitas vezes esperamos retirar algo que o solo ainda não pode nos dar.

Foi especialmente interessante ao longo do processo de pesquisa a descoberta de uma tentativa de implantação de um sistema agroflorestal no Rio Grande do Sul que não foi bem sucedida. Depois que os agricultores realizaram um curso tentaram implantar o sistema em sua região. Após alguns meses vieram as queixas: as diferenças climáticas não permitiam as mesmas associações de plantas e os plantios foram infrutíferos. Constatamos que tais agricultores, habituados aos pacotes de extensão, ao invés de apreender os princípios fundamentais da ideia de agrofloresta buscaram replicar técnicas típicas de uma região, em outra, redundando em fracasso. Soa mais forte a frase de Gotsch (1997, p.5):

Aprofunda-te na matéria! Abre os teus sentidos! Tenta perceber as formas dadas pela própria natureza! E tu chegarás a criar laços mais íntimos com ela. Isto acarretará mais sensibilidade nos tratamentos, nas relações com nossos irmãos (seres vivos) no campo e na floresta, bem como nas relações entre os seres humanos.

Assim o manejo agroflorestal que quer apreender a podar com o vento e os insetos, que analisa o ataque de uma “praga” como um recado da Natureza sobre o manejo incorreto de determinada espécie, que diz que: “por algum motivo, não sei ainda qual, a saracura não quer deixar minhas cenouras crescerem ali”(Agricultor grupo Córrego do Franco), as vezes tomado como ingênuo ou pueril, assenta-se sobre uma experiência radical que não pode ser substituída por um processo de educação formal, processo que pode facilitar mas não substituir tal experiência.

Comentando sobre as tentativas de sistematizar o método de Ernst, Nelson diz que seria algo como tentar engarrafar o vento. Permito-me apenas rapidamente lembrar das ideias de Morin em seu *O Método I*(p.234) acerca dos sistemas abertos:

Los torbellinos no son más que bucle y apertura; los flujos que se transforman en bucles siguen siendo flujos y amenazan sin cesar al bucle nacido de sus agitaciones y contrariedades. Estos torbellinos no están protegidos de su entorno por ninguna membrana, están abiertos por todas partes; para esta apertura por todas partes, es al mismo tiempo su recerramiento por todas partes, es el bucle que es al mismo tiempo apertura y recerramiento permanentes y omnipresentes.

É interessante pensarmos que o sistema agroflorestal está baseado numa dinâmica natural que comporta variáveis infinitas, sendo assim uma sistematização ainda que possível, não poderia ser tomada como algo exato a ser seguido a risca, sob o risco de cortarmos o fluxo que o constitui. Assim sua identidade fundamental, ou o fechamento enquanto sistema agroflorestal, está na abertura ao fluxo dinâmico que constitui os ecossistemas. Essa abertura confere ao sistema justamente sua capacidade de resistir, de se auto-equilibrar, uma vez que permanece no rumo da complexificação operada pela dinâmica natural, sendo que em níveis ótimos o manejo poderia acelerar os processos naturais. Um exemplo interessante dessa abertura são as frutas consumidas e posteriormente plantadas por pássaros que acabam “replicando” o sistema em benefício, também, do agricultor.

O próprio Götsch propõe que áreas da propriedade sejam deixadas para que se regenerem naturalmente, áreas onde “se deixa Deus trabalhar” como falam os agricultores da Cooperafloresta. Tais áreas “serviriam” como gabaritos para a conferência do manejo adotado pelo agricultor para saber se suas ações caminham no sentido sintrópico ou no sentido entrópico. A vida é apreendida assim como uma unidade maior, como expressão de uma Natureza que trabalha para seu constante aprimoramento.

Tal fato nos faz pensar que tão importante quanto o aprendizado de técnicas de plantio e de quantos conhecimentos forem possíveis acerca da

ecologia e das mais variadas espécies, é a formação de uma atitude de observador perante os fenômenos da l(v)ida diária, que faz, segundo nos diz um agricultor, com que :

Cada pessoa vai ter uma forma de fazer e ainda que seja numa mesma direção ninguém vai fazer igual. A agrofloresta de cada um vai ser uma marca pessoal. Nem a gente faz uma agrofloresta igual a outra. Eu acho que o estado de espírito das pessoas também interfere. Talvez a própria fé que a gente tem na vida<sup>37</sup>.

A compreensão da presença da própria subjetividade realizada na agrofloresta, que segundo nos dizem, “tem a cara do dono”, é a marca da conquista da autonomia dentro do sistema.

É claro que alguns fatores podem ser objetivamente analisados. A concepção de um sistema completo por exemplo, que deve apresentar plantas em todos os seus estratos: herbáceo, arbustivo e arbóreo (sendo que em cada extrato existem andares relativos a altura a que as plantas chegam quando maduras). A qualidade do solo, reconhecida pela textura, pela cor e pelo cheiro. A produtividade do sistema em sua relação com o nível de esforço demandado, desde sua implantação até o estágio maduro. A diversidade de espécies, tanto vivendo ao mesmo tempo, quanto no processo de sucessão.

Ainda assim, quando da aplicação de uma metodologia participativa, por ocasião do já citado projeto “Agroflorestar”, que pretendia que os próprios agricultores definissem os critérios mais importantes para a qualificação que fariam de suas próprias agroflorestas (processo que foi realizado em todos os grupos), um dos principais critérios foi definido como: “Cuidado e Carinho”.

A definição de tal critério traz uma importante compreensão sobre a visão que os agrofloresteiros tem de sua própria atividade. Longe de serem analisados como critérios meramente subjetivos as dimensões de cuidado e carinho implicam uma relação que se opera numa lógica de reciprocidade.

Se a lógica da agricultura moderna, que define os interesses humanos como imperativos, rompe os nós da teia que sustém a vida, viciando o sistema

---

37 Agricultor grupo Córrego do Franco fonte: Calendário COOPERAFLORESTA, 2010-2011.

numa sempre mais exigente importação de insumos, planificando o ecossistema ao eliminar todos os resquícios da vegetação e da fauna espontânea; podemos dizer por outro lado que a agrofloresta reinsere o homem na dinâmica da vida apertando os laços que nos conectam ao ambiente, recriando nichos ecológicos aonde uma diversidade de espécies exerce sua “função” enquanto promotoras da vida. Desde essa perspectiva o mundo da vida não pode mais ser “explicado” de fora, o vínculo que une o humano e o natural é um vínculo afetivo que nos preenche com sentido a partir de um lógica de reciprocidade.

Começamos assim a evidenciar o grande distanciamento entre o que a modernidade compreendeu por autonomia e liberdade e a liberdade que emerge do aprofundamento da relação com a Natureza mediada pela agrofloresta.

Cada vez que a modernidade, assentada sobre uma proposta de dominação da natureza, quebrou seus vínculos com as tradições estabelecidas, pretendeu refundar-se a partir de sua argumentação demasiado humana; seja a partir da análise materialista ou a partir do pensamento especulativo, cada vez mais toda a moral e a ética foram esvaziadas por interpretações que as relativizavam, como simplesmente contingentes, e depois as restauravam em nome das vantagens que proporcionavam a “comunidade”. O sentido que tanto e tão dignamente buscamos não pode ser encontrado no mundo construído pelo homem a partir de um sentido de separação e dominação com relação a natureza; tal sentido emana do próprio cosmos, é o amor que nos une e nos perpassa. Não podemos fundar nosso mundo a partir do retrato deste que nos pinta a razão, trata-se de assumirmos uma posição dentro do fluxo da vida que se assemelha a um diálogo, a uma via de mão dupla.

Os mortais habitam à medida que salvam a terra, tomando-se a palavra salvar em seu sentido antigo, ainda usado por Lessing. Salvar não diz apenas erradicar um perigo. Significa, na verdade: deixar alguma coisa livre em seu próprio vigor. (...) Os mortais habitam à medida que acolhem o céu como céu. Habitam quando permitem ao sol e à lua a sua peregrinação, às estrelas a sua via, às estações dos anos a sua benção e seu rigor, sem fazer da noite dia nem do dia uma agitação açulada. (HEIDEGGER, 2004.)

Temos de compreender que estamos situados dentro de um contexto de erosão da palavra, sendo muito mais fácil falar do que de fato sentir, desenraizamo-nos do mundo ao objetivá-lo. A palavra que desvelava o mundo quando cultivada em seu próprio vigor, contrasta com a palavra da qual o homem se pensa como senhor que passa, a numa avalanche discursiva, tentar se auto significar. A atividade desenfreada do intelecto que cinde a realidade em seus entes para delimitá-los a partir de um pretensa compreensão racional e explicativa, desencadeia uma atividade que jamais se basta, ao invés de conectar amplia o fosso que separa ser e ser consciente de si (HEIDEGGER, 2004).

Citamos um trecho da obra EU e TU de Martin Buber (2001 p. 43)

Eu considero uma árvore.

Posso apreendê-la como uma imagem. Coluna rígida sob o impacto da luz, ou o verdor resplandecente repleto de suavidade pelo azul prateado que lhe serve de fundo.

Posso senti-la como movimento: filamento fluente de vasos unidos a um núcleo palpitante, sucção de raízes, respiração das folhas, permuta incessante de terra e ar, e mesmo o próprio desenvolvimento obscuro.

...

Eu posso volatilizá-la e eternizá-la, tornando-a um número, uma mera relação numérica.

A árvore permanece, em todas estas perspectivas, o meu objeto tem seu espaço e seu tempo, mantém sua natureza e sua composição.

Entretanto pode acontecer que simultaneamente, por vontade própria e por uma graça, ao observar a árvore, eu seja levado a entrar em relação com ela; ela já não é mais um Isso. A força de sua exclusividade apoderou-se de mim.

Não devo renunciar a nenhum dos modos de minha consideração. De nada devo abstrair-me para vê-la, não há nenhum conhecimento do qual devo me esquecer. Ao contrário, imagem e movimento, espécie e exemplar, lei e número estão indissolivelmente unidos nessa relação.

Tudo o que pertence à árvore, sua forma, seu mecanismo, sua cor e suas substâncias químicas, sua "conversação" com os elementos do mundo e com as estrelas, tudo está incluído numa totalidade.

A árvore não é uma impressão, um jogo de minha representação ou um valor emotivo. Ela se apresenta "em pessoa" diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela.

Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade.

Ambos os pensadores, contemporâneos da primeira metade do século XX, são chamados a constituir um elo entre os princípios propostos por filosofias que não aceitavam a redução do homem e da Natureza à leis matemáticas e

impessoais, e uma proposta viva e de vida concretamente instalada num rincão esquecido do Brasil. O diálogo entre culturas que permite ao outro seu ser ao mesmo tempo em que com ele busca compreender se metamorfoseia em diálogo que deixa ser a Natureza sem pretender dominá-la.

Longe de colocarmos a proposta desenvolvida no âmbito da COOPERAFLORRESTA como pronta e acabada passamos a compreendê-la a partir dos conceitos expostos como reciprocidade e o habitar autêntico.

O intelecto gera conhecimento, desdobra-se em tecnologia. Mas a compreensão nasce do silêncio, quando já não supomos mas simplesmente somos o mundo que é em nós e sempre maior que nós. O diálogo é filho da escuta, e se o discurso pode ajudar a esclarecer a experiência, só a arte pode nos colocar mais próximos dela, sem no entanto, jamais substituí-la.

Esse silêncio criador que quer permitir ao mundo e as coisas seu ser, expressa-se no produtor agroflorestal quando reconhece cada parte de sua propriedade como lugar, como estando dotada de determinações intrínsecas. Cada canto pode ser aproveitado, embelezado e cuidado e assim sumamente habitado.

A gestão do trabalho a partir de princípios que revelam o próprio ser do humano no seu habitar, transcende a de uma atividade mecânica baseada num valor de troca, o trabalho, se é que ainda podemos falar em trabalho, passa a ser uma instância de mediação entre projeto, ideal, visão de mundo e realidade, materialidade, logo passa a ser visto como arte:

“Ontem eu tava aqui em casa e sabia que tinha minhas plantas lá que eu precisava dar um olhada. Ai eu fui lidei com facção, fiz colheita, cheguei de noitinha aqui, voltei lavei a louça, ralei mandioca e fiz o jantar. Pra mim parece que mudou tudo aquela saída que eu fui na roça, é muito bom. Eu não posso ficar só em casa né. Eu fico assim, Uma tarde eu tenho que ir lá ver as minhas plantas né, para no outro dia eu ter ânimo de novo. Eu tenho que mexer com a minha roça, a roça pra mim é saúde, eu não posso ficar parada.”

A liberdade da qual ousamos falar é encontro com nossa suma determinação, nossa possibilidade de viver. Não é pairar acima do mundo, liberdade que sujeita ao outro para ser livre. É caminho de encontro com nossa



Natureza primordial, é o despertar dos filhos da Terra.

Essas repercussões ontológicas que aparecem do nosso diálogo com os agricultores, bem como com os pressupostos da agrofloresta mediados pela busca por alternativas dos respectivos autores, não visam de modo algum ocultar as dificuldades práticas e cotidianas que se manifestam nessa busca por uma concretização. Mesmo por que desse modo perderíamos o contato com o nosso pressuposto de integração entre as diferentes dimensões que formam o humano localizado e ambientado no século XXI. É desse constante confronto por integração que nascem as questões significativas através das quais temos de nos conformar.

#### 4.1 CONCRETIZANDO UM SER AUTÊNTICO

Dos três agricultores com os quais conversamos mais pormenorizadamente fica patente a situação limítrofe em que se encontravam, sufocados pela pressão cada vez mais forte da modernização. Sem possibilidades de acessar novos meios produtivos e de comercialização estavam prestes a adotar novas estratégias de sobrevivência, sendo a medida mais imediata a de buscar emprego fora da terra e posteriormente a venda da mesma. Daí se depreende as estreitas possibilidades de construção do próprio futuro, heteronomicamente determinado pela pressão da sociedade de consumo. Tal situação foi sublinhada para que possamos dimensionar o processo desencadeado pelo associativismo.

Assim é comum ouvirmos frases como: “ A vida antes da agrofloresta parece que era meio mais ou menos, faltava alguma coisa” (Agricultor grupo Córrego do Franco), “Eu aprendendo a cuidar da agrofloresta parece que comecei a dar mais valor até pra minha família, para meus amigos, meus irmãos, pra minha vida” (Agricultor grupo Salto Grande). Pensamos que tais falas mostram a repercussão de uma virada de 180° no modo de vida desses agricultores que do constrangimento social e do abandono de suas referências passam a atitudes

afirmativas enraizadas num novo habitar.

Sem subestimar a importância no aumento da renda dessas famílias percebemos que a constante busca pela construção de um modo de ser concretizou-se em estratégias autônomas de vida, evidenciadas sobretudo pela expectativa de permanência dos filhos na atividade e na terra. Como já pretendemos evidenciar o conceito de autonomia aqui proposto passa por uma nova elaboração: fazer suas próprias leis, normas, além de como já normalmente aceito pelo pensamento filosófico/social que insere este processo num âmbito coletivo de indivíduos que pretendem um acordo e consenso, passa aqui pela compreensão da Natureza enquanto sujeito de determinações próprias dentro da qual o homem é um dos seres que tem de apreender a viver a comunidade já operante do mundo natural. Esta necessidade não surge apenas a partir de uma aspiração estética ou altruísta, mas porque a terra e a fertilidade dos solos são vínculos essenciais para a manutenção da própria vida, não apenas em sua dimensão biológica, mas como um todo, também culturalmente significada enquanto identidade individual e coletivamente construída.

A aliança que doravante se atualiza, entre o homem e Natureza (ecossistema)- numa relação recíproca de cuidado por que ambos em sua plenitude permitem ao outro também sua plenitude- tem se realizado em diferentes partes do globo terrestre onde os “pobres” da Terra passam a afirmar seus modos de ser perante a crescente inserção da racionalidade “exógena” movida pelo capital que pretende drenar os recursos para alimentar uma globalização hegemônica, de mão única. Tais estratégias vem sendo identificadas como o “Ecologismo dos Pobres” (GUHA, 1994) e se caracterizam por uma recusa da redução da Terra e seus recursos a valores mercantilizáveis; trata-se de valores inalienáveis e da busca pela sua proteção.

Foi notável, em um dos mutirões dos quais participamos, a análise dos agricultores que formavam o grupo acerca de algumas novas experiências de manejo que chegavam a associação, pelas mãos do próprio Ernst Götsch. Longe de as aceitarem imediatamente, implantaram-nas, mas como experimentos, uma

vez que se sentiam confiantes e seguros de seus métodos. Sua experiência de diálogo não anula o outro, tampouco o aceita sem refletir, garantindo o caráter autêntico de seu aprendizado tem hoje a clareza de um caminho de melhora constante do solo que os nutre e de si mesmos:

...Porquê quando a gente não tem esta consciência, eu acho que é certo de pensar que tudo aquilo que a gente põe a mão a gente destrói, mas depois desta consciência, não é assim mais. Eu não tenho medo algum de destruir coisa alguma, porque eu sei que não destruo. Embora para alguns, os tais dos “ecochatos”, né? Não se derruba uma árvore nunca. O crime mesmo é não deixar elas crescerem, não deixar que elas existam...  
(Agricultor grupo Córrego do Franco)

É uma tarefa extremamente complexa procurar avaliar os graus de aprendizado desses agricultores, mesmo por que muitas vezes colocamo-nos como aprendizes frente ao seu saber. Por outro lado temos de constatar o fato de que não há homogeneidade na produção e que em alguns casos a aderência a associação se faz, primeiramente, de forma utilitarista, visando um benefício mais imediato.

Como apreender ou ensinar aquilo que não se ensina? Lembramos com Paulo Freire(1987)<sup>38</sup> que: “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os pessoas se libertam em comunhão”. Assim o processo social alicerçado na associação e cotidianamente realizado nos mutirão, dinamiza a capacidade de aprendizagem. Ousamos dizer no entanto que o meio não é apenas uma instância de mediação entre os homens, mas que voltando-nos a natureza, manifesta em pedras, terra, água, plantas, animais, Sol e céu tornamo-nos também interlocutores do universo, a observação atenta desvela sentidos do mundo e de si. Da onde poderia provir o seguinte diálogo?<sup>39</sup>:

A: - O que é o mundo pra você?

B: - Ora, essa pergunta é difícil, não sei o que dizer assim de pronto.

---

38 FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, 1987. Paz e Terra Acessado em: [http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia\\_do\\_Oprimido.pdf](http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_do_Oprimido.pdf) (21/01/12)

39 Tal diálogo foi realizado entre mim (B) e o já citado agricultor do grupo Córrego do Franco (A)

A: - Por que pra mim existe assim esse mundo dos homens, que tanto falam, que querem dizer que é isso ou aquilo. Mas se você olhar bem vai ver que existe um mundo da natureza, que não para, ele tá sempre ali, os insetos e as plantas trabalhando, e nós também fazemos parte desse mundo

B: - Pensando nisso o que mais me impressiona na Natureza é que não importa o jeito que você trate ela, ela sempre faz a vida crescer, ela sempre quer arrumar tudo de novo!

A: -Não é isso que chamam de amor incondicional?!

Por isso Leff (2007, p.95) nos diz:

No entanto a produtividade cultural, gerada a partir da reconstrução das práticas produtivas e dos processos de trabalho a partir dos valores culturais que regulam a organização produtiva de uma formação social, não pode ser avaliada em termos de produtividade do capital, do trabalho e da tecnologia investidas no processo produtivo. O desenvolvimento das forças produtivas de uma formação social a partir da criatividade, as habilidades e motivações da comunidade, bem como dos valores culturais inscritos nas práticas de cooperação no trabalho, de reciprocidade e de intercâmbio simbólico (que incluem atividades “não-produtivas” de caráter ritual, lúdico e recreativo), são impossíveis de serem medidas como taxas anuais de produção e de serem avaliadas em termos de racionalidade e de eficiência econômica; tão somente pode-se dar conta desta dimensão cultural da produção através de seus efeitos sobre um processo sustentado de desenvolvimento e de melhoria da qualidade de vida das comunidades avaliadas em termos de seus próprios valores.

Assim, a convivência entre iguais, a inserção num processo social dinamizado pelos mutirões e o trabalho junto/com a floresta criam uma relação sinérgica capaz de inserir o trabalhador num processo de profunda aprendizagem já que recuperada sua dimensão de ser frente ao mundo. Pensamos que essa dimensão de ser se caracteriza por uma abertura para além da obriedade do conhecimento socialmente instituído- que pode no máximo promover uma repetição que funciona- no entanto não para descartá-lo mas, quando seu sentido já não está mais presente, para re-significá-lo.

Não se trata assim de instaurar aleatoriamente um campo de tentativa e erro. A **observação acurada** relacionada a princípios como os de **respeito pela Natureza, a cooperação de todas as formas de vida, reciprocidade, o**

**constante aprimoramento operado pelo “trabalho da Natureza”, a inserção do humano no ecossistema**, ambos os pólos mediados por uma relação de “amor e carinho” permitem uma experimentação baseada na intuição criando um novo caminho de descoberta e aprimoramento.

A falta de uma definição fechada para o sistema agroflorestal num sentido lato- que inclui o ser humano em suas múltiplas dimensões- justificada pela resposta dada pelo próprio Götsch<sup>40</sup>, ao ser indagado a respeito de sua recusa a formalizar um manual de seu sistema: “O tao é tão belo que não existem palavras para descrevê-lo”, nos coloca novamente em relação com a proposta de um sistema aberto não apenas no sentido material e energético, mas também aberto a subjetividade daqueles que forem silenciosos o bastante para participar da sinfonia onipresente da vida. A atualização do sistema agroflorestal só pode se dar a partir de sua assunção por um sujeito que livremente elabora sua sempre presente aliança com a vida.

A agrofloresta aparece assim como uma atividade articulada a partir de um novo paradigma:

As novas ciências depois de Einstein, de Heisenberg/Bohr, de Prigogine e de Hawking nos mostraram que todas as coisas se encontram interconectadas umas com as outras de tal forma que formam um complexo Todo. ...Matéria e mente compõem misteriosamente entrelaçadas, sendo difícil discernir se a mente surge da matéria ou a matéria da mente ou se elas surgem conjuntamente. A própria Terra se mostra viva (Gaia) articulando todos os elementos para garantir as condições ideais para a vida. Nela mais que a competição, funciona a cooperação de todos com todos (BOFF, 2012)<sup>41</sup>.

ou nas palavras da floresta:

Para mim, eu acho que até este goiabal misturado com o pasto é um sistema agroflorestal. Eu acho que a atitude da pessoa ela é uma agrofloresta, não é só a área de roça, é um jeito de ver o mundo diferente que ...um outro paradigma, para mim isto é uma agrofloresta, porque eu acho que você pode fazer agrofloresta em todas as suas atitudes não precisa ser só plantando. Vai desde o jeito que a gente trata um cachorro, ou que a gente trata uma criança, que a gente trata um bicho,. ..que a gente trata uma planta...é eu acho que isso tudo é uma atitude

40 Entrevista para o sítio: <http://www.sitiocoop.com/doc/entrevistas/ernst-gotsch/> Acesso em: 18/03/12

41 Em: <http://leonardoboff.wordpress.com/2012/03/11/a-erosao-da-relational-matrix/> acesso em 27/03/12

agroflorestal. O que você me diz disso, é só fazer uma agrofloresta, e plantar árvores e não se relacionar com as pessoas, ou com os bichos, não é agrofloresta! Eu acho...(Agricultor grupo Córrego do Franco)

Tendo ao seu favor a solidez do realizado, a agrofloresta indica um caminho que no entanto ainda tem muitos desafios a serem enfrentados. Ainda que todo o esforço deste trabalho seja o de reconhecer a articulação entre os agricultores, a associação, o saber agroflorestal e os seus ideais como uma outra proposta de vida, seu grande desafio se manifesta no enfrentamento com a sociedade capitalista e com a força do valor de troca que tudo pretende medir pela mesma moeda e que cobra seu preço no exato momento em que precisamos daquilo que se origina da sociedade industrial. Como saber que as comunidades que vem se alinhando aos seus ecossistemas dando um exemplo de produtividade ecológica não acabarão por serem convertidas em trabalhadores das elites industriais urbanas que agora desejam consumir produtos mais saudáveis?

Corremos aqui o risco de responder precipitadamente uma pergunta demasiado importante, tal questionamento é inquietante e deve permanecer vivo na medida em que é nosso dever (enquanto representantes de um pensamento social) manter uma postura alerta para as possibilidades de transformação estrutural da sociedade, que após a queda das tentativas socialistas aguarda um novo bordão, que vem encarnando através das propostas sócio-ambientais.

Se é verdade que o indivíduo sozinho não pode transformar a sociedade, não podemos negar que é afirmando seus valores e sua identidade reconhecida por um processo de auto-sócio-eco-educação que esse indivíduo pode propor alternativas assim como defender seu próprio modo de ser.

Nosso interesse por um conhecimento encarnado não é de modo nenhum um minimalismo, é antes uma defesa de que antes de publicar um modo de ser um alguém tem de realizá-lo trazendo a baila propostas concretas e demandas urgentes, principalmente num país aonde a população esteve constantemente impedida de participar nas tomadas de decisões.

Sem nenhuma sombra de pedantismo, a discussão acadêmica dessas

propostas tem de objetivar sua legitimação e difusão perante a sociedade promovendo um diálogo aberto sobre nosso ser com o mundo e com o outro. Acreditamos no entanto que a busca pela construção de um conhecimento sobre as práticas e possibilidades de um modelo agroflorestal não deveriam pretender reduzi-lo a uma análise científica, antes propomos às análises científicas que dando um passo atrás, usem em primeiro lugar ir ao mundo numa atitude despreconcebida.

Na medida em que isto não é totalmente possível, sua mera tentativa pretende uma abertura para uma experiência mais genuína, por que mais simples e mais humana. Oxalá os homens de ciência pudessem também encontrar os princípios aqui expostos não para a consecução de um sistema absoluto mas sim para a nossa realização enquanto partes de um todo inabarcável.

Eu acredito que se você cumpriu bem a sua função, o mundo e todas as energias que nele existem vão suprir as suas necessidades....para mim é isso o básico de tudo ... Então é isso eu acho que, tipo assim se...eu não sei se a gente é agricultor, se a gente é jardineiro, ...ou a gente é só ser humano. Não dá para rotular! E pense assim, se você fosse Deus e tivesse um jardineiro, você ia querer ver o seu jardineiro na miséria? Pois é, é nisso que eu acredito, que quando a gente trabalha neste jardim, ...a abundância vem naturalmente,...não é um lugar para ter miséria (Agricultor, grupo Córrego do Franco)

### O poder invisível da vida

Do abismo de Tao nasce a vida;  
É mantida pelo poder da vitalidade,  
Manifestada pela materialidade,  
E completada pelo livre-arbítrio da vida.  
Por isto os vivos veneram o Tao,  
Não por um mandamento obrigatório,  
mas pelo impulso do seu interior,  
Porquanto Tao dá vida a tudo,

Faz nascer e crescer tudo na primavera,  
Nutre-o e conserva-o no verão,  
Faz amadurecer e completa tudo no outono,  
E protege-o durante o inverno.  
É este o mistério da vigorosa vitalidade interior:  
Gerar tudo, sem nada esperar dele,  
Servir a vida, sem interesse algum,  
Promover tudo, sem o dominar.  
(LAO TSE, Tao Te Ching)



## 5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

### 5.1 ESCLARECIMENTOS

O presente trabalho se vê a partir de uma postura de comprometimento com a vida, mas também com a população da qual fala. É uma de nossas premissas e um de nossos problemas não acreditarmos na possibilidade da análise do outro, no sentido de que análise é decomposição e toda decomposição inevitavelmente amputa, comprometendo o conhecimento a que se almeja. A típica pretensão científica ocidental nos lança um conflito desconcertante ao percebermos que o ser que quer entender o modo de ser de todos os outros seres fez de seu ser essa busca e então já não é, já não vive. A ciência contempla um mundo que não pode tocar. Por isso este trabalho trata-se em primeiro lugar, de um diálogo entre iguais que buscam uma identificação com o mundo do qual fazemos parte.

As minhas reflexões teóricas, talvez exageradas, longe de serem devidas a uma pobreza de dados e situações no campo da pesquisa, demarcam minha inexperiência na pesquisa de campo<sup>42</sup>, assim como uma certa herança da filosofia que me obrigou a, ao menos pretender, ajustar certas contas antes de chegar ao campo; espero com isto, ao menos ter encetado uma discussão, ao meu ver, de suma importância para se pensar a filosofia em nossa sociedade, que é sua condição de pertencimento ao nosso povo e sua contribuição para a compreensão e transformação de si e da sociedade, territorializando nosso pensamento. Situamo-nos assim numa zona de tensão localizada nas trincheiras erguidas entre as disciplinas, e principalmente entre as ciências naturais e humanas. Entre as ciências que pretendem descrever o real e aquelas que partem da interpretação dos sujeitos acerca do real, representadas no século XX, respectivamente pelo positivismo e pela hermenêutica.

Além da já comentada fragmentação do “objeto” de conhecimento, a disciplinarização “impede” a repercussão da compreensão oriunda das ciências

---

42 O que de certa forma comprometeu um levantamento mais pormenorizado do conhecimento desses agricultores, sendo que nos ativemos a um aspecto mais geral de sua compreensão de mundo.

humanas na construção das tecnologias e técnicas que representam uma relação fundamental com nosso entorno social e ecológico. Assim não é estranho que pensadores de grande envergadura como Heidegger e Habermas tenham realizado críticas severas a tecnicização e a colonização, operada por esta, de nossa racionalidade substantiva, mas ao mesmo tempo tenham apontado para uma necessidade de controle da técnica, de definição de seu escopo, mas não de sua transformação.

Afirmamos que não seria possível limitar a racionalidade instrumental a um determinado escopo por que essa forma de pensar e construir o conhecimento e a técnica, que vê um mundo reificado, prenhe de recursos mercantilizáveis, se desdobra automaticamente (por que a “posse” do conhecimento e da técnica é poder) para as relações humanas.

Ao contrário da modernidade que desesperadamente persegue o novo, acreditamos que é compreendendo a racionalidade das populações tradicionais, que veem das margens do trilho o trem lancinante do progresso, que poderemos propor caminhos alternativos, sem pretender retornar ao passado, mas re-habitando o deserto gerado pela racionalidade instrumental e técnica. Isso significa aqui compreender outras visões de mundo e outros princípios de ação que fomentem relações mais solidárias e recíprocas entre os homens e a Natureza (Essa relação entre visão de mundo, princípios de ação e relações de reciprocidade entre os homens e a Natureza é o que chamamos de ética do habitar) ou seja outras formas para a técnica que não signifiquem uma exploração do meio ou dos indivíduos, mas sim a nossa atuação enquanto promotores da vida. A promoção da vida pela vida é o padrão que nos orienta.

É importante notarmos que a nossa investigação pretendia compreender as transformações vividas pelos agricultores a partir do contato com o “saber agroflorestal” assim como suas novas estratégias de conhecimento baseadas numa nova visão de mundo. No entanto ao invés de nos atermos numa descrição da forma como eles compreendem seu mundo e sua atividade compreendemos que sua visão de mundo não se dissocia do seu próprio ser e fazer. Por isso vimos

emergir a proposta de uma ética, ou seja, mais importante do que uma definição estanque do mundo ou da própria natureza, é a atitude que assume a necessidade de integração entre uma forma de compreender e uma forma de viver. Se esta proposição ela mesma é novamente uma forma de compreender afirmamos que ela é tributária de uma experiência que unifica pensar e existir num agir.

Como já dissemos esse caminho passa pela desconstrução do critério que definia o conhecimento tradicional como algo estanque; ousamos dizer que o que separa o tradicional do moderno é a posição que o sujeito do conhecimento assume perante o Universo, conhecido e desconhecido. Percebermos a nossa realidade enquanto relativa é assumirmos uma posição de respeito e escuta que nos permite aquilo que Goethe (1997) chama de uma “aproximação carinhosa do inatingível”, inatingível auto-evidente que é a complexidade na qual estamos imersos.

Assim se por um lado as ciências naturais esqueceram das dimensões históricas e sociais da pesquisa, por outro as ciências humanas, ainda que sem aceitar a autoridade absoluta do especialista no que diz respeito ao fazer, se refugiaram num nicho político, social e cultural. Assim quando propunham alterações no mundo do trabalho, pensava-se em divisão do trabalho, desigualdade social, equanimidade, mas não em uma transformação das instâncias produtivas elas mesmas<sup>43</sup>.

O fôlego de meu ser autêntico, embora não original e ainda incipiente, queria se traduzir numa busca por realização, por uma filosofia na prática, que não se reduz a uma prática, por que vê a unidade (que não cansamos de repetir é inabarcável) de ser-pensar-fazer . Das fichas de que dispus investi todas na busca por uma auto-educação, que não prescinde dos livros e de todo conhecimento que me foi passado, mas que se arrisca a confrontar o que vê, sente e pensa com o

43 Como já discutimos tais instâncias produtivas reverberam uma concepção de mundo , é lógico que nossa proposta não se resume então a uma alteração de um padrão tecnológico mas numa transformação de nossas formas de viver e valorar, naquilo que Leff (2009, p.149) chamou de *paradigma de produtividade ecotecnológica*.

que chama de real numa busca por mais humildade e diálogo com os outros eu . Me sinto em todos os sentidos parte do povo e aclarar minha própria consciência é por enquanto o caminho para saber como mais posso ajudar.

O sentimento que ora me invade é de profunda gratidão por esses homens e mulheres que nos acolheram para mostrar de forma tão bela suas vidas e sua incrível coragem de ousar ser quem são. Sem mistificações indevidas sua busca é parte de um caminho fundamental para a humanidade de nossos dias. Não há serenidade que não tenha encontrado na Natureza a expressão da perfeição, do amor, da força e da beleza feitos formas. É esse o sentimento de estar em casa, de finalmente habitar. A associação que estes agrofloresteiros vêm construindo parece ter permitido, a partir da relação decisiva com um conhecimento que chega até eles por um viés alternativo da modernidade, uma transformação na sua forma de viver que resguarda e incrementa traços importantes de sua identidade histórica- coletiva e individual.

Assim a forma como seus antepassados viviam, não precisa mais ser interpretada como arcaica ou atrasada, sendo ainda assim reinterpretada e revalorizada. O convívio com as matas e os animais, a sociabilidade mais ampla, a família e a garantia de um futuro melhor para os filhos, a conexão do ritmo do trabalho com os ritmos do ano são traços de uma identidade coletiva, agora salvaguardada por um projeto coletivo que permite e garante sua expressividade perante uma sociedade nem sempre amistosa, mas sempre mais envolvente. Também aprendizes do legado agroflorestal recobram o pensar meditativo, que indaga o mundo e a natureza e passam a construir uma forma de produzir que por sua simples existência desafia a lógica exploratória da civilização atual.

Os percalços e desafios do caminho sem dúvida que os há, mas a vida de nossa sociedade tem se constituído em tamanho desvio que urge falarmos novamente em princípios, em perseverança e em virtude, mas antes de tudo em sermos um pouco ainda crianças. Despreconceber e olharmos a vida desde nosso ser inteiro, sejamos arrebatados. Ali onde o coração se faz sincero se desvelam sentidos do mundo, segredos guardados no íntimo de tudo que há. Disso, como

falamos, não se pretende uma fuga do mundo demasiado concreto do capital e da técnica, ao contrário pretende-se encontrar outros sentidos de ser: o que é mais concreto o amor ou o dinheiro? O que é mais real a vida ou a técnica? Responder a estas perguntas perante um mundo que nos é dado traz importantes consequências para o nosso agir.

Penso assim termos descoberto um processo de amor: “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda”(FREIRE, 1987). Esse amor se traduz numa educação em comunhão, numa pequena e silenciosa revolução do homem sobre si mesmo ao recuperar o sentido de ser, ao ver renascer a vida não só no convívio com seus semelhantes mas a vida enquanto diversidade essencial de seres. É este sentimento de ligação com o mundo e com a humanidade que doravante nos anima a conhecer, sendo conhecer também uma dimensão do cuidar, do habitar, por que compreender a cada um segundo suas próprias determinações e valor. Este diálogo com a vida, que chamamos aqui de reciprocidade, confia, com olhos e ouvidos atentos, na certeza da resposta: a volta do ser simples.

A vida mais simples, mais simples os problemas a resolver: valor é ver medrar de cada ponto do chão o vigor, da Terra, do Sol e da chuva. Voltar-se ao ser é um ato de coragem, por que também de renúncia ao parecer, às nossas pretensas verdades. É caminho serra acima, pisando em pontas agudas. Mas é também caminho de cura, de abandono, progressivo, dos remédios, caminho de regeneração. Revolução é regeneração. Por que tudo aquilo que não se remete a sua origem e a sua destinação só pode perecer:

Os meninos, porém, recortavam seus navios na casca do carvalho. Equipados de banco para o remador e de timão, flutuavam os barcos no Mettenbach ou no lago da escola. Nesses folguedos, as grandes travessias atingiam facilmente seu termo e facilmente recobravam o porto. A dimensão de seu sonho era protegida por um halo apenas discernível, pairando sobre todas as coisas. O espaço aberto era-lhe limitado pelos olhos e pelas mãos da mãe. Tudo se passava como se sua discreta solicitude velasse sobre todos os seres. Essas travessias de brinquedo nada podiam saber das expedições em cujo curso todas as

margens ficam para trás. Entrementes, a consistência e o odor do carvalho começavam a falar, já perceptivelmente, da lentidão e da constância com que a árvore cresce. O carvalho mesmo assegurava que só semelhante crescer pode fundar o que dura e frutifica; que crescer significa: abrir-se à amplidão dos céus, mas também deitar raízes na obscuridade da terra; que tudo que é verdadeiro e autêntico somente chega à maturidade se o homem for simultaneamente as duas coisas: disponível ao apelo do mais alto céu e abrigado pela proteção da terra que oculta e produz. (HEIDEGGER, 1949)

A almejada transformação do mundo só pode nascer como resultado de um profundo pensar o mundo, acreditamos que a profundidade desse pensar se dá pela preconizada abertura perante o nosso ser e o ser mesmo do mundo. Na raiz da proposta agroflorestal está esta jornada, jornada sem volta que vem encontrando, como ousamos dizer, certos princípios como: 1-o respeito pela Natureza, vista como a Mãe, criação divina; 2-reciprocidade, o mundo não está repleto de recursos, mas de seres, a grande força da entidade humana está em poder, através da forma como se comporta, influenciar a reação do meio; 3- a re-inserção do humano no ecossistema, conseqüentemente podendo ressoar, na sua obra, uma continuidade com o todo, do qual somos parte e perante o qual somos responsáveis; 4- a cooperação de todas as formas de vida e o constante aprimoramento operado pelo “trabalho da Natureza”, pois é no mesmo processo de “produzirem” sua própria existência que os diferentes seres agem co-laborando para a saúde e pleno desabrochar da unidade da vida.

Pretendemos ainda, ao falar sobre uma erosão da linguagem atentar para o risco de repousarmos sobre tais princípios, o que acabaria por, antes, acomodá-los ao nosso fazer. Daí a necessidade de manter o sistema aberto, de manter-nos nessa constante busca, que já tem direção e que sempre que se vê enredada, silencia para encontrar e se reconectar ao fundo que lhe dá origem, e assim poder agir. A ação não pode prescindir desse ato, a ética do habitar não é um processo mecânico de aplicação de princípios, é antes uma experiência de educação de si, em comunhão com os outros homens e com a vida.

## 5.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos ter respondido nossas questões primordiais ao apontarmos um processo histórico de transformações que, ainda que sempre resultado do contato entre diferentes sujeitos em suas posições sociais e culturais, se efetivou enquanto uma hibridização cultural, muitas vezes forçada e com evidente prejuízo das populações e sociedades não hegemônicas. A apresentação do saber agroflorestal enquanto prática de um diálogo de saberes, ou de uma transmodernidade (pois assume a validade das práticas ancestrais ao mesmo tempo que as re-elabora com contribuições provenientes do processo desencadeado pela modernidade) e a sua inserção na região em questão representam dentro deste processo histórico uma oportunidade inaudita de desenvolvimento pois prioriza as necessidades e o bem-estar dos sujeitos, que deixam de ser tutelados e passam a construir mais ativamente sua proposta de vida, assumindo a partir do fortalecimento de seus laços (associativismo) uma gestão mais autônoma de seu território e de seu próprio futuro.

A condição própria do saber agroflorestal, tal como re-elaborado pelos agrofloresteiros da COOPERAFLORESTA, no entanto, que como pretendemos demonstrar re-atualiza uma condição já presente em seus modos tradicionais de viver e trabalhar, acaba por oferecer alternativas na abordagem do conhecimento a partir de uma concepção diferenciada da Natureza. Esta concepção que poderíamos configurar como monista, pois insere o homem e seu saber dentro de uma Natureza abrangente, acaba por definir critérios para a ação pois aparece como próprio da vida o “trabalho” na direção de permitir mais vida. Falamos aqui numa ética, pois é primordial para essa forma de compreensão que ela seja uma com as próprias atitudes, e em habitar por que sua atitude fundamental é a de não reduzir o outro a um para mim, mas de mantendo-o em seu ser, com ele se relacionar. Relação esta que visa um aprimoramento da unidade da vida.

Pensamos que nesta viagem em que as margens ficam para trás, na busca de outras margens, foi fundamental o pressuposto de não reduzirmos o

conhecimento dos sujeitos ao conhecimento científico, antes admitindo que o resultado do diálogo poderia surpreender ambas as partes. Assim emerge como contribuição da filosofia para a busca pela interdisciplinaridade a discussão acerca dos fundamentos que permitem a constituição de um dado saber e fazer científico, buscando as origens e implicações de um dado conhecimento, ao mesmo tempo propondo caminhos que superem as barreiras sociais constituídas e aproximem conhecimento e vida, teoria e prática, ciências naturais e humanas, saber científico e saber tradicional.

É dessa aproximação que podem emergir outras racionalidades (racionalidade ambiental) e formas de viver e produzir (eco-tecnologias). Pensamos que a emergência dessas outras racionalidades é um processo não somente fecundo mas extremamente necessário para uma proposta de filosofia que pretenda contemplar a realidade e dinâmica de nossa população. Assim a ida a campo com a bagagem da filosofia nos permite re-avaliar a validade, ou não, de nossos pressupostos, assumindo também uma identidade histórica, social, cultural, biológica, ecológica e por que não espiritual com a nossa população, que não representa senão a grande luta da própria humanidade com suas agruras e maravilhas, que fez do Brasil uma imensa nação inter-cultural. As constantes referências realizadas ao longo do trabalho aos acontecimentos do momento presente em nossa sociedade visam tornar mais vívido o conflito político, social, e ideológico que define obstáculos e possibilidades para a construção dessas alternativas. Tal paradoxo se expressa nas conferências recém realizadas no Rio de Janeiro resumindo vinte anos da eclosão do debate ambiental em toda a sociedade. Tal questão será assimilada por uma economia verde, ou uma racionalidade hegemônica que constantemente se transforma para permanecer no seu mesmo rumo? Ou a cúpula dos povos e o apelo de outras racionalidades será ouvido para o seu efetivo reconhecimento, não só como outras formas de vida mas como detentores de lições ainda não totalmente esquecidas pelos corações endurecidos da selva de pedras?



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, T. ; PEREIRA, C.A. ; OLIVEIRA ANDRADE, M. R. de (editores). **Negros no Ribeira -2 ed.**- São Paulo: ITESP: Páginas & Letras- Editora Gráfica, 2000 (Cadernos do ITESP 3)

ANJOS, Rafael S. A. dos. Meio Ambiente, Antigos Estados Políticos e Referências Territoriais da Diáspora. In: **Educação Africanidades-Brasil**. Universidade de Brasília, 2006.

BRANDENBURG, Alfio. Colonos: Subserviência e autonomia. In: **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Editora UFPR, 1998.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977

CARENO, Mary Francisca do. **Nhunguara: uma comunidade rural do Vale do Ribeira**. Rev. hist., São Paulo, n. 132, jun. 1995. Disponível em: [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-83091995000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83091995000100006&lng=pt&nrm=iso) acesso em: 28/09/2011

COATS, Callum. **Living Energies: Viktor Schaubergers brilliant work with natural energy explained**. Sem data de publicação.  
em: <http://bearcy.com/9/6viktor.pdf> acesso em: 21/03/2012

DIEGUES, Antonio Carlos. **O Vale do Ribeira e Litoral de São Paulo: meio-ambiente, história e população**. CENPEC, 2007.  
em: <http://www.usp.br/nupaub/cenpec.pdf> acesso em: 10/03/2012

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber**. Buenos Aires: Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales- CLACSO, 2005

\_\_\_\_\_. **Meditações Anticartesianas sobre a origem do antidiscurso filosófico da modernidade**. In: SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? in LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber**. Buenos Aires:Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales- CLACSO, 2005

FLORIANI, Dimas. **Conhecimento, meio ambiente & globalização**. Curitiba: Juruá, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Extensão e Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional in. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GOETHE, J. W. **A Metamorfose das Plantas**. prefácio 3ed. Rev. - São Paulo: Editora Antroposófica, 1997

GÖTSCH, Ernst. **Homem e Natureza: Cultura na Agricultura**. Recife: Recife Gráfica Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. **Break Through in Agriculture**. Baía, Fazenda Três Colinas Agrossilvicultura LTDA., 1994.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. Buenos Aires, 2004.  
em:[http://www.laeditorialvirtual.com.ar/pages/heidegger/heidegger\\_construirhabitar\\_pensar.htm](http://www.laeditorialvirtual.com.ar/pages/heidegger/heidegger_construirhabitar_pensar.htm) acesso em: 10/01/2012

\_\_\_\_\_. **O caminho do Campo**. 1949. Tradução: Stein, Ernildo. e Moutinho, José Geraldo Nogueira.  
em:<http://caminhodocampo.blogspot.com.br/2008/03/o-caminho-do-campo-martin-heidegger.html> acesso em: 17/04/2012

\_\_\_\_\_. **SERENIDAD**. Tradução de ZIMMERMANN, Yves. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1994.  
Em:<https://docs.google.com/file/d/0B2n62xD3SgHWNTI5MWMxYmYtOGQxMy00NWlyLWJhZWUtM2ExYjAxYWVhNDg5/edit?pli=1> acesso em: 15/06/2012

HUSSERL, E. **Renovación del hombre y de la cultura**. Cinco ensayos. México: Anthropos, 2002.

LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber**. Buenos Aires:Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales- CLACSO, 2005

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da Natureza.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ecologia, Capital e Cultura: A territorialização da racionalidade ambiental.** Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LEONEL, Mauro. **O uso do fogo: O manejo indígena e a piromania da monocultura.** In. *Estud. av.* vol. 14 no. 40 São Paulo, 2000

em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010340142000000300019&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010340142000000300019&script=sci_arttext) acesso em: 29/09/2011.

MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão: O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

MIGNOLO, Walter. *A Colonialidade de Cabo a Rabo: o Hemisfério Ocidental no Horizonte Conceitual da Modernidade.* LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber.** Buenos Aires: Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2005.

MORIN, Edgard; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1995.

\_\_\_\_\_. *El Método I.*  
em: [www.edgardmorin.org](http://www.edgardmorin.org) acesso em :01/08/2011

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder e classificação social.* in. SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

SCHELLING, F.V. **Obras Escolhidas.** Coleção Os Pensadores. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem.** São Paulo: Iluminuras, 1990.

SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Conhecimento prudente para uma vida decente.** São Paulo: Cortez, 2004.

STEINER, Rudolf. **O Método Cognitivo de Goethe.** São Paulo: Editora Antroposófica, 2004.

\_\_\_\_\_. **A filosofia da Liberdade.** São Paulo: Editora Antroposófica, 2000.

STUCCHI, D. **Percursos em Dupla Jornada: O papel da perícia antropológica e dos antropólogos nas políticas de reconhecimento de direitos.** Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

em:<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000365028>  
acesso em: 29/09/2011.

UNGER, Nancy Mangabeira. Heidegger: salvar é deixar ser. in.**Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental.** Ministério da educação/ UNESCO. Brasília, 2006.

VALENTIN, A. **Entre o Chuço e o Remo: agricultores e caiçaras no Vale do Ribeira (1800-1880).** Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu -MG, 2006.

em:[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_494.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_494.pdf)  
acesso em :18/09/2011.

\_\_\_\_\_.**Uma civilização do arroz: agricultura, comércio e subsistência no Vale do Ribeira (1800- 1880).** Tese (Doutorado em História Econômica da faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo) São Paulo, 2006.

VAZ, Patricia. **Viagem por Minas Gerais com Ernst Götsch.** Sem data disponível. Em : <http://www.agrofloresta.net> acesso em: 12/01/2012

VILLORO, L. **Aproximações a uma Ética da Cultura.** Tradução de RANGEL, Lúcia H in: MARGEM, SÃO PAULO, N° 21, P. 47-64, JUN. 2005.

TOLEDO, Vitor; BASSOLS, Narciso B. **A Etnoecologia: Uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais.**